



Impressionante escalada de banditismo varre Lisboa. Do «inocente» carteirista ao assaltante à mão-armada, passando pela burla em jeito de negócio, todos os marginais parecem interessados numa estranha «batalha de produção» que atinge proporções espectaculares. Aos ladrões mais tímidos ou estagiários abrem-se novas perspectivas de «trabalho» com involuntária homologação do Conselho de Ministros: medidas de austeridade determinam poupança de energia. As luzes da capital apagam-se agora mais cedo: os criminosos agradecem; a Polícia regista

Imprensa em foco no Conselho da Revolução

Terminou já de madrugada a reunião do Conselho da Revolução, iniciada ontem à tarde para se debruçar e deliberar sobre os vários pontos de uma agenda de trabalhos bastante sobrecarregada, entre os quais se destacava a revisão do Pacto entre o M.F.A. e os partidos, cujas propostas haviam sido entregues na quarta-feira passada à comissão militar nomeada para o seu estudo.

Ao princípio da manhã foi divulgado o comunicado final da reunião, cujo teor é o seguinte:

«O Conselho da Revolução, reunido em 6 de Janeiro de 1976, analisou a actual situação política, tendo ouvido uma exposição sobre as propostas dos partidos políticos signatários da Plataforma de Acordo Constitucional, quanto à revisão da mesma.

«O Conselho da Revolução aprovou o estatuto Orgânico de Macau, que concede a este Estado ampla autonomia administrativa. Tomou conhecimento de novos aspectos das últimas manifestações que provocaram incidentes junto das cadeias de Caxias e Custóias. Lamen-

tando as vítimas havidas, considera de chamar a atenção dos cidadãos desprevenidos e bem intencionados para a instrumentalização que forças políticas de vários quadrantes e origens procuram levar a cabo, com intensidade crescente e finalidades de fácil identificação. A participação constante de elementos estrangeiros em todas as acções de agitação, muitos indesejáveis nos seus países de origem, levou o Conselho da Revolução a decidir ordenar a elaboração de legislação tendente à rápida normalização de uma situação que a breve prazo se poderá tornar insuportável para o povo português.

«Foi igualmente analisada a presente acção dos órgãos de Comunicação Social estatizados, tendo sido decidido tomar, em coordenação com o Governo, as necessárias medidas com vista à sua normalização.

«O Conselho da Revolução estudou também a problemática da subida de preços, tendo decidido solicitar ao Governo mais completos esclarecimentos.

Foi ratificado o decreto-lei do Governo sobre saneamento na Banca e Companhias de Seguros e aprovado um decreto

que concederá maior rapidez ao julgamento dos elementos da ex-P. I. D. E./D. G. S. e L. P. detidos.

O Conselho da revolução ouviu ainda uma exposição sobre o andamento do inquérito aos acontecimentos do 25 de Novembro e tomou algumas decisões no sentido de permitir uma maior eficácia.

O comunicado, que não adianta pormenores sobre as decisões tomadas, permite no entanto apreender que foram, se não concluídos, pelo menos abordados todos os pontos da agenda.

Questões como os incidentes de Custóias e Caxias terão tido grande importância nos debates e, segundo informações recolhidas, tanto o Presidente da República como os membros do Conselho da Revolução dispõem agora de um conjunto bastante alargado de informações de várias origens.

susceptível de contribuir eficazmente para o rápido apuramento da verdade. Sabe-se que uma delegação da Comissão de Familiares dos Militares Revolucionários Presos foi ontem a noite recebida em Belem pelo capitão Marques Júnior, conselheiro da Revolução, o qual preside à Comissão de Inquérito aos acontecimentos de 11

de Novembro.

A posição do M. F. A. no processo político é neste momento um assunto candente, mas sobre o qual parece ainda não haver uma tomada de posição definitiva. Sabe-se, no entanto, que elementos preponderantes do M. F. A. consideram necessário que este continue com um papel activo, único processo de salvaguardar as conquistas da Revolução. Esta ideia é quase generalizada e ainda recentemente, em declarações prestadas aos órgãos de Informação, o brigadeiro Charais se referiu à necessidade de um «controlo do M. F. A. sobre o poder político», ainda que mínimo.

Quanto à forma de eleição do Presidente da República, a maioria dos partidos e dos membros do Conselho da Revolução defende o sufrágio directo universal. Informações de boa fonte referem ainda que esta reunião do Conselho da Revolução teria reflectido, da parte de vários membros, a noção de um perigoso avanço das forças de direita e a determinação de travar esse avanço.

20 PÁGINAS

Governo espanhol ameaça "militarizar" os grevistas do "metro"

MADRID, 7 — (R) — Elementos da Polícia de Choque espanhola expulsaram hoje cerca de 2500 trabalhadores do metropolitano e de uma igreja nos subúrbios de Madrid, a fim de acabarem com uma manifestação sentada que paralisou ontem essa rede de transportes na capital.

O protesto, em apoio de reivindicações salariais a seguir a um aumento das passagens no metropolitano, envolveu mais de metade da força trabalhadora desse sistema de transporte colectivo de Madrid, numa greve considerada como pondo à prova as relações da classe operária com o novo Governo da era pós-Franco.

Após uma sessão de emergência do Gabinete, foi emitido ontem à noite um comunicado ameaçando sujeitar os grevistas a disciplina militar, mas acrescentando que continuavam negociações sobre a disputa.

Um homem que se encontrava dentro do templo declarou à Reuter pelo telefone que os manifestantes estavam a abandonar a igreja sossegadamente, após a Polícia de Choque ter cercado as ruas vizinhas e ordenado a todos para abandonarem o edifício.

Antes, parentes e amigos levaram alimentos aos manifestantes, que ocuparam a igreja, na segunda-feira à noite, e an-

daram a angariar dinheiro nas ruas da cidade para o fundo da greve.

O homem que telefonou para a Reuter disse que novas conferências se efectuariam hoje para decidir quanto a um regresso ao trabalho em virtude do comunicado governamental e da acção policial.

«A Polícia de Choque estava armada com granadas de gás lacrimogénico e bastões, e pronta a empregá-los se não saíssemos da igreja. Em virtude disso, resolvemos abandonar o templo», acrescentou.

A ameaça de «militarizar» o pessoal do Metro, ameaça que se concretizou durante uma

Continua na pág. 20



BOMBA DESTRÓI COOPERATIVA NO PORTO

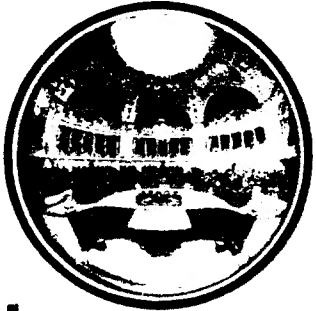
PORTO, 7 — Uma bomba de enorme potência destruiu esta madrugada, poucos minutos depois das cinco horas, a sede da Cooperativa de Actividades Artísticas «Árvore», situada na Rua Azevedo de Albuquerque desta cidade. Os técnicos de armadilhas da PSP ainda não elaboraram um relatório sobre

as características e a provável potência do engenho explosivo mas, tendo já estado no local, puderam dizer-nos esta manhã tratar-se «de uma explosão fora do vulgar» tendo as paredes aguentado por serem de granito e bastante resistentes.

Uma primeira visão dos es-

Continua na pág. 20

Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

Perguntas ao Governo

Com notável coerência, e respeito pelo programa do seu partido (P. S.), o deputado Kalidás Barreto pôs ontem em S. Bento, na reabertura dos trabalhos da Constituinte, a questão essencial que se levanta neste momento aos trabalhadores portugueses. Em forma de requerimento dirigido ao VI Governo, aquele deputado e militante sindical, perguntou a quem agora nos governa se se julga conveniente esclarecer urgentemente o País, de forma acessível, o que se pretende às classes trabalhadoras em troca dos sacrifícios pedidos.

Nos considerados em que baseia o seu requerimento o deputado socialista lembrou que «a classe trabalhadora foi a mais duramente atingida pelo regime fascista e que «o movimento do 25 de Abril se fez com o objectivo de resolver os problemas dos oprimidos e explorados do nosso país. Recordou também que desde essa data as recompensas dos trabalhadores se têm limitado ao «bem espiritual de alguma liberdade» e que necessitam, embora dispostas aos sacrifícios e compreendendo as dificuldades do País, «saber qual o rumo concreto da Revolução», é imperioso, em suma, que se lhes demonstre de forma inequívoca que o Governo não pretende a recuperação do capital mas sim o avanço para a Sociedade Socialista.

E A BANCA?

Na sessão de ontem, em que se concluiu a aprovação do articulado sobre os Tribunais, um outro requerimento merece realce e Avelino Gonçalves (P.C.P.) perguntou ao Ministério das Finanças se pretende ou não nomear para as Comissões Administrativas da banca «ex-administradores da banca capitalista, saneados dos bancos após a nacionalização» e se entre esses elementos se contam «familiares de grandes banqueiros e monopolistas, nomeadamente de Jorge de Melo».

Avelino Gonçalves requereu também que lhe fosse dada resposta à questão de, no caso da nomeação dos novos administradores vir a ser feita por três anos, quais eram as «propostas ou intenções do Ministério das Finanças quanto à reestruturação da Banca».

Ou entenda o Ministério — perguntou ainda — que tal reestruturação não deve ser feita? Nos respectivos considerandos o deputado comunista lembrou, nomeadamente, que «a nacionalização da banca foi uma das mais importantes conquistas dos trabalhadores» e que «urge



Kelidás Barreto (P.S.): «é imperioso demonstrar ao povo trabalhador, de forma inequívoca, que o Governo não pretende a recuperação do capital, mas sim o avanço para a sociedade socialista»

avancar na reestruturação da Banca em termos de a colocar efectivamente ao serviço do Povo». Recordou, a este propósito, que há planos de reestruturação já velhos de meses».

«NEUTRALIDADE»

Um requerimento curioso foi o de Jaime Gama, do P. S. Representante do seu partido pelos Açores, aquele deputado, tendo em atenção que a população açoriana se encontra sensivelmente alarmada (sic) requereu que o senhor Primeiro-Ministro o informe, para que possa ser dado conhecimento a opinião pública açoriana se «é ou não verdade que o aeroporto internacional de Santa Maria está a ser utilizado pela aviação cubana para realizar uma ponte aérea de transporte de pessoal e material de guerra com destino ao M.P.L.A. Outra das justificações para a pergunta foi «a posição de neutralidade» do Governo português em

relação à descolonização de Angola.

Dissemos que o requerimento nos pareceu curioso, pois julgamos que o deputado socialista iria fazer referência a eventuais escalas de aviões norte-americanos no aeroporto das Lajes, também nos Açores, para transporte de material de guerra um jornal americano falou também de pessoal para a F.N.L.A. e U.N.I.T.A...

Ainda antes da ordem do dia falaram José Luis Nunes (P. S.) que defendeu a plena reintegração de magistrados do extinto Tribunal Pleno do Porto, considerando que não desempenharam as suas funções de «forma desonrosa ou desprestigiante»; o deputado Artur Cortês (P. S.) que referiu os problemas dos trabalhadores-estudantes e Angelo Correia (P.P.D.) responsável por uma longa e retórica e análise do problema timorense. Houve ainda vários requerimentos de deputados do P. S. a propósito das irregularidades na contagem das chamadas telefónicas; sobre a nova divisão administrativa do País e acerca dos aumentos de preços em numerosos artigos essenciais.

Dado que a 7.ª e a 8.ª comissões ainda não concluíram os respectivos trabalhos prevendo-se que tal aconteça apenas no final desta semana — o Plenário discutirá hoje a proposta do P. S. que pretende iniciar já o debate na generalidade do texto relativo ao Poder Político. Os restantes partidos não estão de acordo pois consideram que tal só deverá ser feito após a conclusão das negociações em curso com o M.F.A.

Esta «pressa» do P.S., parece, aliás, sintomática de uma tentativa de procurar definir já, antes das eleições para a Assembleia Legislativa, algumas das questões de fundo relacionadas com o Poder político. O P.P.D. e o C.D.S. parecem entretanto pouco apressados. Barbosa de Melo (P.P.D.) foi aliás significativo ao responder ontem a José Luis Nunes, a propósito da autonomia ou não dos agentes do Ministério do Público, que o «futuro dirá», e lembrando que a Assembleia Legislativa poderá vir a «pensar de maneira diferente».

E. A.

P.C.P. critica a pressa do VI Governo quanto às eleições

«Ao contrário do que afirmam as calúnias da reacção e dos partidos de direita, o P.C.P. não teme as eleições» — lê-se num comunicado ontem emitido pela Comissão Política daquela organização: — «Tem confiança no povo português, respeita e respeitará, em cada caso, a expressão da sua vontade». O texto da Comissão Política do P.C.P. é uma declaração pública a propósito das instruções sobre matéria eleitoral da reunião do Conselho de Ministros do passado dia 23 de Dezembro e na altura divulgadas. As considerações do partido centram-se sobretudo na recomendação segundo a qual as eleições para as legislativas deverão realizar-se no dia 25 de Abril deste ano e na decisão anunciada de actualizar o recenseamento.

CERTAS REGIÕES

«O P.C.P.» — diz — «não pode deixar de estranhar que o Governo decida, em princípio, convocar eleições gerais dentro de poucos meses e disponha acerca dos seus trabalhos preparatórios, como a actualização do recenseamento, sem fazer a mais ligeira referência a situações antidemocráticas, reinantes em vastas zonas, que impedem de direito ou de facto o exercício da actividade do P.C.P. e de outros partidos democráticos». — «Em face desta omissão» — prossegue a nota — «o P.C.P. considera necessário chamar firmemente a atenção uma vez mais para a situação existente nos Açores onde, por ordem das autoridades militares locais, foram suspensas as actividades e encerrados os centros de trabalho do nosso partido e obrigados, por força, a partir para o Continente os mais destacados militantes comunistas e outros destacados antifascistas».

Falando dos Açores, o texto lembra igualmente a situação em alguns distritos do interior do Continente — Viseu, Guarda, Bragança, Braga, Leiria — e outras regiões do País onde — diz — «a actividade política das organizações de esquerda está praticamente impedida, sem que as autoridades civis e militares intervenham para modificar a situação».

Lembrando que «a primeira condição para que as eleições dos órgãos de soberania sejam livres, genuínas e honestas, é a garantia das liberdades democráticas e do exercício do direito dos cidadãos em todo o território nacional e depois de sublinhar que «ninguém ignora que esta condição não se encontra preenchida» nas citadas regiões do País, o P.C.P., «reclama das autoridades medidas urgentes que revoguem a situação antidemocrática estabelecida nos Açores e em todas as regiões do País onde as liberdades foram suprimidas». Mais, diz: «Se estas medidas não são rapidamente adoptadas, não haverá eleições e nem sequer a garantia de uma actualização honesta do recenseamento».

tia de uma actualização honesta do recenseamento».

ACTUALIZAÇÃO DO RECENSEAMENTO

Pronunciando-se acerca da anunciada actualização do recenseamento, o P.C.P. denuncia a intenção que o Governo tem de «acelerar as eleições para a Assembleia Legislativa». E objecta: «Esta decisão, que envolve centenas de milhares de novos eleitores, comporta, porém, na opinião dos próprios técnicos do M.A.I., a possibilidade dificilmente evitável de permitir «grosseiras fraudes e falsificações».

Diz o P.C.P.: «A par das medidas para garantir as condições de liberdade, o exercício dos direitos dos cidadãos, a tranquilidade e a confiança públicas, a realização de uma actualização honesta do recenseamento, primeiro acto das próximas eleições para a legislativa, exige firmes disposições que assegurem, sem qualquer coacção, uma eficaz fiscalização por parte de todos os partidos políticos e dos cidadãos em geral».

Reforma Agrária

aproxima P.S. e P.C.P.

O Partido Comunista e o Partido Socialista chegaram a um acordo comum sobre a Reforma Agrária, segundo declarações de um membro do P. S. à Anop. Brevemente será divulgado um documento, que é o resultado de uma série de negociações entre os dois partidos. Um dos seus pontos principais é aquele que se refere à cessação imediata das ocupações de terra, de acordo com as leis de expropriações

e das nacionalizações.

Segundo um elemento do P. C. P. o que está em causa não é o homem ou a política, mas sim o conteúdo político da Reforma Agrária que se vai seguir. A sua opinião é de que «fundamentalmente isso foi obtido». O mesmo elemento do P. C. P. disse ainda à Anop que «o importante é defender a Reforma Agrária, uma das conquistas mais importantes dos trabalhadores desde o 25 de Abril».

Pinheiro de Azevedo adverte

«Não é fácil dirigir ministérios»

«Não é fácil dirigir Ministérios» — disse o Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo ontem ao princípio da tarde no Palácio de Belém e no uso da palavra quando do acto de posse dos dois novos ministros do VI Governo: o tenente-coronel José Augusto Fernandes como titular da pasta dos Transportes e o eng.º Walter Rosa na da Indústria.

Pinheiro de Azevedo referia-se à pasta da Indústria e à demissão, a pedido do próprio, do antecessor de José Augusto Fernandes, o eng.º Marques do Carmo. A cerimónia de posse dos dois novos ministros do VI Governo contou com a presença do Presidente da República e a ela assistiram ainda, além do Primeiro-Ministro, o ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, secretário de Estado do Ambiente, arquitecto Ribe-

ro Teles, e alguns elementos do Conselho da Revolução.

Ainda no uso da palavra, Pinheiro de Azevedo sublinhou o que a posse dos ministros representava de avanço no sentido da recomposição do VI Governo que esta praticamente concluída. Lembrou as dificuldades que houve e falou do Governo que dirige.

«Não é um Governo de coligação» — lembrou — «é um Governo de unidade nacional, com três partidos com progra-

mas completamente opostos em muitos sectores da política nacional e, ainda por cima, com o MFA que, não sendo partido, não deixa de ter, sobre pontos fundamentais, a sua política precisa».

Falando antes, o general Costa Gomes manifestara o seu apreço por os novos ministros terem aceitado os cargos que ora ocupam. «Um acto de coragem» — considerou, tendo em conta «a época conturbada em que vivemos».

Vasco Lourenço

adia visita aos «comandos»

O comandante da Região Militar de Lisboa, brigadeiro Vasco Lourenço, adiou para sexta-feira a visita que estava marcada para hoje ao Regimento de Comandos.

Vasco Lourenço será recebido, naquele Regimento, pelo coronel Jaime Neves e pelo major Lobato de Faria.

Entretanto está prevista para amanhã a visita do chefe do Estado-Maior do Exército, general Ramalho Eanes, à Escola Prática de Cavalaria de Santarém. O brigadeiro Vasco Lourenço e outros oficiais superiores do E.M.E. e da R.M.L. deverão acompanhar o general Eanes nesta deslocação.

PARA AS LEGISLATIVAS

Recenseamento deve ser em Fevereiro

O projecto-lei do novo processo de recenseamento para as eleições legislativas que o Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos está a elaborar, deverá ser apresentado até ao próximo sábado. Depois de aprovado e sabado pelo Governo proceder-se-á, até 30 do corrente, à instalação das Comissões de Recenseamento. Este far-se-á provavelmente na segunda quinzena de Fevereiro.

Este grupo de trabalho, pre-

sido pelo comandante Costa Correia e composto por um elemento do PCP, outro do PS e outro do PPD, além de técnicos do Ministério da Administração Interna, deve apresentar, também até ao próximo dia 20, outro projecto-lei, relativo à Lei Eleitoral. A sua base será a anterior Lei Eleitoral, embora adaptada de acordo com as linhas traçadas pela Assembleia Constituinte.

Por sugestão do Secretariado, pouco depois de ter entra-

do em funções, as eleições para a Assembleia Legislativa deverão efectuar-se, se tudo correr bem, até 25 de Abril, dado que a sugestão foi aceite pelo Governo.

CHECOSLOVÁQUIA 75

Uma exposição sob o tema «Checoslováquia 75» será inaugurada no próximo dia 8, às 18 horas, na sala dos Espe-

lhos do Palácio Foz. O certame, que procura dar uma visão sobre aquele país, manter-se-á aberto até ao dia 28.

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa).

Solidariedade ao «D L»

Alguém consultou o povo?

Silvério D. Branco — LISBOA

Os passageiros não foram avisados

Domingos Manuel Requeira Camacho — LOUSA

O povo começa a estar farto

Manuel da Costa e Silva — COIMBRA

Porque não utilizam a Renascença?

R.M.A.B. (identificado) — S. PEDRO DO ESTORIL

A burguesia desenvolveu-se na Península em estreita aliança com os grandes proprietários agrários. Ambas as forças assumiram em função dos seus interesses de classe todas as prerrogativas em oposição ao direito natural, tradicional e inalienável das diferentes entidades nacionais ou regionais, impondo pela força critérios unificadores, os quais, tendo embora cumprido a sua função de veículos de exploração, não conseguiram anular o sentimento nacionalista, que actualmente se apresenta como uma grande força mobilizadora e revolucionária. Referindo-se a este tema, Dolores Ibárruri, presidente do Partido Comunista Espanhol, dizia em 1970: «A ditadura franquista, com que as forças obscurantistas e reaccionárias julgavam ter assegurado, durante séculos o seu domínio sobre uns povos capazes de se imolar na defesa do seu direito à liberdade — pela brutalidade, pela incompetência, pelo cínico aproveitamento de todas as riquezas nacionais em benefício da classe governante — radicalizou o processo democrático e descentralizador, que hoje abala os alicerces do regime».

UM DIREITO RECONHECIDO

O não reconhecimento estrito, por parte dos socialistas espanhóis, deste direito fez com que, na altura da sublevação militar de Franco, os povos basco, galego e catalão não tiveram organizações populares suficientemente fortes para se lhe oporem. Enquanto a burguesia das diferentes nacionalidades viu com bons olhos o levantamento de Franco, as classes populares não entenderam de que o franquismo fosse muito diferente das formas de dominação que até aí tinham sofrido. É neste contexto que pode entender-se a falta de apoio popular que o movimento guerrilheiro teve em Espanha na etapa posterior à guerra civil.

No desenvolvimento da luta

A black and white outline map of Spain. The central area is labeled 'ESTADO ESPAÑOL'. Surrounding regions are labeled: 'GALICIA' in the northwest, 'ASTURIAS' in the north, 'PAÍS VASCO' and 'NAVARRA' in the north-central area, 'CATALUÑA' in the northeast, 'VALENCIA' in the east-central area, and 'BALEARES' in the southeast. The Balearic Islands are shown as a small group of islands to the east of the mainland.

Região	Km2	Habitantes	Hab./Km2
Galiza	28.900	2.602.000	90
Astúrias	10.800	989.000	91,5
Vascongadas	7.100	1.432.000	201,6
Navarra	10.400	402.000	38,5
Catalunha	31.700	3.948.000	318,8
Baleares	5.000	443.000	88,6
Valência	23.100	2.481.000	107,4
TOTAIS	117.000	12.297.000	105,1
RESTO DE ESPANHA	387.748	20.453.000	52,7

Reconhecendo o perigo que podia advir para a continuação de um pseudo-franquismo o não travar, pelo menos, as aspirações dos diferentes povos ibéricos, o Governo espanhol emitiu um decreto-lei, na etapa da Chefia Provisória de Juan Carlos que precedeu a morte de Franco, na qual se fazia uma série de concessões mínimas — uso de língua própria, eleições das autarquias locais — e que foi apresentado como um início de um processo de liberalização. A manobra do poder, consiste em repartir uma parte do «bolo» com as burguesias nacionalistas, para

O Movimento Comunista de Espanha, organização integrada, juntamente com o PSOE, na Plataforma de Convergência, declara no seu primeiro congresso, reunido em Setembro de 1975, que «o poder popular reconhecerá o direito à autodeterminação das nacionalidades, o que comporta a possibilidade de se separarem e constituírem Estados aparte», manifestando a seguir o entendimento de que «é a unidade fundada no livre consentimento, e não a desagregação que corresponde aos interesses do povo e ao avanço da revolução».

Gostaria que o Rei desse mais liberdade às Regiões?

Sim	75	80	61	60	61	55	59	29	66
Não	10	9	15	11	21	18	21	35	15
Não sei	15	11	24	29	18	27	20	36	19
	Madrid	Catalunha	Aragão	Pais Basco	Pais Valenciano	Centro	Andaluzia	Leão	Galiza

JUAN CASTELLANO

AMPLA MAIORIA

Galiza, o País Basco, Catalunha, o País Valenciano têm visto surgir em muito curto período de tempo, novas formações democráticas. Dá-se a circunstância de que tanto no País Basco como na Catalunha existirem representações oficiais, no exílio, dos Governos independentes que se constituíram na República, na Catalunha, e, durante a guerra civil, no País Basco. Uma das primeiras missões dos novos organismos criados foi entrar em contacto com estas representações históricas, a fim de evitar dualidades de representação, o que atrasaria consideravelmente a sua implantação em todo o território.

O que hoje não oferece dúvidas é que « voltamos a citar Dolores Ibárruri — «querer travar o desenvolvimento histórico de Espanha, sujeitando-o a estruturas arcaicas ou inoperantes é viver de olhos postos num passado que nunca mais regressará; é correr o risco de ser arrastado pela indomável torrente dos povos em marcha para o futuro de justiça, democracia, paz e socialismo». Muitas significativas são as declarações de uma personalidade tão definida da direita espanhola como José María Gil Robles, o qual entende que «é um facto fora de toda a discussão o fracasso do centralismo absorvente e estéril. Se se partir de uma completa realidade nacional na qual coexistem, em virtude de um processo unificador voluntário, diversos povos com peculiaridades históricas e geográficas bem definidas, com tradições, costumes, língua e história muito próprias, com legislação e Governo específicos até épocas recentes dificilmente pode conceber-se que a estrutura do Estado de Espanha possa desconhecer essa poderosa realidade no futuro».

Carne francesa e manteiga alemã para o estômago português

Segundo Jorge Campinos

SÃO INJUSTAS AS CRÍTICAS ÀS RELAÇÕES ECONÓMICAS ENTRE PORTUGAL E A U.R.S.S.

Toneladas de carne de Bordéus e de manteiga da R. D. A. virão normalizar o mercado de consumo interno onde os produtos básicos escasseiam.

Já chegou a primeira remessa de carne francesa de uma encomenda que ultrapassa substancialmente as muitas toneladas descarregadas, anteontem, de doze camiões. A importação daquele produto, de harmonia com a decisão tomada pelo M. C. I., irá processar-se escalonadamente de modo a evitar que o mercado abastecedor se ressentia da sua carência.

No Norte do País, ao contrário de grande parte do Centro e do Sul, a falta de carne não se tem tornado evidente, o que se explica pelo facto de nessa região o abate de gado se fazer muitas vezes, nos matadouros, por conta própria. Os proprietários nortenhos que assim procedem queixam-se de que a Junta Nacional dos Produtos Pecuários não lhes oferece nem paga, o merecido, mas face ao impasse que se atingiu em Lisboa e noutros pontos do País com a falta de carne (salvo de porco e de cavalo) não exorbitaram nos preços.

Para os açambarcadores particularmente para um morador da capital (no Areeiro) que chegou ao cúmulo de comprar dois frigoríficos para se prevenir contra o «espectro» de uma escassez que julgou continuar, as toneladas procedentes de Bordéus e a decisão ministerial de acerta os preços de toda a carne em Fevereiro, representam um rude golpe.

Deve atribuir-se, aliás, ao açambarcamento o preço incontrolado que a carne alcançou nos últimos dias apesar das tabelas em vigor.

Mas nem só a carne tem sido problema precário neste País, onde também rarearam o arroz-retido nos armazéns pelos comerciantes a retalho — e o azeite, dois produtos com aumento governamentalmente decidido e já em prática. Ante a perspectiva de outros aumentos para o próximo mês e daqueles que já foram consumados, treze sindicatos convocaram para o dia 17 em Lisboa um comício «contra o aumento do custo de vida e contra o congelamento de salários».

CARNE E BATATAS OBJECTOS DE ESCLARECIMENTO

Entretanto, o Ministério do Comércio Interno esclarece, para rebater a notícia publicada ontem por um matutino de Lisboa, ser incorrecto admitir que não haverá aumentos nos óleos alimentares, porquanto prosseguem reuniões entre direcções e técnicos de alguns organismos com «o objectivo de passar em revista a situação do País em matéria de abastecimento e preços relativamente ao 1.º semestre do ano em curso».

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casa Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançã

O mesmo Ministério esclarece ainda, em nota oficiosa, que «o abastecimento de manteiga ficará regularizado até final do corrente mês com a chegada da primeira remessa importada da Nova Zelândia, no montante de 500 toneladas. É de referir, prossegue a nota que a produção nacional é bastante escassa, e que a procura se tem vindo a intensificar desde Setembro. Recentemente, já se verificou o atraso de um barco com manteiga importada da R. D. A.. Entretanto, já está negociada a compra de mais 2 mil toneladas de manteiga para o consumo previsto para os próximos meses, sendo útil referir que o consumo nacional anda, em média, pelas sete mil toneladas, quando a produção não ultrapassa as 4.500 toneladas».

A Secretaria de Estado de Abastecimento e Preços esclarece que, em virtude da alta de preços da batata de consumo que ultimamente se tem verificado no mercado e que resulte em parte, da quebra da produção da campanha anterior, a JNF e os importadores armazénistas estão já a importar aquele artigo, tendo negociado, numa primeira fase, a aquisição de 10 mil toneladas que chegarão dentro de dias. Aquela Secretaria pensa que estas e outras importações, apressarão e regularizarão o normal abastecimento público, quebrando a alta de preços que afecta milhares de portugueses e muito particularmente as camadas mais desfavorecidas.

Relativamente à batata de semente, uma outra nota oficiosa do M. C. I. informa os agricultores «estar assegurado o abastecimento para a próxima sementeira, dado que foi autorizada até esta data, a importação de 28 mil toneladas, das quais 10 mil já se encontram no País, além das 5 mil toneladas de produção nacional, existentes». Aquele Ministério lembra ainda «que a sua distribuição está a ser feita pelos importadores tradicionais».

AVAL PARA O AZEITE

Os novos preços de garantia para os produtores de azeite, fixados pelo Ministério do Comércio Interno e objecto de uma nota oficiosa do mesmo, que prevê, igualmente, um aval de 40 mil contos para a compra da azeitona, são-nos repetidos relativamente à comercialização daquele produto e dos óleos directamente comestíveis.

A compra de azeite obedecerá ao seguinte critério: cooperativas e outras associações de produtos legalmente constituídas, herdades colectivas e pequenos e médios agricultores individuais, sem prejuízo da colaboração das comissões liquidatárias dos ex-Grémios da Lavoura, das ligas de pequenos e médios agricultores e dos serviços do Ministério da Agricultura e Pescas, às quais caberá também definir os limites máximos do azeite a adquirir.

O Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos poderá requisitar armazenagem para a recolha do azeite.

«Hoje a União Soviética vem demonstrar que não quer uma balança desfavorável para Portugal, e, com as compras que certamente vão ser concretizadas nos próximos dias, a balança vai ser desfavorável desta vez para a U.R.S.S., beneficiando Portugal de maneira substancial» — esta a opinião de Jorge Campinos, ministro do Comércio Externo, depois de ter recebido a delegação económica soviética chefiada pelo vice-ministro do Comércio, Alexei Manzhulo, que se encontra no nosso país para conversações sobre acordos comerciais.

Acentuou o ministro português que considera esta visita «particularmente importante, primeiro pela dimensão que vai atingir, não só nas trocas comerciais de produtos tradicionais da nossa exportação, mas também nas compras da União Soviética de produtos acabados, nomeadamente no domínio da metalurgia e da siderurgia».

RUSSOS COM BOTAS PORTUGUESAS

Considerou Jorge Campinos «injustas as críticas que têm sido feitas às relações económicas Portugal-U.R.S.S.». E, a tal propósito, disse:

«A União Soviética, como os países do Leste da Europa, querem ajudar o VI Governo português, querem ajudar a nossa economia, indústria e agricultura».

Acrescentou o ministro que nas trocas comerciais está implícito um sentido político, que se traduz em «amizade, simpatia e respeito recíproco».

«É nesta base — disse — que podemos e queremos desenvolver as nossas relações comerciais».

Pormenorizando o tema das relações comerciais com a U.R.S.S., o ministro do Comércio Externo sublinhou que «as perspectivas são óptimas, e que vamos chegar a resultados particularmente positivos para a nossa economia».

Assim, referindo-se depois à venda de sapatos e botas à U.R.S.S., que — segundo o vice-ministro do Comércio Externo daquele país — foram muito apreciadas, Jorge Campinos afirmou:

«A União Soviética não veio cá impor um preço. Nós aceitamos esse preço, é um comércio livre que se faz. Creio que nas nossas trocas comerciais com outros países, independentemente das nossas diferenças económicas, políticas e sociais, não devemos misturar propaganda política, e pretender fazer campanha eleitoral com essas trocas comerciais».

«Considero-me — acrescentou — um homem livre, num Governo livre, num País hoje livre, e, consequentemente, quem quer negociar faz o negócio».

Ainda sobre calçado, o ministro do Comércio Externo revelou estar em preparação um novo contrato volumoso de venda de sapatos e botas à União Soviética.

IMPORTAÇÃO DE AÇÚCAR CUBANO

Fazendo o ponto da actividade do seu Ministério, Jorge Campinos revelou ter recebido

naquele país, também referiu «que poderemos avançar muito rapidamente no domínio das nossas trocas comerciais».

PETRÓLEO SINES E TURISMO

Interrogado sobre a questão do petróleo, Jorge Campinos revelou que a recente viagem do dr. Mário Soares, secre-

mente passara a ser transformado nas refinarias portuguesas e no complexo de Sines, logo que sejam superadas algumas questões técnicas.

Finalmente, e debruçando-se sobre o turismo, Jorge Campinos salientou a necessidade de Portugal desenvolver o turismo com a Espanha e Brasil, com os quais existem grandes potencialidades no sector.



Lopes Cardoso com Alexei Manjulo

o embaixador de Cuba em Lisboa que lhe entregou um projecto de acordo comercial e que lhe manifestou o desejo de Cuba em desenvolver as relações com Portugal e estabelecer uma balança equilibrada, a muito curto prazo, partindo do princípio de que Portugal poderia ser importador de uma quantidade fixa de açúcar. Por seu lado, Cuba importaria produtos de valor idêntico ou mesmo superior.

Dentro desse âmbito, Portugal exportaria para Cuba produtos acabados, como pasta de papel, cimento, vidros, redes e acessórios de pesca, tecidos de algodão, cabos eléctricos, óleos de motores, e equipamento vario.

«Com este tipo de trocas comerciais — comentou — saímos do quadro tradicional das nossas exportações, e tentamos diversificar as nossas exportações com todos os países, saindo do campo do produto alimentar de base, entrando plenamente no campo do produto acabado, com mais trabalho português, o que irá desenvolver necessariamente a nossa economia, pelo que caminhamos lentamente para uma maior independência».

Ainda a propósito do significado político das relações comerciais, Jorge Campinos revelou que o Governo norueguês decidiu abrir o seu mar territorial aos bacalhoeiros portugueses, o que permitirá diminuir, no futuro, a importação daquele produto.

O acordo comercial com Cuba poderá entrar em vigor no próximo mês de Fevereiro, tendo o ministro do Comércio Externo cubano sido convidado a deslocar-se a Portugal. Quanto à Jugoslávia, Jorge Campinos, que esta manhã recebeu o embaixador português

tário-geral do Partido Socialista, à Venezuela foi muito importante neste sector, pois os mais altos dirigentes daquele país propuseram condições vantajosas para a compra do petróleo. Assim, Portugal poderá pagar metade ou menos de metade do preço do petróleo em divisas estrangeiras, saldando o restante em trocas de produtos.

Quanto ao petróleo importado da Roménia, da Venezuela e da União Soviética, futura-

COM O ALMIRANTE PINHEIRO DE AZEVEDO

Esta tarde, às 15 horas, Alexei Manjhulo, vice-ministro do Comércio Externo da U.R.S.S., foi recebido pelo Primeiro Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo.

Amanhã, a delegação soviética visita, entre outras unidades fabris, os estaleiros da Lisnave e da Setenave e a empresa de cortiças Mundet.

PUB

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO CONVOCATÓRIA SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Convocam-se todos os Delegados Sindicais deste sector para uma reunião no dia 9/1/76 (6.ª feira), pelas 21.00 horas na sede do Sindicato (Av. Duque de Loulé, 126-3.º, Lisboa), com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Discussão dos assuntos a tratar no Encontro das Organizações de Trabalhadores Ligados ao Sector da Construção Civil e Obras Públicas (ver «Diário de Notícias» de 6/1/76 pág. 4).

Aconselham-se os Delegados Sindicais e todos os trabalhadores a discutir estes assuntos nas suas empresas.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1976

A DIRECÇÃO
Pina Reis
Vogal/Sul

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

Nacional



Santos foi o termo provisório das andanças deste eléctrico de Lisboa.

NUM CEMITÉRIO DE SUCATA DA MARGEM SUL

Sessenta eléctricos à espera de outras vidas, outras gentes

Num morro férreo, localizado nas proximidades do Laranjeiro, na estrada Cacilhas-Setúbal, repousam 60 carros eléctricos retirados aos efectivos da Carris, após a supressão de numerosas carreiras de exploração da zona da Grande Lisboa.

O amplo recinto (autêntico cemitério de sucata) pertence a uma importante firma de ferro-velho (a «GELICA») e movimentam largas dezenas de operários metalúrgicos. Lá se encontram os «catpillers», as «bulldozers», os vagões-cisternas, alguns já quase esqueletos; e as estruturas metálicas de prédios demolidos, as camas de pilres, os lavatórios, os latões multiformes a ameaçarem decomposição.

O observador desprevenido tem, desde logo, a sensação de se encontrar perante mais um dos cancos das sociedades de desperdícios, também ditas de consumo. Sensação errada, já que daquele arsenal de velharias tudo se irá transformar e reproduzir, nada terá um enterro definitivo. Porque aí reside a força e razão deste negócio.

Foi também naquela via que deparámos com um destes veículos a servir para a diversão de centenas de crianças nos bairros-de-lata limítrofes (Charneca e Gali-

embora ainda presente no quotidiano lisboeta, já transporta consigo um halo romântico com raízes nos anos noventa do século passado.

E a partir de agora, em plena

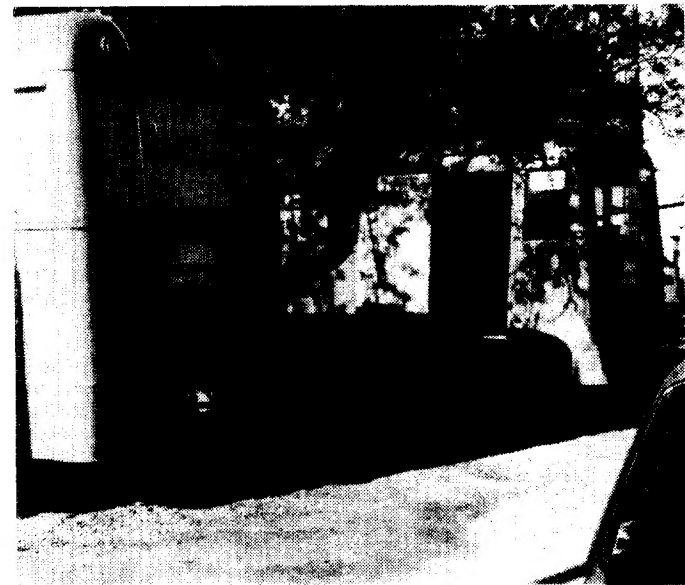
MANUEL GERALDO (TEXTO)
JOSÉ TEIXEIRA (FOTOS)

nheiras), numa iniciativa da Comissão Administrada Junta da Freguesia local.

FANTASMAS DO TEMPO PERDIDO

«Eu gosto de fazer de condutor», grita o Zé Nalo. «E eu

era do átomo, os carros eléctricos irão recolhendo progressivamente a este ou outro cemitério de metais retorcidos, procurando a reforma merecida em qualquer parque arborizado ou no centro de gigantescos complexos de



Novo destino: dormitório para operários da construção civil. A foto foi tirada em Camarate.

de cobrador», responde o Lela. Depois é o «Bio» que salta para o tejadilho e afirma ser o mecânico. Outros sentam-se nos estofos e tomam, por momentos, o ar circunspecto de passageiros em trânsito por qualquer avenida do centro cosmopolita ou ruela íngreme da Mouraria. Figurando com as suas silhuetas franzinas de meninos subalimentados dos bairros pobres da periferia do Aeroporto da Portela, um pouco do que foi a existência efémera e acidentada de um «eléctrico», meio de transporte que,

prédios em construção. Servem de motivação para as risadas cristalinas de milhares de crianças e para o merecido repouso de operários, após longas horas de árdua labuta.

Os eléctricos retirados da circulação cumprem assim um itinerário que, nas décadas vindouras, terão como precursores os autocarros a gasóleo, os aviões de muitas turbinas, também, eles, num futuro próximo, ultrapassados pela técnica e pela ânsia incontrolável dos homens em caminharem rumo ao infinito.

DOZE TONELADAS SOBRE RODADOS

Foi nesta atmosfera de aparente catástrofe que encontramos os 60 «eléctricos», na sua cor de amarelo ainda vivo. Alguns ostentando as placas com o indicativo da sua última viagem. Dois demarcavam Benfca e Santos como destino.

Estofos bem conservados, alavancas e rodas de comandos aptas a serem utilizadas, os «slogans» publicitários completamente visíveis, eles são os últimos sobreviventes de um lote de cem adquiridos pela «GELICA» à Carris, em 1972, ao preço de três contos por unidade. Dessa data até 74, vinte foram vendidos (a quinze contos cada) a entidades particulares até que o Ministério da Educação e Investigação Científica (MEIC) resolveu tomar conta dos restantes, para distribuí-los através do País, nomeadamente por escolas e parques de recreio.

Em Camarate, uma empresa da construção civil remodelou dois deles, transformando-os, respectivamente, em escritórios e dormitórios para operários, munindo-os de rodados de borracha de forma a poder proceder à sua deslocação conforme as necessidades, como qualquer «roulotte», vulgar, apesar do seu peso atingir cerca de doze toneladas.



O compasso de espera no Laranjeiro, entre material de obras ameaçado de ferrugem.

PUB

Encontro das Organizações de Trabalhadores Ligadas ao Sector da Construção Civil e Obras Públicas

Pelas 09 horas do dia 10 de Janeiro de 1976 na F. I. L. (Feira das Indústrias de Lisboa), à Avenida da Índia.

Realizado por:

SECRETARIADO PROVISÓRIO PRÓ-CONSELHO DE TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS;

SECRETARIADO PROVISÓRIO DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES DA CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA;

UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA — INTERSINDICAL.

ORDEN DE TRABALHOS:

1 **EXPOSIÇÃO** na generalidade pelas organizações promotoras dos problemas dos trabalhadores e a crise do sector, focando: A situação política, o desemprego, o aumento do custo de vida, a Contratação Colectiva, o Controlo Operário, formas de luta e de Organização, o papel das Pequenas e Médias Empresas.

2 **SOLUÇÕES PARA DESBLOQUEAMENTO DA CRISE DO SECTOR, REIVINDICAÇÕES E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES.**

Discussão nas seguintes secções:

1. Solos, projectos, financiamentos e vendas.
2. Empresas da Construção Civil e Obras Públicas.
3. Comércio e Indústria de materiais e equipamentos para construção.
4. Aparelho de Estado.
5. Problemas e reivindicações.
6. Formas de organização e de luta.

3 **APROVAÇÃO DAS CONCLUSÕES.**

PODEM PARTICIPAR:

SINDICATOS de trabalhadores relacionados directa ou indirectamente com o sector.

COMISSÕES DE TRABALHADORES de: Empresas da Construção Civil e Obras Públicas.

Empresas a montante ou a jusante da Indústria.

Órgãos do Aparelho de Estado relacionados com os problemas da construção e/ou habitação.

COOPERATIVAS DE HABITAÇÃO E/OU CONSTRUÇÃO.

INSCRIÇÕES: Tel. 667379 / 668202, ou por carta para Calçada Ribeiro Santos, n.º 3-2.º andar — LISBOA

Lisboa, 23.12.75

Geral

"VIDA MUNDIAL": O IMPASSE

Redacção e administração avistaram-se ontem (mas sem resultado)

A redacção da «Vida Mundial» avistou-se ontem com a administração da Sociedade Nacional de Tipografia. A pedido desta o encontro serviu para os jornalistas reafirmarem de viva voz a posição intransigente que desde a primeira hora têm defendido. Eles «continuam a exigir a reintegração, como director, de Augusto Abelaira», declaram-se «apostados em continuar a trabalhar na redacção da revista» e, mais, acrescentam que «não aceitam trabalhar sob a direcção de Natália Correia, cuja nomeação a administração da S.N.T. considera, por sua parte, irreversível».

As citações pertencem a um comunicado final emitido ontem pelos sete jornalistas comprometidos num processo que começa a adquirir proporções antes imprevisíveis.

«Pode-se dizer que se atingiu o ponto de ruptura», informa-nos um redactor da revista. «O que era inevitável se a administração não reconsiderasse as suas decisões. Abelaira não foi reconduzido, nós exigimos a sua recondução. A administração não cedeu, nós também não. Ontem chamaram-nos, e fomos. Era para nos perguntarem qual a nossa posição, o que tencionávamos fazer perante um facto que parece consumado: a «VM» sob a direcção de Natália Correia. A nossa posição tem sido constantemente reafirmada. Quanto ao que tencionamos fazer, é a mesma revista que fazíamos. É possível que pareça obstinação. Não é: apenas temos em conta o facto de não termos sido ouvidos ou achados para uma decisão mais importante do que pode pensar uma administração, de que o mínimo que se pode dizer é que encorreu esta questão terrivelmente desprevenida».

Relembrando a posição da redacção, ela aparece muito clara: «A revista tem um estatuto editorial, fomos nós que o elaborámos, nós e Abelaira» — precisa o nosso informador — Abelaira é forçado a sair como director, e um dos pretextos invocados para isso é

a necessidade de restituir à revista outra orientação, que não seria a que nós estávamos a imprimir-lhe. Isto implica-nos, porque não somos meros funcionários, éramos nós que escreviamos a revista. A administração engana-se se pensa que vai utilizar-nos. Todavia — diz-nos ainda o nosso informador — é evidente que somos realistas: na situações que nos ultrapassam. Respondemos por nós. E temos naturalmente de reconhecer que a administração que cabe agora decidir: nós já decidimos».

SOLIDARIEDADE

Parece entretanto estar a gerar-se, tanto dentro como fora da empresa a que «VM» pertence, um forte movimento de solidariedade para com Abelaira e a redacção, questionando a decisão administrativa. É o caso, por exemplo, da posição publicamente afirmada pela maior parte da tipografia, num texto onde se aponta inclusivamente para o significado político a dar aos acontecimentos que estão a desenrolar-se. Consta ainda que o movimento se estende a outros sectores da empresa.

Deve assinalar-se que colaboradores da revista, os críticos de cinema, de música e José Ernesto de Sousa, por exemplo, se manifestaram igualmente solidários com Abelaira, colocando-se ao lado da redacção e das posições que esta vem assumindo.

A redacção — onde os redactores se mantêm, cumprindo o seu horário de trabalho e aguardando o desenrolar dos acontecimentos em que não podem ter uma acção determinante — estão a chegar cartas e telegramas com expressões de solidariedade.

«Alguns assinantes, solidários, pedem o cancelamento da sua assinatura e a devolução de parte do pagamento já efectuado, sob a alegação de que a revista que assinavam era a dirigida por Abelaira e com esta redacção» — diz-nos o mesmo informador.

Uma das expressões mais fortes de solidariedade que até ontem tinham chegado à redacção era um telegrama dirigido a Abelaira com o texto, em sintaxe corrente, do seguinte teor: «Manifestamos a nossa solidariedade, lamentamos a ticanhez da administração da S.N.T. reveladora de incompreensível ignorância a respeito da sua obra literária e de mesquinho sectarismo». Seguem-se as assinaturas de António Paulouro e mais quatro jornalistas. Trata-se da equipa que escreve o «Jornal do Fundão».

COMITÉ RUSSELL ESTEVE NA «VM»

A redacção da «VM» recebeu ontem uma visita inesperada: a de dois membros do Comité Russell (que se encontra em Lisboa).

Um dos visitantes era o escritor francês Jean-Pierre Faye, um dos fundadores do *Collectif Change* e do Centro de Análise e de Sociologia das Línguas de Paris, autor de uma vasta obra de investigação e análise científica dos fenómenos da linguagem, da sociologia, da história e da literatura publicadas em livros como «Langages Totalitaires», «Luttes de classes à Dunkerque: les mots, les mots, les appareils d'État», «Migrations du récit sur le peuple juif», «Hypothèses», «Hexagrammes» e «La critique du langage et son économie».

Sobre a visita da delegação de que Faye fazia parte:

«Vieram colher informações sobre o que está a passar-se» — Diz-nos um redactor da «Vida Mundial».

M.D.P. PROTESTA CONTRA SUSPENSÕES

A Comissão Central do M.D.P./C.D.E. distribuiu um comunicado em que analisa a actual situação dos órgãos de comunicação social. Relativamente às suspensões, diz-se no comunicado: «os que ontem defendiam a democracia e o pluralismo são hoje os que levam a cabo uma política de suspensões e demissões, que já atingiram 120 profissionais da Informação (...). Chama-se ainda a atenção para o facto de se ter evocado possível implicação no 25 de Novembro com justificação para os saneamentos quando muitos dos saneados nem sequer se encontravam no local de trabalho. O comunicado apela finalmente para a reintegração dos profissionais afastados e para a liberdade de criação e informação».

Também o Secretariado dos Trabalhadores Despedidos e Suspensos focam os mesmos problemas em duas exposições enviadas ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução.

«CASO REPÚBLICA»

Os trabalhadores do jornal «República» reunidos em plenário decidiram apelar para todos os accionistas da empresa no sentido de comparecerem nas instalações do jornal amanhã, às 21 horas, «para uma reunião informal com a Comissão de Trabalhadores».

I.P.C. em reestruturação

O ministro da Comunicação Social nomeou uma Comissão de Reestruturação para o Instituto Português de Cinema onde entretanto está ainda em funcionamento uma Comissão de Sindicância.

A nossa comissão é constituída por dois membros do Sindicato das Actividades Cinematográficas, um elemento das cooperativas de cinema, outro das empresas controladas pelos trabalhadores e um terceiro das unidades de produção do I. P. C.

Pelas cooperativas está presente o realizador Alberto Seixas Santos, realizador de «Brandos Costumes», pelas empresas controladas pelos trabalhadores a Telecine e as ex-produções de Francisco de Castro.

Entretanto, foi também ontem criada uma comissão para o lançamento e divulgação do filme português no estrangeiro.

Recorda-se que têm sido recebidos no I. P. C. pedidos para uma Semana do Filme Portu-

guês vindos de Marrocos, Jugoslávia, Bulgária, França, Bélgica e Inglaterra. O cinema português foi ainda convidado para os festivais de Cannes, Pesaro, Berlim e Veneza (aqui está garantida mesmo uma retrospectiva da obra de Manuel de Oliveira).

A criação desta comissão, tanto quanto sabemos, deve-se à inoperância do I. P. C. em corresponder aos pedidos e aos convites, e em consequência à divulgação do cinema português no estrangeiro. Esta última é constituída por um Secretariado à responsabilidade do I. P. C., por um elemento da cooperativa Cinequanon (Amílcar Lira) e outro do Centro Português de Cinema (Rogério Ceitil) outro da Cinequipa (José Matos Silva) e um outro ainda das unidades de produção. Também presente na referida comissão, representando a Tobis Portuguesa, o realizador Faria de Almeida, que em 1965 realizou em Moçambique o filme «Catembe». Esta comissão é comple-

tada pelo crítico de cinema Rui Nogueira, residente em Paris, colaborador dos «Cahiers de Cinema» e membro do júri da Quinzena de Cinema de Cannes.

Sublinhe-se que filmes como «Cartas na Mesa», «Brandos Costumes» e «Uma Abelha na Chuva» esperam em Paris, desde Junho, pagando taxa de 15 francos diários, que os destinatários os levarem na alfândega.

Se «Catembe» ainda não foi visto pelo espectador português, tal se deve à censura até 25 de Abril e aos entraves postos pelas distribuidoras depois de 25 de Abril. Casas de cinema nacionalizadas, de momento apenas se conhece o Nímas e esta por o Rádio Clube Português ter sido transformado em empresa pública. Feito o saldo de dois anos de actividade cinematográfica (1974/1975) ressalta a quantidade de filmes que foram ou estão a ser feitos no País. Só longas metragens atingem a soma de 37.

Governo de Oslo apoia Imprensa diversificada

OSLO, Janeiro — O Governo norueguês anunciou ao Parlamento que faria com que continuasse a haver uma imprensa diversificada. Ele deseja que em cada cidade ou centro regional continuem pelo menos a publicar-se dois jornais de tendências políticas diferentes. Existem actualmente na Noruega centro e sessenta quotidianos e semanários para uma população de quatro milhões, de habitantes, o que é uma proporção relativamente elevada.

O Governo quer impedir que a vida dos jornais dependa da publicidade. Para ele, as leis do mercado não deveriam reger o desenvolvimento da imprensa. É também preciso salvaguardar a liberdade dos jornais e a sua independência, acha o Governo.

O Estado já ajuda consideravelmente a imprensa, dando uma subvenção a cento e quarenta e dois jornais. Em 1974 eles receberam 20,6 milhões de coroas. Essa contribuição é calculada segundo o consumo de papel e favorece as tiragens fracas. Um jornal que utiliza menos de 50 toneladas de papel por ano, recebe um auxílio de 2.500 coroas por tonelada, enquanto que um jornal que utilize mais de 50 toneladas, só recebe 1700 coroas por tonelada.

Relações Públicas da P.S.P.

Na notícia que ontem publicamos sobre a organização do serviço de Relações Públicas da P. S. P., por lapso referimos queo dr. Castro Santos, director daqueles serviços, era oficial do Exército, quando na realidade a personalidade em questão cumpriu o serviço militar como oficial miliciano, tendo já passado a disponibilidade. Do lapso, pedimos as maiores desculpas.

Entretanto, não se confirma que a P. S. P. tenha a intenção de fazer uma campanha publicitária. A agência contactada foi encarregada de um estudo de mercado sobre a «imagem» da P. S. P. junto ao público, mas tais dados informativos serão usados apenas para serviço de organização interna.

Essa forma de auxílio directo substituiu as antigas subvenções atribuídas ao papel. Este ano esse auxílio será ligeiramente superior ao de 1974, e ainda aumentará no próximo ano. O sistema funciona de tal modo que alguns jornais trabalhistas recebem, como que por acaso as somas mais importantes. Assim, o jornal governamental de Oslo, *Arbeiderbladet* recebeu 3,5 milhões de coroas em 1974, isto a par de outras formas de assistência.

A segunda forma de auxílio do Estado é a distribuição de publicidade cujo valor atingiu em 1974, 23 milhões de coroas. Um pequeno semanário

maoista, agressivamente anti-governamental, *A Luta de classe*, recebe, mesmo assim, por ano, 60.000 coroas do Estado que procura abater.

O Estado oferece por fim à imprensa empréstimos facilmente reembolsáveis ou garantias de empréstimo sobre o mercado ordinário. Durante os dois últimos anos, 37 milhões de coroas foram assim postas à disposição da imprensa, sobretudo para facilitar a passagem para modernos métodos de fabrico.

© LE MONDE

PUB

Sindicato dos Transportes Redeviaários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — LISBOA
Telefones: 77 02 74 — 76 32 76 — 77 00 66

COMUNICADO

MOÇÕES APROVADAS

1) Os trabalhadores do sector de Táxis e letra A, reunidos em Assembleia Geral no dia 6 de Janeiro de 1976, na sede do seu Sindicato, dizem NÃO ao projecto de Diploma que permitiria que os alvarás para Táxis e letra A fossem atribuídos em situação desfavorável aos trabalhadores da Metrópole e de privilégio para os retornados das ex-colónias.

Aceitam os camaradas retornados em né de igualdade, mas não como privilegiados. Por isso, pedem que o Decreto-Lei não seja alterado e avisam que se o for, tomarão as posições que acharem convenientes.

UNIDOS VENCEREMOS!

2) Os motoristas de Táxis e letra A reunidos em Assembleia Geral do sector no dia 6 de Janeiro de 1976, repudiam veementemente a atitude do Governo que pretende dar prioridade na atribuição dos alvarás de Táxis e letra A aos industriais retornados das ex-colónias.

Os motoristas não têm nada contra os trabalhadores retornados. Porém, não podem consentir que os direitos adquiridos ao longo de muitos anos de luta da classe dos motoristas de táxi, desde sempre a mais explorada, sejam agora postos em causa pela aprovação de leis que muito se assemelham às do tempo do fascismo.

Por isso dizem não à atribuição de alvarás aos industriais, retornados ou não.

A TERRA A QUEM A TRABALHA! OS TÁXIS PARA QUEM TRABALHA!

Estas moções foram aprovadas por aclamação.

A DIRECÇÃO
Rogério Torres

PARA UMA NOVA RÁDIO

Produtores independentes estão hoje reunidos

Desde as 14 e 30 horas que se encontram reunidos, num hotel da capital, os principais produtores independentes da Rádio. Na ordem de trabalhos figura uma discussão da posição a tomar perante o figurino da nova Rádio, anunciado há dias pelo ministro da Comunicação Social e já posto em prática.

Recorda-se que até 15 do corrente as emissões dos canais comerciais da Empresa Pública de Radiodifusão estão isentas de qualquer publicidade; a partir daquela data passarão a ter o concurso dos produtores independentes, como

seja o caso, por exemplo, dos Parodiantes de Lisboa.

A reunião, que está a decorrer à hora a que o nosso jornal sai para a rua, foi convocada pela Comissão Representativa dos Produtores Independentes e tem em vista, principalmente, uma cuidada análise à brusca paralisação de todas as suas «máquinas».

Entretanto foi já formada uma Comissão de Reestruturação da Radiodifusão (para os canais 3 e 4 — comerciais), que hoje mesmo inicia os seus trabalhos. Desta comissão fazem parte elementos trabalhadores do ex-R.C.P. e ex-E.A.L.

Trabalho

Operárias da Timex na hora da autonomia

Logo após o 25 de Abril, um grupo reduzido de operárias da Timex, cuja idade média oscila entre os 17 e 18 anos, percebeu que era necessário organizar-se, autonomamente, para mais facilmente poder vencer os seus problemas específicos e entrar na luta revolucionária dos trabalhadores que enquanto se ia desenvolvendo na fábrica.

Para estas mulheres, que na maior parte dos casos ainda não atingiram os vinte anos, entrar numa luta no local de trabalho implicava um espírito de informação política que

criasse uma base de conhecimento sobre a estrutura da sociedade capitalista. Por outro lado, era necessário desenvolver toda uma acção, bem mais difícil, para consciencializar as mulheres sobre a sua dupla exploração, uma vez que além das horas de trabalho esgotante na fábrica, elas tinham que assegurar o trabalho doméstico.

«Há homens que não conseguem suportar a ideia de que as mulheres têm que se organizar. Nós em casa temos de lutar para impor a nossa vontade de libertação. As palavras des-

ta operária traduzem, em termos imediatos, a célebre frase de Engels: «O primeiro antagonismo de classe que surgiu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia e a primeira opressão de classe com a do sexo feminino pelo masculino».

Durante a treva fascista, um dos slogans mais difundidos afirmava que a política não era assunto para mulheres pois estas já tinham matéria suficiente com que se ocuparem: a Igreja, os filhos e a cozinha. Impôs-se assim às mulheres portuguesas a doutrina dos três «KS» criada pelo nazismo, para melhor perpetuar a opressão dos povos.

Acontece que sempre que num país o regime ditatorial é posto em causa, a libertação das mulheres avança inequivocamente. Por isso, apesar de todas as suas limitações, as tentativas de auto-organização das mulheres, que entre nós surgiram após e queda do fascismo, revestem-se de um carácter revolucionário que deverá, agora mais que nunca, merecer o apoio de todos os que se dizem progressistas.

AUTO-ORGANIZAÇÃO

Porquê esta necessidade de auto-organização? Não é a luta das mulheres um dos aspectos da luta de todos os explorados pelo fim da exploração? É evidente que o problema da auto-organização das mulheres se insere no processo mais amplo de luta de classes pela criação de uma sociedade socialista. Simplesmente, temos que ter presente que a situação económica, social, política e cultural da mulher é de profunda discriminação em relação ao homem.

As mulheres foi vedado o caminho à autonomia porque o próprio sistema capitalista, baseado na célula familiar, encontrou no trabalho doméstico não remunerado de todas as mulheres um dos seus pilares. Trabalhar em casa gratuitamente significa continuar a camuflar o problema da urgência de socialização do trabalho doméstico e da instauração de uma rede de creches.

Por outro lado, nega-se à mulher o direito ao seu próprio corpo, o mesmo é dizer proibir a contracepção e o aborto, é uma forma de a transformar em máquina reprodutora, consoante as necessidades dos governos. Do mesmo modo, a instituição de uma dupla moral que discrimina a mulher face ao homem, destina-se a desenvolver um sistema de culpabilidade para aquelas que ousarem desafiar o papel tradicional que a sociedade lhes impõe. O mesmo acontece em relação às mulheres que se propõem seguir uma carreira, frequentemente apelidadas de pouco femininas, como se a «feminilidade» não fosse um conceito histórico e, como tal, sujeito a reformulação consoante o desenvolvimento do processo de aumento da humanidade.

Outra das razões que impedem o progresso das mulheres é o estado de isolamento em que estas se encontram e que as leva a pensar que os problemas que cada uma tem de enfrentar sozinha provêm da sua história pessoal e não se inserem numa situação geral, como de facto acontece.

Através da Associação Democrática e Popular das mu-



As mulheres trabalhadoras começaram já a sentir a necessidade de combater a exploração numa dupla frente

lheres da Timex pudemos observar, concretamente, como se processa e quais são os problemas específicos da luta das mulheres.

PROBLEMAS ESPECÍFICOS

«Quando começámos», conta Luísa, éramos umas oito ou nove. Tínhamos lido «A Metade do Céu» e essa leitura foi importante para nós. Compreendemos todas que a revolução não é feita só pelos homens. Outras operárias foram-se juntando a nós e verificámos que tínhamos muitos problemas comuns que dificultavam a nossa luta como trabalhadoras. Por exemplo, não houve aqui uma creche e habitando a maioria das operárias no Laranjeiro, surgiu logo o problema grave de saber onde deixar os filhos porque lá só existe um infantário onde se tem que pagar 1500\$00. Por outro lado, quando as aulas acabam, as crianças ficam na rua à espera que as mães as venham buscar.»

«Os problemas que temos em casa, são também muito graves», acrescenta Isabel. Quando disse ao meu marido que queria entrar para a comissão de trabalhadoras, ele aconselhou logo que não me metesse nessas coisas porque eu já tinha problemas a mais. Assim, para conseguir vir às reuniões, tenho que começar logo a engraxar com antecedência pois

de outro modo é o diabo... Há ainda uma série de preconceitos nas pessoas, que nos desmoralizam.

Quando a gente vem a uma reunião e depois apanha bofetada de um colega, as más línguas começam logo a dizer que andamos metidas com ele... Temos que acabar com isto!»

«O meu marido», diz por sua vez a Rosa, «tem um feitio muito especial, mas se eu tenho uma reunião, não se pode obrigada a mentir, não deixo de ir».

«Eu» (quem fala é a Alice) «quando era solteira, não tinha problemas em vir às reuniões de trabalho. Agora é muito mais difícil porque o meu marido acha que a mulher deve vir para casa depois do trabalho. Sobre tudo aos fins-de-semana, não é fácil sair. Como eu, muitas mulheres têm problemas destes».

«O nosso grupo», explica a Luísa, «está consciente destes problemas e até já nos organizámos para irmos a casa das colegas que têm mais pressões familiares no sentido de esclarecer os maridos e os pais. O certo é que uma delas, conseguiu vencer a situação com a nossa ajuda e já não tem problemas em vir às reuniões. Eu, pessoalmente tenho a sorte de ter um companheiro que me ajuda nos trabalhos domésticos».

Delfina, outra operária da Ti-

mex, lamenta o facto da solidriedade entre as mulheres ser ainda muito incipiente. Isto acontece, segundo nos diz, «porque é ainda muito grande o número de mulheres que querem ficar em casa agarradas às lides domésticas que consideram uma escravatura inferior àquela que domina em locais de trabalho».

Durante a conversa com as operárias da Timex, foram surgindo ideias para futuras acções. Algumas lembraram a necessidade de reivindicar um espaço na publicação da fábrica, «Cultura e Desporto» para que assim se tornasse mais conhecida e que desse grupo autónomo, que tem já uma publicação «A Metade do Céu» cuja tiragem é ainda muito limitada. Consideram fundamental divulgar o trabalho do grupo, tentando entrar em contacto com trabalhadores que prossegam lutas semelhantes.

Houve quem chamasse a nossa atenção para o elevado número de mulheres grávidas actualmente a trabalhar na Timex. Será que no corpo de todas se desenvolve uma gravidez desejada? É evidente que todas as operárias consideram que é fundamental tomar posição face à contracepção e aborto para que estes problemas deixem de ser uma carga individual e passem a ter uma solução social adequada.

H. B.

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

CONCURSO PÚBLICO N.º 1

Até às 15 horas do dia 12 de Janeiro, aceitaram-se propostas em carta fechada e lacrada, para MANUTENÇÃO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS ELEVADORES, MONTA-CARGAS E MONTA-CAMAS DO HOSPITAL GERAL DA COLÓNIA PORTUGUESA DO BRASIL E DA OBRA ASSISTÊNCIA MATERNO INFANTIL DR. BISSAYA BARRETO, durante o ano de 1976.

As condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento, Rua do Cabido, 5-3.º — COIMBRA.

PUBLICIDADE

SINDICATO LIVRE DOS PINTORES DA CONSTRUÇÃO NAVAL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA E SETÚBAL

2.ª CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados deste Sindicato para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 10 do corrente (sábado), pelas 15.00 horas, nas instalações da H. Parry & Son, Ld.ª (Refeitório) em Cacilhas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.ª DISCUSSÃO E APROVAÇÃO DO ORÇAMENTO PARA O ANO DE 1976;
- 2.ª INFORMAÇÕES.

NOTA: A Assembleia funcionará decorridos 30 minutos após a hora marcada, com qualquer número de associados.

É INDISPENSÁVEL A APRESENTAÇÃO DO CARTÃO DE ASSOCIADO.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) José Maria M. de Oliveira Velho

EXTERNATO SENECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

— PREÇOS MAIS BAIXOS —

Ciclo — Liceal — Computadores — Línguas

SALAS DE ESTUDO

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 82 (METRO ANJOS)

Nota oficial

O Ministério do Comércio Interno divulgou uma nota oficial sobre o pessoal das Direcções-Gerais de Fiscalização Económica, de Preços e do Comércio Interno, que transcrevemos ao abrigo do art.º 15.º da Lei de Imprensa.

«Alguns órgãos de comunicação social têm vindo a referir que o Ministério do Comércio Interno decidiu prescindir dos serviços de todo o pessoal não pertencente ao quadro (ou contratado), os tarefeiros, no âmbito das três Direcções-Gerais de si dependentes, isto é, Direcção-Geral da Fiscalização Económica, Direcção-Geral de Preços e Direcção-Geral do Comércio Interno.

Esses mesmos órgãos de comunicação social deram relevo, na altura, a uma conferência de imprensa que teve lugar na Direcção-Geral de Preços, e onde esta situação foi apresentada por alguns trabalhadores como um despedimento compulsivo e, também um saneamento.

Após análise completa à situação de todos os tarefeiros admitidos nesses organismos, o Ministério do Comércio Interno esclarece a opinião pública acerca do seguinte:

1. A maioria desses órgãos de comunicação social e os próprios trabalhadores responsáveis pela conferência de imprensa tentaram desviar as atenções da opinião pública para o problema de fundo, ou seja, o da legalidade das admissões, procurando confundir o saneamento ou, até, preferencialmente, com «saneamento à esquerda».

O saneamento tem um processo legal, e o facto de algumas pessoas se colocarem à esquerda ou à direita, não os imuniza de responsabilidades nem da obrigação de prestação de

contas, sendo também certo que, quando determinadas medidas de substituição de pessoas que desempenham cargos de confiança e colaboração, atingem pessoas pertencentes aos mesmos grupos políticos, isso significa, simplesmente, que tais grupos políticos diligenciaram obter a maior parte dos lugares do aparelho de Estado.

2. No caso presente, porém, nenhum destes problemas foi sequer suscitado.

Muito simplesmente, verificou-se que, em boa parte dos organismos de coordenação económica e Direcções-Gerais deste Ministério, existia um número apreciável de tarefeiros.

As tarefas são, por natureza, bem definidas e limitadas no tempo.

Veio, porém a constatar-se que na maioria dos casos isso não acontecia, e que eram designadas por tarefeiros pessoas que desempenhavam funções permanentes.

Essas pessoas foram admitidas por simples critério de apreciação pessoal dos responsáveis desses organismos, sem concurso de admissão ou, sequer, apreciação de curriculum, nalguns casos com uma tal ausência de critérios objectivos, que não se terá andado longe dos conhecimentos pessoais. dos jogos de influência ou dos favoritismos típicos da situação política anterior ao 25 de Abril de 1974.

Acontece que muitas dessas pessoas foram colocadas em lugares primeiros da hierarquia funcional, ultrapassando os funcionários do quadro, alguns deles com muitos anos de serviço de legítimas expectativas de promoção.

Alguns destes tarefeiros foram indevidamente admitidos com violação expressa das leis vigentes, e até, à margem de qualquer autorização ministerial.

Noutros casos, a tarefa servia como modo de vinculação à função pública, para justificar posterior contratação com prejuízo de outros funcionários, nomeadamente a dos quadros de adiados.

Aliás, os problemas de uns e outros não são comparáveis, dado que os funcionários mais velhos encontram, geralmente, maiores dificuldades de emprego e adaptação.

3. Na apreciação, caso a caso das situações verificadas, houve o maior cuidado em salvaguardar, quanto possível, a posição das pessoas irregularmente admitidas que, desconhecendo tal facto, criaram expectativas que poderão considerar-se legítimas.

Assim tem vindo a ser resolvida a maior parte das situações, sem prejuízo de nalguns plenários dos trabalhadores estes terem entendido dever pôr-se cobro, e rapidamente, às falsas tarefas.

Tal foi o caso, designadamente, da votação de acordo, com a qual deveriam terminar algumas prestações de serviços de tarefeiros na Direcção-Geral da Fiscalização Económica.

4. Relativamente ao caso concreto do dr. Pitacas Antunes, que nessa conferência de imprensa entendeu referir o seu caso como «saneamento político», mais se esclarece que, no passado dia 8 de Novembro, as comissões de 18 zonas da Direcção-Geral da Fiscalização Económica, reunidas em plenário, decidiram suspendê-lo por unanimidade.

A esta deliberação, e não a qualquer decisão ministerial, se referiu o dr. Pitacas Antunes, que nessa conferência de imprensa considerou aquela deliberação como resultante indirecta do despacho ministerial visando esclarecer o caso das tarefas.»

AMANHÃ HÁ ELEIÇÕES

Quatro listas candidatas
no Sindicato dos Escritórios

Cerca de 70 mil trabalhadores de escritório do distrito de Lisboa são chamados a escolher, amanhã, os corpos gerentes do seu Sindicato, optando por uma das quatro listas concorrentes ao acto eleitoral.

Estas eleições permitirão normalizar a vida do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, o maior organismo sindical do sector de serviços, alvo de perturbações no decurso dos últimos meses.

Na sequência das eleições de 30 de Agosto do ano findo, a lista vencedora, de tendência oposta à gerência posterior ao «25 de Abril», antecipando os prazos regulamentares, decidiu tomar posse prematuramente, assaltando, para o efeito, as instalações do Sindicato, onde passaram a coexistir, em estreita aliança, elementos afectos ao P. S. e M. R. P. P.

A actuação dos dirigentes desde cedo mereceu críticas por parte da classe, veiculadas, frequentemente, pelos delegados sindicais, em reuniões que precederam uma série de assembleias gerais que, a breve trecho, se encaminharam para a demissão pura e simples dos corpos gerentes.

Data desta altura a publicação das tendências existentes no seio da direcção e conselho fiscalizador, que levou à demissão dos elementos afectos ao P. S., maioritários neste último órgão e minoritários na direcção.

A classe viria a eleger, de entre as quatro listas que então se apresentaram (Novembro), uma comissão directiva encarregada de assegurar a normalidade da vida sindical, uma vez demitida a direcção em assembleia geral bastante agitada.

Concorrem quatro listas a estas eleições, reproduzindo sensivelmente as tendências das listas candidatas à comissão directiva provisória.

A lista «A», siglada «Por um sindicato forte e operante», integra alguns elementos da actual comissão directiva, e está na linha directa da sua actuação. Dela fazem parte elementos politicamente afectos ao P. C., M. D. P., bem como trabalhadores independentes e progressistas, sem matiz definido, unidos entre si por uma perspectiva unitária.

A lista «B», que engloba elementos identificados com o P. S., e a A. O. C./P. C. de P. (m-l) alguns dos quais pertenceram aos corpos gerentes eleitos em Agosto, titula o seu programa «Por um sindicato democrático e independente, e democracia ao serviço dos trabalhadores e da independência nacional».

A lista «C», «Por um sindicato democrático! Pela luta! Pela unidade! Pela vitória! Lista de unidade antifascista e anti-social fascista», integra elementos do M. R. P. P., predominantemente jovens, já conhecidos da anterior direcção.

Finalmente, a lista «D», reflectindo uma recente tendência entre os sócios do sindicato, engloba trabalhadores afectos a organizações de extrema-esquerda, e titula o seu programa «Por um sindicato controlado por todos os trabalhadores».

O acto eleitoral decorre durante todo o dia de amanhã,

quinta-feira, das 8 às 24 horas, em três assembleias de voto: Lisboa (Pavilhão dos Desportos), Alhandra (Alhandra Sporting Clube), Torres Vedras (Sala da União dos Sindicatos). Recorde-se, a propósito, que a lista «A» protestou pelo facto dos restantes candidatos se terem oposto a mais assembleias de voto, que permitiria uma participação mais ampla dos trabalhadores de escritório nos diversos concelhos do distrito.

«A»:
UNIDADE
NO TRABALHO

Do programa da lista «A», Introdução, respicamos: «Este programa foi feito a pensar em ti. Nos teus interesses. Na tua segurança social. Na tua justa luta de classe contra a exploração. Para além de uma intransigente e sistemática defesa de todos os direitos dos Trabalhadores de Escritório, nada nos move. Nem querelas partidárias. Nem quezílias pessoais. Nem posições de grupo de cariz individualista. (...) É no trabalho que os trabalhadores se unem. É no trabalho e pelo trabalho que os Trabalhadores se organizam, lutam e fortalecem. De mãos dadas, trabalharemos juntos por um amanhã melhor. Lembra-te de que a semente do teu esforço não pode cair em seara alheia».

«B»:
CONTROLO PELOS
TRABALHADORES

O programa da lista «B» reedita os «princípios de orientação sindical» da direcção demitida. «O programa na base do qual os trabalhadores tinham votado defende um sindicato democrático, independente de Partidos Políticos, do Estado e do Patronato, controlado pelos trabalhadores. (...) Agora, depois de termos colhido a experiência de duas direcções sindicais sectárias e antidemocráticas, propomos-nos formar um grupo coeso, capaz de cumprir a vontade da maioria dos trabalhadores de escritório. Propomos-nos lutar pela democracia sindical, pela unidade da classe, para transformar o sindicato numa forte organização capaz de defender os interesses dos trabalhadores de escritório».

«C»:
FRENTE ÚNICA

Do programa da lista «C»: «A luta sindical é uma luta política e a luta de classes é o seu motor. O Sindicato deve ser uma escola de formação política em que as massas trabalhadoras progredam na consciência de classe, através das tomadas de posição na luta contra a exploração capitalista. (...) Lista de Frente Única



aberta a todos os trabalhadores e correntes verdadeiramente democratas. Denunciamos e responsabilizamos essas tentativas divisionistas dos trabalhadores pelo actual controlo social-fascista do nosso Sindicato. Propomos-nos unir à volta desta Lista e deste Programa todos os trabalhadores democratas, verdadeiramente empenhados na construção de uma sociedade sem classes».

«D»:
CONTRA A
INSTRUMENTALIZAÇÃO

No seu programa, a lista «D» defende: «um sindicato verdadeiramente democrático, independente de qualquer partido político, mas com completa abertura a todas as ideologias que conduzam à emancipação dos trabalhadores, numa verdadeira linha aglutinadora da classe»; «combater todos os tipos de instrumentalização e sectarização que sempre têm provocado a divisão dos trabalhadores, enfraquecendo-os na sua luta e desviando-os dos seus verdadeiros objectivos»; «levar a cabo a tarefa de união da classe e dar-lhe uma organização que a conduza à vitória na luta anticapitalista e anti-imperialista, em colaboração com os restantes trabalhadores explorados das cidades e dos campos».

Unicidade sindical defendida em Beja

«Num plenário de unidades agrícolas de produção colectiva que se realizou hoje no Estádio Municipal de Beja foram condenados os acontecimentos de Custóias e as prisões de militares revolucionários exigindo-se a sua libertação e reintegração no Exército e feito um apelo para a vigilância revolucionária dos soldados» — declarou à Anop um elemento do Sindicato dos Agricultores de Beja.

Na mesma reunião e após a denúncia da repressão que se tem exercido em alguns sindicatos aprovou-se a tese de unidade sindical.

A substituição dos centros regionais da reforma agrária foi também objecto de contestação exigindo-se para os mesmos, elementos da confiança dos trabalhadores.

Loiças de Sacavém:
terminou a greve

Os 62 trabalhadores dos escritórios da Fábrica de Loiça de Sacavém terminaram a greve, que durou apenas dois dias, depois da administração ter aceite as reivindicações exigidas por aquele sector da empresa.

Os trabalhadores de escritório, tal como já havia acontecido com os metalúrgicos e rodoviários da empresa, pretendiam que a tabela salarial do CCT fosse cumprida. Atendendo às dificuldades económicas da empresa, concordavam em que os aumentos não fossem pagos imediatamente, mas creditados em contas-correntes e pagos quando a fábrica estivesse em condições de o fazer. A administração, pura e sim-

De realçar uma outra moção em que se aprovou a ajuda dos trabalhadores das unidades colectivas aos pequenos e médios agricultores através de empréstimos de máquinas, prestação gratuita de serviços necessários e facilidade no escoamento de produtos.

Usaram da palavra durante o plenário o governador civil de Beja, o segundo comandan-

te da Região Militar do Sul em representação do brigadeiro Pezarat Correia, representantes sindicais e elementos das comissões directivas das unidades agrícolas.

No final foi decidida uma reunião a realizar entre o Sindicato dos Agricultores de Beja e o Centro da Reforma Agrária reunião que ainda está a decorrer.

Taxistas não aceitam
privilégios dos retornados

Reunidos em assembleia «para tomar posição em relação ao projecto de diploma que permitiria que os alvarás fossem distribuídos em si-

tução de desfavor para com os trabalhadores da metrópole e em situação de privilégio para os retornados» os motoristas de táxi de Lisboa «dizem não»; dizem que aceitam as camaradas retornados em situação de igualdade e não de privilegiados». Esta a decisão mais importante tomada na assembleia, convocada especialmente para discutir este assunto pelo Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa.

Os taxistas de Lisboa consideram que o projecto de diploma do VI Governo poria «em causa as cooperativas já constituídas ou a constituir e, até, os próprios profissionais que nunca saíram do continente». Relativamente aos retornados, «muitos deles patrões», os motoristas reiteraram que nada têm contra eles: «Os retornados devem inscrever-se no sindicato e nas cooperativas e aguardar colocação». Recordando-se, entretanto, que, em reunião recente dos motoristas retornados das ex-colónias, a maioria não pareceu disposta a aceitar inscrever-se nas cooperativas já constituídas.

Dirigentes metalúrgicos
no Conselho da Revolução

Os dirigentes da Federação Nacional dos Metalúrgicos devem ser recebidos esta tarde, pelas 16 horas, em Belém, pelo capitão Sousa e Castro, membro do Conselho da Revolução.

A concretizar-se esta entrevista, serão abordadas questões relacionadas com o congelamento dos salários, a subida do custo de vida; o encerramento das empresas e o desemprego; ofensiva da reacção contra a reforma agrária; «política de mentira, antiope- rária, repressiva e divisionista do Ministério das Corporações» (os metalúrgicos refe-

rem-se sempre desta forma ao Ministério do Trabalho); revisão da Lei das Associações sindicais; decreto-lei do controlo operário e repressão após o 25 de Novembro.

Recordamos que os dirigentes metalúrgicos já haviam solicitado uma entrevista ao Conselho da Revolução, há mais de dois meses. Entretanto, ainda não foram recebidos pelo Presidente da República (apenas pelo seu gabinete) e continuam a aguardar os encontros com os ministros da Indústria, agora empossado, e do Trabalho.

Pitacas Antunes
continua em funções

Em aditamento à nota oficial do Ministério do Comércio Interno, publicada na pág. 8, este departamento pede-nos a divulgação do seguinte esclarecimento:

«Por não ser completo, o que se lamenta, o esclarecimento publicado acerca da situação dos tarefeiros dos organismos dependentes do Ministério do Comércio Interno em aditamento à nota oficial de 5 de Janeiro esclarece-se o seguinte:

«Em Novembro último, no decurso de um plenário das comissões de trabalhadores de 18 zonas da Direcção-Geral da Fiscalização Económica, os representantes dos trabalhadores decidiram suspender o dr. Pitacas Antunes.

«Esta suspensão não se efectivou, contudo, decisão que teve a posterior concordância dos trabalhadores, pelo que o dr. Pitacas Antunes se mantém ao serviço na Direcção-Geral da Fiscalização Económica».

CINTURA INDUSTRIAL
APOIA MANIFESTAÇÃO

A concentração de protesto contra a carestia de vida promovida por treze sindicatos e marcada para o próximo dia 17, às 16 horas no «Estádio 1.º de Maio» acaba de receber o apoio do Secretariado Provisório das Comissões de Traba-

lhadores da Cintura Industrial de Lisboa.

Ao anunciar a sua decisão, o mesmo Secretariado «alerta todos os trabalhadores e o povo em geral para a escalada reaccionária a que temos vindo a assistir».

A COMISSÃO DE TRABALHADORES
DE TERRA DA SNAPA

— Soc. Nacional dos Armadores
da Pesca de Arrasto, SARL

(capturas em 1975 — 6362 toneladas)

informa o publico em geral do preço por que vende ao distribuidor algumas qualidades de peixe de captura:

TABELA DE PREÇOS
DE PEIXE CONGELADO
(ao distribuidor)

	Esc/kg.
BESUGO	20\$00
CACHUCHO grande	30\$00
CACHUCHO medio	20\$00
CACHUCHO DENTAO grande	25\$00
CACHUCHO DENTAO medio	15\$00
CHOCOS grande	30\$00
CHOCOS medios	25\$00
CORVINA	45\$00
GAROUPA grande	45\$00
GAROUPA media	55\$00
GAROUPA pequena	35\$00
IMPERADOR grande	20\$00
IMPERADOR pequeno	15\$00
LULAS grandes	30\$00
LULAS medias	40\$00
MEROS grandes	40\$00
MEROS medios	45\$00
MEROS pequenos	20\$00
PARGO grande	45\$00
PARGO medio	35\$00
PARGO pequeno	25\$00
RABETAS grandes	40\$00
RABETAS medias	35\$00
RABETAS pequenas	20\$00
RAINHAS grandes	45\$00
RAINHAS medias	35\$00
RAINHAS pequenas	20\$00
RUVOS grandes	15\$00
SARGOS grandes	20\$00
SARGOS medios	15\$00
SARGOS pequenos	10\$00

Geral

... Nas vésperas da cimeira da Organização da Unidade Africana (O. U. A.), convocada pelo presidente Samora Machel de Moçambique com um único ponto de ordem de trabalhos («as disposições a tomar em face da agressão perpetrada contra Angola pelas tropas sul-africanas»), o «DL» publica extractos de um longo artigo da autoria do presidente Ahmed Sekou Touré, da República da Guiné, publicado na revista «Afrique-Asie». Na página 12, um artigo do nosso colaborador Edgar Valles aborda igualmente a questão angolana, à luz da importante cimeira que se aproxima. Agostinho Neto já declarou em entrevista a «Le Monde» que não tem grandes esperanças nos resultados desta cimeira, dada a complexidade de manobras e interesses que se desenrolam e defendem nos bastidores. Mas, como diz o presidente Sekou Touré, Angola é o teste da África, é a batalha de África. Se a O. U. A. não conseguir estar à altura da sua missão histórica neste ponto crucial da vida do continente africano, afundar-se-á lamentavelmente. Da decisão que a O. U. A. tomar sobre o assunto depende também a própria sobrevivência dessa organização.



O povo angolano acorre a um comício do M. P. L. A., na fase do Governo de Transição.

Angola levanta um problema sério. Mesmo se a sua importância não surgir à primeira vista, mas apenas depois de uma análise aprofundada.

Primeiro que tudo, quem é Holden Roberto?

A verdade é que Holden Roberto, o dirigente da F. N. L. A., foi lançado na arena política internacional, e depois encorajado a tornar-se porta-voz do movimento de libertação de Angola, pela República da Guiné — o que geralmente se ignora em África e no mundo, devido à nossa voluntária discrição sobre esta página da história da descolonização africana. Fomos nós que demos a Holden o seu primeiro passaporte diplomático, em 1958-59. Fomos nós que o contratámos e o acolhemos fraternalmente na nossa embaixada em Nova Iorque, de 1959 a 1960, na qualidade de empregado regular, de assalariado beneficiando das mesmas vantagens e privilégios que os nossos próprios nacionais. Fomos nós que guiámos os seus primeiros passos. Fomos nós, finalmente, que tirámos esse homem da clandestinidade.

Holden Roberto chegou a Conakry logo a seguir à nossa independência. Chamava-se então Guilmore, até Janeiro de 1960, data em que, em Tunes, o apresentámos sob o falso nome de Holden Roberto na tribuna da Conferência dos Povos de África. (...) É um facto histórico incontestável que de 1958 até essa data Holden beneficiou do apoio total da República da Guiné que, em 1960, o recomendou a Patricio Lumumba.

CONQUISTADO PELO IMPERIALISMO

Foi no seio da diplomacia guineense que Holden Roberto

foi contactado por certos serviços secretos do imperialismo, como depois viríamos a saber. Infelizmente só muito mais tarde. A primeira vítima do mercenariado de Holden viria a ser, para cúmulo da ironia, a sua protectora desinteressada, a República da Guiné: na verdade, foi encarregado de a denegrir, de a vilipendiar nas agências onde os seus patrões o faziam entrar e onde ele devia tentar provar que a Guiné não estava em condições de ascender à independência. Esta vergonhosa tarefa cumpriu-a Holden com todo o zelo característico do mercenário vulgar que ele nunca deixou de ser nestes últimos quinze anos. Fomos nós que preparámos as suas primeiras intervenções sobre o problema angolano no palco internacional.

Foi assim que lançámos Holden. Nós, a República da Guiné. Quando se constituiu a O. U. A., pertencíamos àquele grupo que, em Maio de 1963, tinha submetido um projecto de resolução relativo ao auxílio de todos os Estados independentes a favor dos movimentos de libertação. Este projecto de resolução foi asperamente discutido no seio da O. U. A. A percentagem proposta não foi aceite pela maioria, que era de entender que cada nação africana devia intervir, tendo em vista as suas possibilidades, no auxílio aos movimentos de libertação.

Assim, a 15 de Junho de 1963, a Carta da O. U. A. era ratificada pela Assembleia Nacional da Guiné, e a lei da ratificação promulgada a 18 de Junho. Nas mesmas datas era ratificada e promulgada também a decisão da O. U. A., autorizando-se o presidente da República a conceder um por cento do orçamento nacional a título de contribuição do Es-

tado aos nacionalistas africanos em luta pela independência do seu país. Deste modo a República da Guiné era o primeiro Estado africano a aderir efectivamente à carta histórica da O. U. A. e a aplicar uma das primeiras e mais importantes resoluções daquela Organização.

(...) Foi assim que nasceu também o Comité de Libertação da O. U. A. e foi isto que motivou algumas das nossas iniciativas a favor de nacionalistas como Holden.

Sabe-se que o M. P. L. A. foi criado em 1956, nascido da fusão do Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (P. L. U. A.) com outras organizações nacionalistas. Em 1960, Agostinho Neto, então presidente de honra do M. P. L. A., e vários outros dirigentes influentes deste movimento foram presos pelos colonialistas portugueses. Esta bárbara repressão levou o M. P. L. A. a desencadear a luta armada — foi o ataque de 4 de Fevereiro de 1961 em Luanda.

Muito habilmente, com uma habilidade inteiramente dirigida contra o M. P. L. A. em luta contra as tropas de ocupação portuguesa, a F. N. L. A. constituía-se em 1962 e, no dia 5 de Abril do mesmo ano, criava em Kinshasa o governo provisório no exílio (G. R. A. E.) sob a presidência de Holden Roberto. Apoiado por nós, Holden afirmava por todo o lado que representava todos quantos se batiam no interior de Angola. Devemos confessar que nos deixámos iludir. Por nossa intervenção o G. R. A. E. de Holden foi reconhecido em Julho de 1963 pelo Comité de Libertação da O. U. A., e Holden reconhecido como chefe de Estado com assento na O. U. A. O Governo de Kinshasa, sob a direcção de Mobutu,

apressou-se a proibir toda a actividade do M. P. L. A. no território zaireense, fechando a todo o comprimento a fronteira — golpe terrível assestado na luta de libertação de Angola. (...)

(...) O M. P. L. A. não cessava, porém, de nos enviar informações sobre Holden Roberto. A sua traição, o seu total desvirtuamento à causa imperialista tornaram-se demasiado flagrantes e, em 1971, a O. U. A. teve de retirar o reconhecimento ao G. R. A. E. Os factos são factos e ninguém pode esconder as actividades criminosas de Holden. Os fundos enviados pela O. U. A. para a F. N. L. A. foram utilizados em proveito próprio por Holden, como o testemunha a sua fortuna fabulosa, acumulada no Zaire e noutros pontos do mundo à custa da libertação de Angola. Hoje Holden dispõe de imensas farmácias e outras casas comerciais no Zaire. Até os medicamentos enviados por certos amigos para os combatentes são vendidos em boa parte nos mercados de Kinshasa.

(...) Muito cedo o «comité» coordenador dos movimentos de libertação das colónias portuguesas começou a dar informações sobre os actos escandalosos e criminosos de Holden Roberto. Mas nós não queríamos acreditar. Decidimos contudo verificar as coisas in loco. Pudemos constatar que só os militantes do M. P. L. A. se batiam efectivamente contra as tropas portuguesas. Constatámos que Holden vivia permanentemente em Kinshasa e nunca se dirigia à frente da batalha. Então vimos-nos forçados a mudar de atitude perante a evidência e, pela mesma ocasião, compreendemos o bem fundado dos documentos que amigos dos povos

ANGOLA: UM TESTE

africanos nos tinham comunicado várias vezes e que demonstravam que Holden Roberto era um homem dos serviços secretos imperialistas desde a época em que servia na diplomacia guineense. Não é a pessoa de Holden Roberto que nos interessa, mas sim o destino do povo angolano. Foi partindo desta convicção da traição de Holden e da rigorosa fidelidade do M. P. L. A. ao povo angolano que nós começámos a auxiliar o M. P. L. A.

Holden (que mantinha e mantém as melhores relações com Mobutu) lutava apenas contra os militantes do M. P. L. A. Cada vez que o M. P. L. A. enviava para o interior do território angolano secções especializadas para lutarem contra as tropas portuguesas eram as tropas da F. N. L. A. que massacravam os seus homens. Isto é bem conhecido da opinião pública mundial. Que as tropas de Holden Roberto nunca tenham combatido o exército colonial, eis uma verdade que ninguém mais pode ignorar. A verdade é que Holden nunca foi um combatente nacionalista, mas um homem muito ambicioso: queria impor-se como dirigente de uma Angola, que se transformaria numa possessão neocolonial dos imperialistas.

(...) Quando, sob os golpes temíveis que o colonialismo português sofreu do P. A. I. G. C., Frelimo e M. P. L. A., o fascismo português foi derrotado, encetando-se uma primeira fase de um novo fascismo, o de Spínola, do criminoso, que tinha organizado e dirigido a agressão imperial portuguesa contra a República da Guiné e o assassinato de Amílcar Cabral em Conakry. Mobutu e Holden apressaram-se a entrar em conluio com Spínola. Felizmente este foi muito habilmente despistado pelo M. F. A. e politicamente liquidado.

(...) Ao mesmo tempo para destruir a única força nacional que combatia em Angola, o M. P. L. A., e tentar evitar uma liquidação total do seu domínio, o colonialismo português recorreu à tática da cisão no seio do M. P. L. A. Uma dupla cisão foi provocada no seio do movimento por diligências do imperialismo: uma levada a cabo por elementos intelectuais, da fracção dita «Revolta activa», e outra provocada por outro responsável do M. P. L. A., recrutado pelas agências imperialistas, Chipenda, que, numa base racista, criou aquilo a que se chamou «Revolta do Leste». Uma e outra revolta eram obra do imperialismo e só a este serviam. De resto, para que não haja enganos, o traidor Chipenda acabaria por se integrar na F. N. L. A.

O GOLPE DO SAL

Por ocasião destas cisões, recebemos, em Conakry, numa reunião do Comité Político do C. C., um dos chefes da «Revolta activa», Mário de Andrade, que era conhecido e tido na República da Guiné como nosso amigo e que enviámos para trabalhar no nosso Instituto de Pesquisa, na capital da Guiné, de forma a que estives-

se melhor relacionado e pudessemos lutar com todas as suas forças contra o colonialismo português.

Naquela reunião do «bureau» político do Comité Central, denunciámos e condenámos energicamente o desvio do Mário de Andrade. Dissemos-lhe, mesmo, que se tornara, objectivamente, um elemento negativo relativamente ao seu povo em luta contra o fascismo português.

Ao mesmo tempo que o imperialismo tentava, por todas



Sekou Touré considera Angola um teste para toda a África.

as formas e feitios, destruir interiormente o MPLA. Mário de Andrade esforçava-se, junto de Mobutu, para ultimar as negociações que procuravam regularizar a divisão da «taluda». Viu-se, na verdade, que no preciso momento em que os movimentos de libertação de Angola progrediam no propósito na via de libertação nacional, Spínola encontrava-se com Mobutu. Nós publicámos, aqui (em Conakry), uma carta recebida de um amigo português que explicava o «complot» arquitetado naquele momento para levar a cabo a divisão de Cabinda, extremamente rica em hidrocarbonetos, e, assim, enfraquecer o MPLA.

Aquele triste golpe, como é do conhecimento de todos, partiu da Ilha do Sal, no arquipélago de Cabo Verde. Os observadores políticos de todo o mundo não ignoram que a delegação portuguesa que visitou Kinshasa depois daquele famoso encontro tinha uma missão bem específica. E, na capital do Zaire, foram muitos os generais estrangeiros que se informaram junto das autoridades



Por SÉKOU TOURÉ

PARA ÁFRICA

locais para prepararem a fase dramática que hoje se está a viver em Angola.

(...) Quando Portugal anunciou que estava em vias de reconhecer a independência de Angola em 11 de Novembro último, a OUA não fez nada de positivo para apoiar o povo angolano. Porquê? A verdade é que o acordo do Sal entre Mobutu e Spínola mais não visava que a defesa dos interesses imperialistas nas antigas colónias portuguesas. Quando Spínola foi apeado do poder,

aprazada para 11 de Novembro passado, todos os traidores deveriam, em princípio, ratificar o acordo Spínola-Mobutu concluído no Sal contra Angola e os interesses do seu povo. Importa igualmente assinalar que entre Mobutu e Amin existem laços que possibilitaram ao último recorrer aos bons ofícios do primeiro, de modo a regularizar um diferendo que os separava, bem como entre Amin e o Governo britânico. Por isso, Mobutu recorreu a esses laços pa-

verno português que retardasse a independência de Angola e que transferisse o poder não para o povo angolano, organizado no seio do MPLA, mas sim para a OUA.

(...) Era um insulto ao povo angolano e a toda a África, um insulto que não podíamos deixar sem resposta. Afirmamos que Amin traiu o povo angolano e toda a África.

(...) Afirmamos que não há em Angola três movimentos de libertação, mas um só movimento, o MPLA, o único partido de todo o povo angolano. Os outros - a FNLA e a UNITA - não passam de títeres do imperialismo. Quanto à ocupação de Angola por tropas da OUA, lembramos que no passado defendemos a constituição dum exército africano. Mas contra qualquer intervenção das tropas imperialistas nos territórios africanos sob domínio estrangeiro, e nunca contra um movimento de libertação que teve na independência os frutos da sua vitória. Todavia, os governos reaccionários de África opuseram-se à formação de um tal exército de libertação e, hoje, quando o Governo português abandona Angola, requereu-se que Portugal transferisse o poder para a OUA e que esta enviasse tropas para ocupar Angola. Não será isto um insulto a todos os africanos?

Ninguém em particular ignora que Jonas Savimbi recebeu sob os cuidados e os auspícios dos interesses dos colonos portugueses e sul-africanos, cujo programa final era tornar Angola um «departamento português» a soldo do imperialismo. A UNITA refere-o com clareza no seu manifesto, sendo nessa condição que os seus delegados foram à ONU ao lado da delegação portuguesa. É a isto que querem classificar como um movimento de libertação? Quantos metros quadrados foram libertados em Angola pela UNITA?

No concernente à FNLA, que deveria ter-se tornado um autêntico movimento de libertação, porque por nós foi significativamente apoiado e ajudado, não se bateu, igualmente, em nenhuma parte do território. O seu chefe, Holden Roberto, assentou arrais fora de Angola, contentando-se com



«Não é a pessoa de Holden Roberto que nos interessa, mas sim o destino do povo angolano».



O movimento de Agostinho Neto é o único que Sékou Touré reconhece.

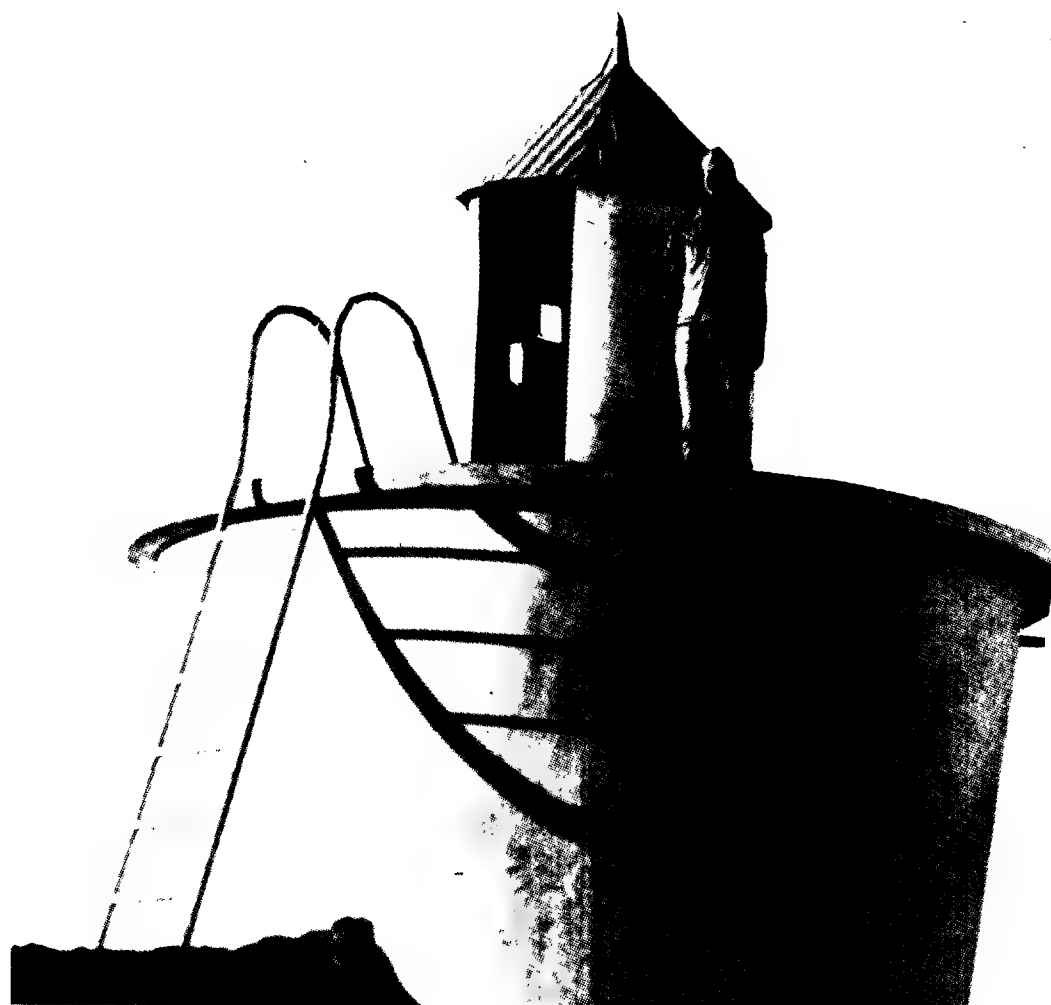
o acordo manteve-se inalterável: o Zaire devia apoderar-se de Cabinda, e apoiar a «invasão» do território pelas potências capitalistas, a fim de facilitar a exploração dos imensos jazigos de petróleo que o enclave tem. Holden Roberto, agente do imperialismo e de Mobutu, seria colocado como chefe de Estado em Luanda para todo o território angolano, sempre com a firme promessa de deixar as mãos livres aos imperialistas e, para cúmulo, de proteger os colonialistas raciais da África do Sul no interesse de toda a região austral. Não era a primeira vez que o imperialismo, contando com o apoio de traidores africanos, se instalava no continente. Recorde-se, a propósito, que se servira de Tschombé para roubar ao Congo-Zaire as riquezas de Katanga. E, ao fim e ao cabo, a secessão catanguesa só se desvaneceu quando, já com Patrice Lumumba assassinado, esse mesmo imperialismo se implantou, facilmente, no território controlando a economia do país.

Para a cerimónia angolana

ra convencer Amin a apoiá-lo e a ultimar o referido acordo nas costas do povo angolano.

Tudo se processou como se Amin pretendesse a todo o transe levar a cabo a libertação africana, sem comprometer o continente relativamente aos que o «financiavam». Todos nos recordamos que para retirar a FNLA e a UNITA da órbita imperialista, tentámos constituir com eles uma frente comum contra o colonialismo português em declínio, sugerindo que o MPLA aceitasse a FNLA e a UNITA como se fossem dois autênticos agrupamentos de libertação. Foram feitas diversas tentativas nesse sentido, que, não obstante, se malograram, pois os dois nunca quiseram abandonar a defesa.

(...) E esse pretexto da necessidade duma frente comum dos três movimentos que Idi Amin usa contra a independência e integridade de Angola e por conta do imperialismo, dos racistas sul-africanos e do seu colega Mobutu. A tal ponto que Amin ousou propor ao Go-



A Lunda, onde a Diamang montou um império, foi uma das primeiras regiões libertadas pelo M. P. L. A.

subsídios destinados aos combatentes para aumentar a sua fortuna pessoal, desviando em seu proveito os dinheiros enviados para reforçar a luta armada. Nunca agiu revolucionariamente no interior, e cremos que esse facto é por todos conhecido.

A IMPOSSÍVEL RECONCILIAÇÃO

Quando não se quer tomar posição, pode simplesmente dizer-se: «Urge reconciliar os três movimentos». Mas um católico sincero nunca procurará reconciliar Satanás com Jesus. Um muçulmano sincero jamais pretenderá reconciliar Maomé com o Diabo.

Os governos africanos que argumentam com exigências e pretextos de honra e de progresso para África, aqueles que alijam as suas responsabilidades na questão, todos os que são cúmplices das potências imperialistas nas suas típicas manobras de diversão e divisão, são precisamente os que sempre se recusaram a apoiar o povo angolano com explicações derrotistas, subjectivistas e confusionalistas. Reclamam um governo de União Nacional como condição para o seu reconhecimento do Estado soberano de Angola. Denunciam o facto de Cuba, a URSS e outros revolucionários apoiarem o MPLA.

Esquecem propositadamente que as armas e as munições, os uniformes e os veículos utilizados pelos movimentos de libertação em África têm sido generosamente cedidos por aqueles países. Pretendem colocar no mesmo plano de igualdade os Estados progressistas e os regimes fascistas da Rodésia e da África do Sul, amigos e inimigos da África. Isso são atitudes de demissão, até de traição consciente e de liberdade, que visam desenvolver a confusão entre o MPLA e a UNITA e a FNLA, entre Cuba e a África do Sul, a independência e o neocolonialismo.

Exigir do MPLA que se entenda com a FNLA e a UNITA, no seio dum governo «de união nacional», exigir isso, agora que a FNLA e a UNITA se aliam à África do Sul numa agressão armada contra Angola, agora que estão provados actos de

chacina cometidos pelas tropas invasoras e dos dois movimentos citados, é estar deliberadamente do lado do imperialismo, é ajudar a mantê-lo em Angola, é querer introduzi-lo no próprio aparelho de Estado angolano. Pretender manter o equilíbrio entre o MPLA, dum lado, e a FNLA e a UNITA, do outro, entre os amigos do povo e os seus inimigos, é escolher objectivamente o imperialismo, o colonialismo, o fascismo, contra os amigos do povo angolano, contra a sua independência, contra todos os povos africanos, contra a justiça universal.

Confundir hoje na mesma reprovação, por um lado, a África do Sul, que agrediu militarmente Angola e a invadiu, e, por outro, os Estados que ajudam diplomaticamente, material e militarmente o povo angolano, o MPLA, o seu partido nacional o seu Estado independente, a resistir à agressão e a destruir as tropas coligadas da África do Sul, da UNITA, do colonialismo português e da FNLA, é escolher livremente a partilha de Angola, é escolher a recolocação de todo o continente africano.

Há dois elementos que poderíamos e deveríamos examinar sem paixão, com objectividade: 1. todos os movimentos nacionalistas das antigas colónias portuguesas constituíram um comité de coordenação que foi reconhecido pela OUA. Ora, a 8 de Novembro de 1975, esse comité reuniu-se em Lourenço Marques com a efectiva participação dos dirigentes dos movimentos de libertação que conquistaram a independência nacional nos seus países. Este comité dá todo o apoio ao MPLA e pede aos Estados africanos que apoiem unicamente o MPLA. Isto três dias antes da independência de Angola. É um facto histórico que deve nortear a nossa posição; 2. Que a UNITA e a FNLA se puseram em contacto com a África do Sul e a Rodésia não é segredo para ninguém, não só porque os jornais de todo o mundo noticiaram a agressão, mas também porque o próprio governo racista e colonialista da África do Sul informou o mundo de que intervém em Angola em nome da civilização ocidental e dos seus superiores interes-

ses. Ian Smith e Vorster ajudam a FNLA e a UNITA por intervenção directa das suas tropas em Angola, ao lado de homens desses dois grupos. Até a revista «Jeune Afrique» o reconhece. Basta saber dessa aliança para não se hesitar mais tempo no apoio ao MPLA. Se a África do Sul e a Rodésia ajudam esses movimentos e por saberem que um regime progressista instaurado em Angola ajudaria a Namíbia. Se a Namíbia for libertada, a Rodésia não poderá continuar a resistir. E se o Zimbabwe e a Namíbia forem libertados, o apartheid está condenado a desaparecer. Por isso, toda a Europa imperialista ajuda a FNLA e a UNITA, que poderiam servir de tampão aos movimentos de libertação da África Austral.

A rádio da África do Sul fala claramente das razões que a levam a apoiar a FNLA e a UNITA. E nós vamos ficar à espera até mais ver? Ver o quê? Esperar pelo quê? Todos podemos ter tempo para reflectir quando se trata de fazer uma escolha entre dois ou três indivíduos.

Mas aqui o problema é do povo angolano, da independência nacional de Angola, da sua integridade territorial, da soberania do seu povo. Hoje trava-se em Angola a batalha de África. É para todos nós um teste. Temos pois que tomar imediatamente partido, e, por nós, já o tomamos.

Por que e que o Zaire apoia a FNLA e, ao mesmo tempo, acolhe a sede da FLEC, movimento secessionista em Cabinda? Porque em Cabinda há petróleo. É o caso do Zaire se repete. Mas, se o Zaire não cuida, o petróleo poderá arrastar consequências mais graves: mais guerras.

Tratando-se dos interesses africanos, não podemos, este no mesmo campo que Ian Smith e Vorster, os defensores do apartheid e do imperialismo colonialista em África. Toda qualquer solução que esse, dois racistas aceitem é a priori suspeita e necessariamente contrária ao interesse dos nossos povos, a liberdade dos nossos povos, a dignidade dos nossos povos. É certo que a luta pode ser longa e dura, mas a África vencerá e os quais forem os meros que os seus inimigos usem co-



populares ensaiam a defesa de uma aldeia, sob a orientação das F. A. P. L. A.

Estrangeiro

O.U.A. - "A África tem que se unir"

EDGAR VALLES

Esta vibrante palavra de ordem do grande dirigente Kwame Nkrumah galvanizou há cerca de 16 anos os povos africanos, obrigando mesmo os Governos mais conservadores a aderir ao processo de constituição da O. U. A. Hoje, apesar da morte física do mais ardoroso par-africanista, o apelo de N'krumah ecoa mais fortemente do que nunca, nas vésperas da Cimeira da O. U. A.

CONTRADIÇÕES INEVITÁVEIS

Perante o crescente reconhecimento internacional da República Popular de Angola e a consolidação político-militar das forças patrióticas, o imperialismo lança agora uma nova cartada por ocasião da realização da Cimeira da O. U. A. Como se não bastasse a política de verdadeira traição sancionada por algumas das últimas decisões desta organização internacional, os Mobutus de África tentam reunir uma maioria reaccionária que legitime as suas punhaladas à unidade africana.

Claro que nenhum chefe de Estado africano tem a coragem de se colocar oficialmente ao lado dos mercenários internacionais que, guiados pela África do Sul, testam de ferro do imperialismo na África Austral. Invadiram o solo angolano perpetrando as mais sangrentas barbaridades. Assim se explica o facto de, até agora, nenhum país ter reconhecido o Governo fantoche da F. N. L. A. U. N. I. T. A. Todavia, recorrendo a uma diversidade de formas, não regateiam todo o seu apoio aos seus compadres, em defesa da causa comum: a exploração dos povos explorados. Entre esses métodos, avulta a utilização pelas forças reaccionárias de uma organização criada para a libertação da África.

Não admira que tal suceda. Mesmo antes da fundação da O. U. A., em 1963, era visível a submissão ao imperialismo por parte de muitos dirigentes dos novos países que, libertos do domínio colonial directo, permaneciam como apêndices do mesmo sistema. Recorrendo a novos métodos, os imperialistas lograram manter a exploração económica desses países submetendo-os ao neocolonialismo. Os Governos nacionais não mais eram senão os representantes do capital sem pátria defendendo os seus interesses de classe, quer a nível interno quer no plano das relações internacionais. A constatação desta situação foi claramente reconhecida por N'krumah, que a denunciou sem hesitar, em 1963, no livro «A África tem que se unir».

Considero condenável a responsabilidade destes Estados em se libertarem politicamente, ainda que tal possa levar à perda dos subsídios que lhes são atribuídos em troca de um alinhamento prolongado a política das potências colonizadoras. Igualmente condenável é a recusa em reconhecer a natureza do novo imperialismo que deles se utiliza para manter a África dividida, como meio de impedir a independência total e de perpetuar a hegemonia dos neocolonialistas. Pior ainda é a hipocrisia de certos chefes de Estado que fingem estar dispostos a cooperar em certos pontos com outros Estados africanos mas que na realidade estão dispostos a cooperar com as potências coloniais para impedir os esforços de assistência mútua e de unidade entre os africanos. Se eles tivessem tido as mesmas dificuldades na luta pela indepen-

dência, certamente que pensariam duas vezes.

É nesta perspectiva que se situam as contradições no seio da O. U. A. Ainda que formalmente todos se declarem adeptos dos princípios contidos na Carta, em particular do direito à autodeterminação e independência e do princípio da não ingerência nos assuntos internos, as divergências surgem nos casos concretos, susceptíveis de pôr em causa os interesses capitalistas.

A O U A E AS COLÓNIAS

Na Conferência de Adis-Abeba, em 1963, e como corolário da aprovação da Carta da O. U. A., que fixou como objectivo prioritário a libertação de todos os territórios africanos ainda sob o jugo colonial, foi decidida a criação de um Comité de Libertação, com a finalidade de coordenar a ajuda aos combatentes da liberdade. A decisão foi louvável conseguida apenas pela pressão dos dirigentes anti-imperialistas. A actuação deste «comité» reflecte a luta ao nível das relações internacionais entre os países progressistas e aqueles que tudo fazem para boicotar as iniciativas unitárias. Assim, uma das primeiras decisões do «comité» foi reconhecer o chamado G. R. A. E. de Holden Roberto, obstaculizando assim o trabalho do M. P. L. A. Por outro lado, com a alegação de que Portugal alteraria de livre vontade o estatuto das suas colónias através da pressão internacional («argumento este que viria a ganhar nova força, a partir de 1968, com a demagogia liberalizante de Caetano»), e pretextando que a África tinha necessidade de não se envolver em «guerras intermináveis», muitos dos países recusaram-se a fornecer os contributos que voluntariamente aprovavam. Citemos, a título de exemplo, a seguinte afirmação de Eduardo de Sousa Ferreira:

«Apenas 6 dos 41 membros da O. U. A. têm pago completamente as suas contribuições aos movimentos de libertação. Devido à ineficácia do Comité de Libertação, alguns Estados, como a Argélia, preferem apoiar directamente os movimentos de libertação.» 2

Um outro exemplo: em 1972, a Cimeira de Rabat decidiu aumentar em 50 por cento as contribuições para as lutas de libertação. No entanto, o efeito foi reduzido, uma vez que a maioria continuou a não pagar. Desta forma, a contribuição dos países africanos para o Comité de Libertação era apenas «levemente superior à fornecida pelos países nórdicos e organizações religiosas» 3.

IMPASSE EM KAMPALA

Curiosa mas coerente foi a posição defendida no ano transacto (Julho de 1975), em Kampala, pelos dirigentes que mais têm boicotado o apoio da O. U. A. aos movimentos de libertação.

Recordemos a conjuntura: Angola foi o centro das discussões, pois as forças patrióticas enfrentavam de armas na mão os grupos fantoches da F. N. L. A. U. N. I. T. A., compostos por zairenses, sul-africanos e até elpistas portugueses. Usando da palavra, o representante do M. P. L. A. foi implacável:

«Senhor presidente, este exercito da F. N. L. A. é muito estranho, pois a grande maioria dos seus elementos não fala nem o português nem qualquer outra língua angolana, mas apenas o lingala, língua estrangeira. Somos assim leva-

dos a concluir que o Zaire cede não apenas armas à F. N. L. A. mas também homens e sobretudo quadros militares. Com que direito se imiscui nos assuntos angolanos? Com que direito Mobutu foi ao Sai? Por que razão deseja a todo o custo destruir o M. P. L. A. e impor a F. N. L. A. ao povo angolano? Por que razão mantem campos de treino da F. N. L. A. quando outros países vizinhos decidiram encerrar os campos dos movimentos de libertação, após os acordos destes com os portugueses? Por que razão mantem campos de treino da F. L. E. C. no território de um Estado africano: não é a F. L. E. C. um partido separatista não reconhecido pela O. U. A.? Por que razão coloca tropas ao longo da fronteira com Cabinda?»

Mobutu, Amin e outros tudo fizeram para «internacionalizar» a luta do povo angolano, de modo a repetir em Angola

canos invade em Outubro o território angolano, perante a passividade espantosa (e porque não, criminosa) do Governo português que, ao abrigo da alínea b) do art.º 13.º dos Acordos de Alvor, era responsável pela soberania da ainda colónia. Aproximando-se a data da independência (11 de Novembro) e face a resposta firme do M. P. L. A. a agressão, Amin propõe nos princípios desse mês uma intervenção armada em Angola. Respondendo em 5 de Novembro a esse apelo, Sekou Touré ironizou: «Pensamos que esta enganação, porque não pode pedir à O. U. A. que cometa tal crime contra o povo angolano».

Proclamada solenemente em 11 de Novembro a República Popular de Angola, fruto de uma luta heroica contra o colonialismo e o imperialismo, Amin apressou-se, na sua megalomania, a ameaçar: «Não respeitarei nenhum país que



Angola: os defensores de Quifangondo contra a abortada operação da F. N. L. A. para cortar a água à capital, em Novembro passado.

o que se passou no Congo durante os primeiros anos da década de 60. Assim, propuseram o envio de uma força da O. U. A. (Amin, no discurso de abertura, indicou o montante de 10 000 efectivos), a condenação de Portugal pelo seu «apoio» ao M. P. L. A. e a redução de poderes do Comité de Libertação.

Esta manobra falhou e a conferência traduziu-se num impasse, uma vez que não foi denunciada a agressão zairense nem concedido o apoio necessário ao povo angolano. Decidiu-se criar uma «comissão de mediação», que se deslocou a Angola. Comentando os resultados da Cimeira, Aristides Pereira referiu: «Estamos francamente contrários às últimas decisões da O. U. A. Quanto a nós, não correspondem a uma nimidade das posições dos países africanos e inclusive, a recente reunião do Secretariado da O. U. A. não teve o «quorum» necessário. Quanto a nós, certas declarações da presidência da O. U. A. não correspondem ao espírito da nossa organização continental. Pensamos mesmo, que houve um certo abuso na utilização do nome da O. U. A. algumas declarações».

ANGOLA INDEPENDENTE

Após a Cimeira, algumas transformações ocorreram. Por um lado, o fortalecimento do M. P. L. A. e os reveses das F. N. L. A. U. N. I. T. A. levaram à invasão aberta da África do Sul. Com o pretexto de defender os barragens do Sul de Angola, que fornecem energia ao território da Namíbia ilegalmente ocupado pelos racistas de Pretória, uma autêntica avalanche de mercenários sul-afric-

todo o mundo uma mobilização da opinião pública que expresse de múltiplas formas o seu apoio ao heróico povo.

Assiste-se, assim, a uma cristalização de posições, tão grande e a consciência da importância da luta que aí se trava contra o imperialismo. Efectivamente, «o que é preciso compreender, o que a África inteira deve compreender é que o destino da revolução africana se joga em Angola» (Samora Machel, entrevista referida). A experiência dos povos africanos é suficientemente dolorosa para que estes conheçam os seus inimigos.

Na euforia da independência, muitos acreditavam ingenuamente que seria possível construir uma vida nova sem lutar contra o imperialismo. Os dramáticos acontecimentos do Congo, onde a burguesia utilizou a mais brutal repressão para derrubar o Governo Central, foram uma clara lição de que o imperialismo tinha recuado sem perder a sua natureza agressiva. Nos países onde as forças progressistas ganharam a direcção política, encetaram-se passos importantes numa via de desenvolvimento anticapitalista. Em todos eles, foram tentados alguns casos «com êxito»: golpes de Estado, bloqueios económicos e elaborados planos conducentes ao assassinato de dirigentes. O Gana, Mali e Sudão são tristes exemplos desta actuação. Lumumba, Mondlane e A. Cabral caíram vítimas dos planos da C. I. A. e suas ramificações.

Nos países onde ferozes ditaduras oprimem os povos, como acontece no Zaire de Mobutu, que interesses são defendidos pelas cliques dominantes? Será por acaso que o orçamento extraordinário de defesa externa dos E. U. A. prevê para 1976 «um aumento no auxílio ao Zaire de 80 milhões de dólares, contra 20 milhões em 1975?»

A burguesia de um país, para se manter no Poder, e assim auxiliada pelos seus aliados noutros países. Este é um princípio lógico, resultante da internacionalização das forças produtivas e da luta de classes que se desenvolve à escala mundial. Os interesses da burguesia zairense relacionam-se intimamente com o futuro de Angola, ainda há poucas semanas, Mobutu confessava que «se o M. P. L. A. ganhar em Angola, terei apenas de fazer as minhas malas».

Hoje, a correlação de forças já não é a mesma de há dez ou quinze anos atrás. A estrondosa derrota dos americanos na Indochina, os avanços das forças do progresso nos cinco continentes, as transformações revolucionárias na África Austral não permitem aos americanos a mesma margem de manobra. Se desta forma se explica a recusa do Senado americano em autorizar a agressão em Angola. Não se trata de uma divergência sobre os interesses a defender, mas a constatação de que algo mudou, de que nem os exercitos mais sofisticados poderão derrotar um povo mobilizado na defesa da pátria e beneficiando do apoio total da humanidade progressista. Sabe-o bem o ex-secretário de Estado Dean Rusk quando se declara contrário a intervenção americana, «porque o povo norte-americano não aguentaria isso nem cinco minutos» 5.

A DEFESA DA «CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL»

Tentando justificar a intervenção em Angola, os imperialistas não se referem, como é

óbvio, à desenfreada exploração da força de trabalho de milhões de angolanos, até agora efectuada pelos monopólios internacionais que dominam a África Austral.

É-lhes mais cómodo e rendível esgrimir o velho refrão da defesa da «civilização ocidental», contra o «perigo da expansão do comunismo». É assim que Kissinger afirma na reunião do Conselho do Pacto do Atlântico, realizada em 11-12-75, que «o equilíbrio das forças no Mundo deve ser mantido» 6. Não pode ser posto em causa por um fornecimento massivo das armas soviéticas e pela intervenção da U. R. S. S. em Angola, que é uma região muito afastada da esfera de interesses soviética» 6.

Onde quer que um povo esteja em luta pela sua emancipação, a propaganda imperialista utiliza todo o arsenal anti-comunista, para «justificar» as acções agressivas. No livro «Vitória» do general Herzog, a agressão israelita de Junho de 1976 é apresentada da seguinte forma:

«Se Israel não iniciasse a Guerra dos 6 Dias, todo o Medio Oriente e Asia e também uma grande parte do território americano cairiam sob a influência da União Soviética.»

O Governo de Pretória, por sua vez, não se cansa de repetir que:

«O mundo comunista tem por intenção apoderar-se da África, para cercar a Europa, onde resulta a necessidade de a África do Sul se defender contra a conspiração internacional.» 7

Na véspera do assassinato pela C. I. A. de Patrice Lumumba, Alan Dulles, director desta sinistra organização, escrevia a um dos seus agentes:

«As altas esferas concluíram que se Lumumba permanecer no Poder, o caos será inevitável no melhor dos casos, e no pior, ficará aberto o caminho para a conquista do Poder pelos comunistas no Congo. Por consequência, decidimos que a liquidação de Lumumba é uma tarefa urgente e prioritária e como tal têm de preparar uma operação discreta.» 8

A «defesa da civilização ocidental» é um mito que já não convence ninguém. Que argumentos utilizava Caetano para obter apoio nas criminosas guerras coloniais? Numa entrevista em 1972 à revista fascista «Defesa Nacional», publicada com o título «A Defesa do Ocidente», o neocolonialista Spínola lamentava-se do facto de Portugal se encontrar isolado das organizações internacionais.

«E no quadro do equacionamento destes problemas a escala da sua verdadeira dimensão que o mundo ocidental tem revelado uma impressionante falta de visão. Não é pois de estranhar a estagnação conceptual e estrutural a que assistimos em clima de crescente apatia e tendência para a desagregação e de ingovernabilidade absoluta na defesa contra ameaças reais.» 9

Ate Mike Hoare, mercenário sul-africano tristemente célebre pela sua actuação no Congo e na Nigéria se dá ao luxo de afirmar solenemente que esta disposto a proteger o Zaire «contra o imperialismo soviético em Angola» 10.

Ha outros que, para justificar o seu comportamento, recorrem a «argumentos» similares. É o caso de Mario Soares, cujo partido ameaçou retirar-se do VI Governo caso Portugal reconhecesse a R. P. A., afirmando que, se tal sucedes-

Estrangeiro

A Síria ameaça anexar o Líbano

KOWEIT, 7 — (R.) — O jornal do Koweit «Al-Rai Al Aam» cita hoje o ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Abdel-Halim Khaddam, como afirmando que a Síria anexaria o Líbano, se prosseguissem as diligências para se fazer uma partilha desse país.

«Qualquer tentativa nesse sentido significaria a nossa intervenção imediata».

Khaddam, que chegou ao Koweit ontem, à noite, numa viagem a países árabes, foi ainda citado como declarando: «O Líbano pode escolher entre continuar unido ou ter de voltar à Síria».

O diário revela que Khaddam salientara que a Síria não tinha o desejo de recorrer à anexação, e tudo o que pretendia para o Líbano era que continuasse unido e independente.

A advertência de Damasco foi transmitida «àqueles que sonham em dividir o Líbano» — nota o jornal.

Diz que o dirigente sírio frisara que qualquer anexação absorveria todo o Líbano, incluindo a região montanhosa predominantemente cristã.

«Devemos esclarecer que não nos estamos apenas a referir aos quatro «Qadas» (condados) ou à costa. A anexação compreende também o Monte Líbano», observou o ministro, numa alusão aos quatro condados fronteiriços incorporados quando o Grande Líbano foi criado sob o antigo mandato francês, há mais de meio século.

Até à Primeira Guerra Mundial, o Líbano esteve incluído na província Otomana síria da Turquia, embora o Monte Líbano gozasse de certo grau de autonomia.

A anunciada advertência de Khaddam foi a primeira ameaça explícita de intervenção Síria, desde que a guerra civil libanesa estalou, em princípios de 1975.

Têm circulado com insistência notícias no Líbano dessa intervenção desde que os falangistas da direita começaram a procurar uma partilha, criando-se um Estado predominantemente cristão, que incluía as Montanhas e áreas de Beirute e da costa.

«Al-Rai Al Aam» perguntou a Khaddam qual a reação da

Síria quanto a ameaças de ingerência israelita no Líbano, no caso de intervenção militar síria nesse país.

O jornal cita o ministro como tendo respondido: «Afirmamos que não interviemos, se não houver partilha. No entanto, a ameaça judaica não nos detém, se continuassem diligências para se concretizar uma partilha do Líbano».

CONJURA CONTRA O LIBANO

BEIRUTE, 7 — (FP) — Um dos principais dirigentes palestinos, Abu Ayad, membro do Comité Central da Fatah, denunciou, na terça-feira, o papel desempenhado pelos regimes árabes na crise libanesa, afirmando que esses regimes participam «na conjura que visa a criação de um novo Israel, no Líbano».

«Em 1948, fomos enganados

Nomeação no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 7 (ANOP) — O vice-almirante Jorge Saburgo Silva foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, sucedendo assim ao general Sérgio Arellano Stark, cuja demissão foi aceite no sábado pelo chefe da Junta, general Augusto Pinochet.

O jornal «El Mercurio» anuncia que Pinochet tinha solicitado a Arellano que se demitisse em Outubro, quando Arellano recusou uma oferta para assumir o cargo de embaixador do Chile em Madrid.

DOCUMENTO DOS "19" NO DIALOGO NORTE-SUL

PARIS, 7 (FP) — Os 19 países em vias de desenvolvimento que participam no diálogo Norte-Sul estão a elaborar um documento conjunto que apresentarão na reunião dos co-presidentes do diálogo, a 26 do corrente — soube-se junto dos representantes do Terceiro Mundo.

Os «19» encontram-se ac-

por todos os regimes árabes, e a Palestina foi partilhada com a sua benção unânime. Hoje, repete-se essa conjura, integralmente, até nos seus mais ínfimos pormenores» disse Abu Ayad, numa escola de Beirute, perante duas mil pessoas.

Referindo-se aos «dez mil mártires sacrificados em dez meses de combates», Abu Ayad declarou que o povo palestino estava disposto «a dar mais 50 mil mártires para impedir a partilha do Líbano».

Para Abu Ayad, a crise libanesa tem por origem a existência de uma «conjura» dirigida contra a presença palestina nesse país. «Aqueles que tramaram essa conjura têm um objectivo claro — privar a resistência palestina do seu carácter revolucionário e da sua combatividade, a fim de a levar a reconhecer o Estado de Israel e a assinar os seus projectos de acordo pacífico», acentuou Ayad.

«A Fatah tem sido alvo de conjuras por parte dos regimes árabes, desde que foi criado. Hoje, somos submetidos a um bloqueio financeiro, que tem um só fim — dominar-nos e impor-nos acordos tramados com o imperialismo» — acrescentou Ayad, repetindo que a Resistência palestina não reconheceria Israel.

Finalmente, aludindo, ao que parece, aos estados árabes progressistas que tentam juntar à sua volta alguns movimentos palestinos, para criar uma «frente», o dirigente da Fatah acusou «certos regimes árabes de procurarem provocar uma cisão no seio do povo palestino».

tualmente reunidos em Paris — ao nível dos altos funcionários — a fim de definirem a sua estratégia nas grandes negociações com os países industrializados, que começarão em princípios de Fevereiro.

O documento terá por base o que os representantes do Terceiro Mundo (sete, nessa altura) tinham apresentado à segunda reunião preparatória, em Outubro do ano passado. Este texto define, de forma bastante lata, as atribuições das quatro comissões do diálogo (Energia, Matérias-Primas, Desenvolvimento e Finanças). Os «19» especificaram, agora, esse documento, elaborando, designadamente, listas de assuntos a estudar em cada comissão.

Renunciaram, portanto, a emendar os textos aprovados conjuntamente pelos países em vias de desenvolvimento e pelos países industrializados, na segunda reunião preparatória, como certos delegados do Terceiro Mundo previam na segunda-feira.

INUNDAÇÕES CATASTRÓFICAS NO NORTE DA BÉLGICA

BRUXELAS, 7 (F.P.) — Tomaram nas últimas horas a feição de catástrofe nacional as inundações que paralisam desde sábado as comunas do Norte da Bélgica, particularmente na região de Antuérpia e na Bacia do Escalda.

O rei Balduino esteve na zona sinistrada onde unidades do exército ajudam a população a defender-se do avanço das águas. O Governo tomou medidas para auxiliar as vítimas e

melhorar o sistema actual de indemnizações.

O soberano dirigiu-se às localidades inundadas de helicóptero, automóvel e barco. Por duas vezes, o seu carro, que autenticamente navegava, foi cercado por dezenas de manifestantes que reclamavam comida e medidas energéticas de protecção.

Meios políticos e imprensa estão a reagir perante a dimensão do desastre, considerando

Os socialistas italianos provocam outra crise

ROMA, 7 — (R.) — Espera-se que o Partido Socialista retire hoje o seu apoio ao frágil Governo de coligação, forçando-o a demitir-se e provocando outra crise política.

A actual administração, chefiada pelo primeiro-ministro democrata-cristão Aldo Moro, de parceria com o pequeno Partido Republicano, é a 37.ª de Itália, desde a queda do ditador fascista Benito Mussolini. Acha-se no Poder há menos de 14 meses.

O Gabinete ficou com os dias contados, desde que os socialistas e comunistas conseguiram ganhos importantes nas eleições regionais e locais, em Junho último, que deram ao poderoso P. C. mais de um terço dos sufrágios nacionais.

Se uma eleição geral for marcada como a única solução para a crise, existe a forte possibilidade de os comunistas surgirem como o partido político mais popular de Itália.

Contudo, antes disso acontecer, espera-se que os dirigentes políticos do país tentem, mais uma vez, resolver as suas diferenças e chegar a acordo sobre a formação de outra coligação baseada na fórmula centro-esquerda, agrupando democratas-cristãos e socialistas, com os pequenos partidos Democrático-Social e Republicano.

Se a sessão de hoje da Comissão Executiva do P. S. decidir, se se aguarda, retirar formalmente o seu apoio ao Governo, o primeiro-ministro convocará uma reunião do Gabinete, a fim de sugerir a sua demissão.

Círculos políticos pensam que tal ocorrerá próximo do fim da semana. Moro solicitará, então, uma audiência ao presidente Giovanni Leone, a fim de apresentar a demissão do seu Governo.

A fórmula experimentada

em tais ocasiões é a do presidente pedir ao chefe do Governo para permanecer no desempenho do seu cargo numa capacidade interina até encetar consultas políticas destinadas a encontrar possíveis soluções para a crise.

Há também a possibilidade de Leone se recusar a aceitar a demissão do Gabinete, como já o fez uma vez antes, e de dizer ao primeiro-ministro para o Governo continuar a cumprir a sua missão o melhor que puder numa base «ad hoc».

DINHEIRO DA C. I. A. PARA EVITAR GANHOS DO P. C. I.

NOVA IORQUE, 7 — (R.) — A C. I. A., os serviços secretos norte-americanos, pagou cerca de seis milhões de dólares (aproximadamente 168 000 contos) em dinheiro a dirigentes políticos anticomunistas italianos, em Dezembro, a fim de estenderem impedir ganhos do P. C. nas eleições nacionais — afirma hoje o «New York Times».

Citando fontes bem informadas, o jornal diz que o presidente Ford aprovava esses pagamentos, em 8 de Dezembro, e que o Congresso fora informado deles, no mês passado.

O periódico anuncia na notícia, a principal da primeira página, que algumas fontes declararam que o secretário de Estado, Henry Kissinger, apoiara firmemente os pagamentos da C. I. A.

Tanto a Casa Branca como a C. I. A. se recusaram a comentar a notícia, da autoria de Seymour Hersh.

O «New York Times» diz que os nomes dos políticos que receberam o dinheiro não puderam ser imediatamente conhecidos.

Assevera que se sabia

que o dr. Kissinger estava preocupado com os ganhos comunistas nas eleições locais em Itália, em Junho de 1975, quando o P. C. obteve 33 por cento da votação total.

PADRES EM CONGRESSO AO SOM DA «INTERNACIONAL»

MODENA, 7 — (F. P.) — O Terceiro Congresso Nacional dos Padres Operários Italianos recebeu de punho fechado e ao som dos acordes da «internacional» o delegado do Episcopado, monsenhor Cesare Pagani, que se apresentou em Serramazzoni sem ser convidado.

Os 150 congressistas recusaram qualquer «contacto orgânico» com a hierarquia católica e criticaram violentamente os avisos contra o comunismo feitos pelo cardeal Ugo Poletti, Vigário de Roma.

Monsenhor Pagani convidou os padres-operários a não se esquecerem do «tesouro sacerdotal» emanante de cada padre, tendo pedido a palavra uma outra vez, mas apenas conseguindo o direito da resposta de um minuto por cada intervenção dos padres progressistas. O delegado episcopal concluiu as suas intervenções, invocando «a lei de amor, que vos guia e que me trouxe até vós».

ATENTADO

CARRARA, 7 — (F. P.) — Registou-se um atentado contra uma sede do Partido Comunista Italiano na periferia de Carrara.

Ocorrida na noite de segunda para terça-feira, a explosão provocou grandes prejuízos, tendo sido provocada por uma bomba de forte potência.

Um ano de reforma da TV francesa

PARIS, 7 — (F.P.) — O presidente da República francesa, Valéry Giscard d'Estaing, opinou terça-feira à noite, um ano após a reforma da Televisão francesa, objecto de um monópólio do Estado, que a experiência se revelou «Muito positiva», especialmente no relativo à independência das emissões.

Numa entrevista transmitida pela primeira cadeia da TV, o presidente disse que não acredita que «a Televisão francesa seja vulnerável aos grupos de pressão». «Mas, naturalmente, é certo que podem por vezes atingi-la certas campanhas bastante hábeis».

Considerando que os jornalistas da TV publicam de vez

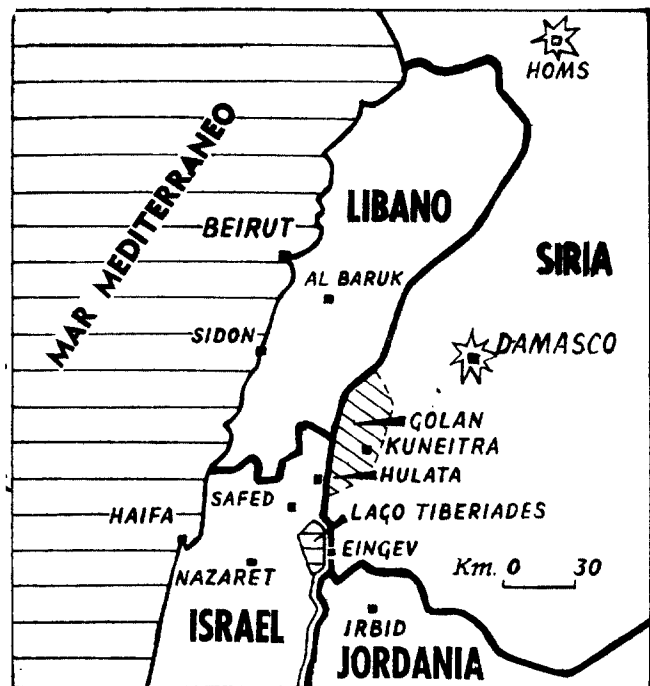
em quando, «após reflexão, informações que podem perturbar a condução da política francesa», Giscard d'Estaing salientou que não lamenta a liberdade de que goza actualmente a Televisão.

O presidente da República acrescentou que os jornalistas da Televisão são «jornalistas como os outros» submetidos «À MESMA REGRA DE RESPONSABILIDADE do que os outros». Ao contrário, o presidente Georges Pompidou distinguira, numa conferência de Imprensa, os jornalistas da Televisão que, segundo ele, representavam «A Voz da França» e tinha, portanto, responsabilidades particulares neste capítulo.

SEXO SUBSTITUI RELIGIÃO NA TV INGLESA

LONDRES, 7 — (F.P.) — A educação sexual «avançada» substituirá em breve o tradicional programa religioso de fim de noite nos visores do canal de Televisão comercial inglesa ITV.

Um porta-voz da ITV anunciou em Londres que uma vez por semana, a partir de 19 do corrente, haverá um programa intitulado «Problemas», tratando de questões sexuais, tais como a frigidez, ejaculação precoce e histeria, substituirá a emissão religiosa normalmente difundida à noite.



Situado entre Israel e a Síria, o Líbano é, desde o princípio deste ano, palco de uma guerra civil, em cujas origens se encontra a tentativa de dividir aquele país. A Síria, que, conjuntamente com o Líbano, fez parte de uma província do Império Otomano, advertiu que, no caso de essa partilha vir a concretizar-se, intervirá, anexando o território outrora ligado ao seu

o Governo responsável devido à sua política inadequada quanto a diques.

QUINZE MORTOS NA TURQUIA

ISTAMBUL, 7 — (F.P.) — Elevava-se na terça-feira à noite a 15 mortos e 10 feridos o número das vítimas do mau tempo que grassa na parte Oriental da Turquia. Devido a

nevões, continuam cortadas as comunicações rodoviárias em cinco províncias do Leste e do Sul do país. Ocorreram inundações na terça-feira e houve que evacuar meio cento de casas.

Brigadas da direcção das estradas conseguiram alcançar dois autocarros bloqueados pela neve desde segunda-feira e socorrer os seus passageiros, ao todo uma centena.

Espectáculos

Cinema: balanço de 1975

Por LAURO ANTÓNIO

1. Em vez de arrumação, a confusão

Aqui escrevemos, no balanço de fim de ano de 1974 que este fora um ano de **euforia e construção, de libertação e consciencialização** e mais ainda lhe chamamos um longo período a que o tempo virá abrir parágrafos, arrumar, definir, clarificar.

O ano que se lhe seguiu, e agora acaba, não cumpriu as esperanças, um tanto utópicas é certo. Mas a verdade é que em vez de clarificar situações, de arrumar a casa, de definir posições concretamente, de abrir as vias para uma planificação industrial e cultural do cinema, 1975 nada disso nos trouxe. A confusão instalou-se, que hoje se promulgava, amanhã desdizia-se, o que agora se regulamentava logo se desdizia o que servia para uma coisa já não servia para outra. Fizeram-se leis que não se cumpriram (algumas sequer), instauraram-se processos cujos resultados ainda hoje se desconhecem, apadrinhou-se a cor política um pouco por todo o lado «saneou-se» o que era injusto, instalou-se novamente com boas ou más intenções para o caso tanto da política como da cultura, certo clima caótico que continuava a um estado de dinâmicas deplorável se o campo do cinema não fosse tão vasto.

CINEMA PORTUGUÊS

Assim, de cinema português pouco se viu. Apenas se estrearam quatro longas metragens e meia dúzia de curtas. Entre as longas deverão citar-se os casos de **Benilde** ou **a Virgem Mãe** de Manuel de Oliveira e **Brandos Costumes**, de Alberto Seixas Santos. As restantes (**Índia**, de Faria de Almeida e **Cartas na Mesa**, de Rogério Ceitil) são tal forma mediocres como resultados finais (pese embora os propósitos e os riscos corridos por António Faria), que mais valerá esquecer por agora.

No domínio da curta metragem, para além de obras de encomendas sem interesse particular (estilo **Doenças e Pragas dos Citrinos**, **Uma Pérola Chamada Macau**, **Matança do Tempo** (S. Miguel Açores) **Nascimento e vida do Móvel Moderno**, **Sines**, **Algarve**, etc) tivemos ainda os habituais oportunismos de todas as estações (um caso entre outros **Um Ano de Liberdade** o elogio da «nova situação», feito por um homem que também se instalara na anterior). Como notas mais salientes, será de justiça referir as reportagens do IPC **Os Caminhos da Revolução**, viagens do Presidente Costa Gomes à URSS, à Polónia e à Roménia e dois trabalhos de Lauro António, **Vamos ao Nímas** e **Prefácio a Vergílio Ferreira** (sobre os quais, como é

óbvio, não exprimimos qualquer juízo de valor...)

Muito pouco cinema português, portanto para uma cinematografia «em revolução» como foi é, e gostaríamos que continuasse a ser a nossa.

Entretanto, parece que algum cinema se vai rodando, enquanto se contestam o Director Geral da Cultura, se acusam o IPC de «assaltos por um partido» se promoveram En-

e com despacho do ministro da Comunicação Social, ao tempo o Comandante Correia Jesuino, foram aprovados pelo IPC, os projectos dos seguintes filmes:

Longas metragens «**Actos dos Feitos da Guiné**» de Fernando Matos Silva; «**Amor de Mãe**» de João César Monteiro «**Amor de Perdição**» de Manuel de Oliveira, «**Os Anjinhos não Voam**» de Artur Semedo; «**Bei-**

odeon, Olimpia, Pathé, Politeama, Quarteto 1, 2, 3 e 4; Roma, Roxy, S. Jorge, Satélite, Star, Tivoli, Universal e Vox). Deve entretanto sublinhar-se a inauguração de 6 novas salas durante os últimos 12 meses (as 4 do Quarteto o Nímas e o Star)

Dos (cerca de) 470 filmes estreados em salas de Lisboa (distribuídos por 24 empresas importadoras de filmes), houve

Índia, Inglaterra, Itália, Japão, México, Senegal, Suécia, Suíça, U. R. S. S. e Uruguai. Um bom lote de países de quatro continentes...

OS MELHORES DO ANO

Como já vai sendo hábito, também este ano aqui arquivamos a nossa lista dos «melhores» filmes estreados em Portugal durante 1975. Se normal-

Ana e os Lobos de Carlos Saura (Espanha)
Benilde ou **a Virgem Mãe** de Manuel de Oliveira (Portugal)
Brandos Costumes, de Seixas Santos (Portugal)
O Cio, de Paul Morrissey (EUA)

O Conformista, de Bernardo Bertolucci (Itália)

Contos Imorais, de Walerian Borowczyk (França)

A Coragem do Povo, de Jorge Sanjinés (Bolívia)

E Deram-lhe uma Espingarda de Dalton Trumbo (EUA)

Estado de Sítio, de Costa Gravas (França)

Frankenstein Junior, de Mel Brook (EUA)

Jules e Jim, de François Truffaut (França)

L'Espoir, Sierra de Teruel, de André Malraux (França)

Os Malditos, de Visconti (Itália)

AS 1001 Noites, de Pier Paolo Pasolini (Itália)

A Morte de um Lenhador, de Gilles Carle (Canadá)

Outubro, de Sergei Eisenstein (URSS)

Primeira Página, de Billy Wilder (EUA)

A Religiosa, de Jacques Rivette (França)

Sal da Terra, de Herbert Berghuijs (EUA)

Salmo Vermelho, de Miklos Jancsó (Hungria)

O Silêncio, de Ingmar Bergman (Suécia)

A Última Sessão, de Peter Bogdanovich (EUA)

Uma Mulher é uma Mulher, de Jean-Luc Godard (França)

Woodstock, de Michael Wadleigh (E. U. A.)

Se o leitor estranhar um pouco desta lista aparentemente algo contraditória, pense que não há um só cinema. Muito pelo contrário: os caminhos do cinema, como os outros, são insondáveis.



Seixas Santos: «Brandos Costumes».



Manuel de Oliveira: «Benilde»

contros e Desencontros, enquanto sobretudo se esfrangalha a unidade possível. Uma cinematografia não pode obedecer a dogmas, a esquemas unificantes de pensamento. Ela será tanto mais «unida e coesa» quanto maior for a unidade solidária das suas figuras, sem que para tanto elas abdicuem da personalidade e individualidade próprias.

As «tricas» de bastidores nada mais fazem do que corroer toda a fraternidade necessária a um empreendimento que terá de ser de todos, para ser Cinema português só existirá quando existir um espírito de grupo o que não significa subserviência, mas respeito mútuo. Mas isto será impossível enquanto A acusar B de «filmar à mão» e B denunciar C como «cineasta de planificação rígida». Se a tolerância para com os outros e a humildade perante si próprio são sempre importantes, hoje em dia, em Portugal são essenciais para um trabalho de reconstrução comum. Em matéria de cinema também.

Mas, se poucos filmes portugueses se estruturam, já o mesmo não se poderá dizer dos que se encontram em vias de rodagem, ou quase aguardando estreia. Na verdade, de acordo com o Decreto n.º 257/75 de 26 de Maio de 1975,

jo de Vida» de Teixeira da Fonseca «**Casa Grande de Romari-gães**» de Fernando Lopes «**Contra as Multinacionais**» de Cinequipa; «**Um Deus na Palma da Mão**» «**Dois Tiros no Sol**» de Constantino Esteves; «**Lerpar**» de Luis Couto; «**Recompensa**» de Artur Duarte e «**A Santa Aliança**» de Eduardo Gueda.

Medias e curtas metragens «**A Aldeia**» de José Nascimento «**Almada**, Nome de Guerra», de José Ernesto de Sousa «**Avieiros**» de António Campos «**O Caldo de Pedra**» de Topefilme «**A Cama**» de Sinde Filipe, «**O Campino**» de Rogério Ceitil «**Cavalcada Segundo São João**» de João Matos Silva «**Dez Anõesinhos da Tia Verde Água**» da Topefilme, «**Lápis Apaixonado**» de António Pedro Vasconcelos «**Nós Por Cá Todos Bem**» de Fernando Lopes e «**Verdadeira Amizade**» de Silva Brandão.

A estes títulos haverá ainda a juntar filmes já terminados, esperando breve estreia, como é o caso de **Cântico Final**, derradeiro filme de Manuel Guimarães, falecido durante o ano de 1975, sem ter dado por concluídos os trabalhos desta obra (que iria ser acabada por seu filho Dórdio Guimarães) e de outros relativos a anteriores formadas do IPC e do CPC. 1976 promete ter muito que contar...

finalmente um pouco de tudo em matéria de solo de origem ainda que muitas cinematografias permanecem ignoradas do público português ou, pelo menos mal conhecidas. Mas vimos filmes da Alemanha Federal, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, China Popular, Dinamarca, Espanha, EUA, França, Holanda, Hungria,

mente a lista se reduz a 10 ou 12 títulos, este ano ela é um pouco mais vasta, dado o material de selecção de que dispomos (que, como iremos ver mais adiante, não é nada para desprezar). Assim, a título meramente pessoal, os nossos «melhores do ano» são (sem qualquer ordem de preferência):

Maestro chileno dirige obra-prima de Falla

O maestro chileno Juan-Pablo Izquierdo dirigirá o concerto «O Retábulo de Mestre Pedro», de Manuel de Falla, com que a orquestra Gulbenkian reinicia hoje, às 18 e 30, a sua série de actuações no Grande Auditório daquela Fundação.

O concerto, considerado uma obra-prima de Falla, terá a colaboração solística dos cantores Carmen Bustamente, Fernando Serafin e Alvaro Malta, e do cravista Jorge Zulueta.

Baseando-se literariamente no «D. Quixote» de Cervantes, o compositor utilizou, ao escrever a partitura, narrativas e pregoes populares espanhóis, a par de trechos romanescos medievais, criando assim uma das páginas mais importantes do repertório musical da primeira metade do nosso século.

O programa deste Concerto Gulbenkian inclui ainda outra obra célebre de Falla, «O concerto para cravo e orquestra», e duas obras de Bach, a «Suite n.º 3 em re maior» e a «Cantata das Bodas».

«O ciclo audiovisual sobre «Música e Músicos Italianos» prossegue no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, com nova sessão, no dia 19, às 18

MÚSICA DE ITÁLIA

lieitamos: «Nós não podemos deixar de ser sensíveis à inquietação do autor quando este constata a contaminação dos seres pela ideologia dominante. Esta vibração pessoal explica sem dúvida por que o filme pouco parece uma adaptação e ainda menos uma ilustração. Antes lembanças imaginárias que impõem às filmagens um estilo, à interpretação uma unidade que só se encontram nos filmes de Bertolucci.

e 30 h, sobre «Verdi à volta do Mundo».

O ciclo, com ilustração de música gravada e diapositivos, é apresentado pelo dr. Pier Luigi Iverá, embaixador de Itália em Lisboa.

CONVOCATÓRIA

EDITORIAL REPÚBLICA, S.A.R.L.

Os trabalhadores do jornal «República», reunidos em plenário no dia 5 de Janeiro de 1976, decidiram apelar a todos os accionistas, no sentido de comparecerem nas instalações do jornal «República», dia 8 do corrente, quinta-feira, pelas 21 horas, para uma reunião informal com a Comissão de Trabalhadores.

Assunto: a situação do jornal

COMISSÃO COORDENADORA DOS TRABALHADORES DO «REPÚBLICA»



Teatro Maria Matos A RTP APRESENTA

«SCHWEYK NA II GUERRA MUNDIAL» de Bertolt Brecht

com **RAUL SOLNADO** no protagonista

Todos os dias às 21.30 horas — 16 horas «matinaes», às 16 horas. Segunda-feira — Descanso da Companhia

Bilheteira Tel.: 897017 A.B.E.P. Tel.: 328823 Não aconselhável a menores de 13 anos

teatro do bairro alto

R. Tenente Raul Cascais, I-A e I-B (ao I. do Rato) Tel. 66 15 15

O TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO apresenta

«O SOLDADO E O GENERAL»

HOJE, AS 21.45

A PRODUÇÃO INTERNACIONAL

Ano de rara abundância em matéria de filmes estreados, este de 1975. Ano que não poderemos chamar «ideal», mas que andará muito longe do quadro negro e catastrófico que muitos procuram tracar em várias ocasiões. Na verdade, viram-se mais de 470 filmes em estreia, nos 36 cinemas de estreia (ou que funcionaram por vezes como tali que Lisboa possui presentemente (Alvalade, Apolo 70, Avis, Berna, Carleidoscópio, Castil, Cinearte, Cinebolso, Coliseu, Condes 2000, Eden, Estúdio, Estúdio 444, Europa, Império, Londres, Monumental, Mundial, Nímas,

Bertolucci em tarde clássica

«O Conformista», de Bertolucci, será apresentado na «Quarta-Feira Clássica» do Império.

Bertolucci, realizador de «A estratégia da aranha» e de «O último tango em Paris», escolheu os actores Jean-Louis Trintignant e Stefania Sandrelli para os principais papéis de «O Conformista».

Da crítica feita por Jean-Louis Tallenay, na imprensa francesa da especialidade, sa-

Canal da Crítica

ONDE SERENAMENTE SE FALA DE MUITA GENTE!

Ontem foi dia de Reis, quando três poderosos reis depuseram oiro, incenso e mirra aos pés do Menino Jesus, assim uma espécie dos 200 milhões de contos que a MDE/S do Champalimaud queria «oferecer» ao primeiro Governo Provisório. Logo, nesse momento, Jesus nava de desconfiar e não abrir precedentes. Aquela mania de unir ricos e pobres não deixaria mais século, menos século, de transformar-se em instrumento de opressão sobre os pobres, nas mãos dos ricos. E onde leva a utopia da fraternidade entre o cordeiro e o lobo.

Mas não divaguemos. Ontem foi dia de Reis e costuma-se dizer que até ao dia de Reis e Natal. Razão certamente pela qual a Televisão Portuguesa nos deu ontem uma história natalícia.

A história em si mesmo, não justifica grandes exclamações. Tratava-se de transpor para termos do quotidiano, do humano todo de barro, de barro sem qualquer cintilação divina, os primeiros passos do Natal, até à manjedoura. «Porque se escolheu a terra do Barroso para cenário do filme, ignora. Talvez por causa da neve, do rigor da invernia, do peso da solidão, do verismo dos preconceitos. Sei lá. Pouco importa, também isso. Em qualquer sítio nasce do povo alguém capaz de dar a vida por ele.

Aqui, o que mais importa, é sublinhar que já existem, entre nós, rudimentos de uma estrutura capaz de uma produção de qualidade mínima para a TV, melhor ainda quando se exercer mais severo acabamento em pormenores técnicos, particularmente no que respeita ao som.

Porque esta equipa da *Planigrafe* até dá mostras de saber filmar para a TV, ela sabe a duração justa de um plano no terreno perigoso da imagem fria da televisão. Não apenas por este trabalho, mas por outros, apresentados antes, se prova esta sabedoria. Há que aproveitá-la ao máximo, ajudando-a a profissionalizar-se a sério, nisso estará a Televisão profundamente interessada, creio eu.

Aqui chegados, importa garantir que não conheço ninguém da *Planigrafe*, que nada sei a respeito; que julgo segundo as provas. Vejo-me na necessidade de fazer esta comunicação para que os trabalha-

dores da *Planigrafe* não venham a sofrer eventualmente com certos elogios ao seu trabalho.

E que há tipos verdadeiramente perigosos, so eioiam os camaradinhos, os compinchas, tipos esses que estão visivelmente comprometidos no 25 de Novembro. Pelos vistos, sou um deles. Consta até que me vão sanear da Televisão Portuguesa e da Emissora. É certo que não sou funcionário de lá, mas isso não obsta.

Antes que me esqueça: a história do Natal era apresentada pelo departamento de programas culturais. Estranha coisa! Primeiro, porque se tratava de um filme e logo devia estar no pelouro cinematográfico. Segundo, porque lá cultural, cultural não sei aonde. Terceiro, porque o responsável do departamento cultural, um cidadão da estatura moral e intelectual de um escritor como Manuel Ferreira, está suspenso.

Estão suspensos responsáveis com a cultura de um Artur Ramos, de um Mário Vieira de Carvalho, de um Alvaro Salazar, de um Manuel Jorge Veloso. Inegavelmente isto contribui para o clima de desorientação que se vive na programação da TV. Com mil raia, meus senhores; por que esperam? Miguel de Araújo, com toda a sua experiência, resolva-lhes a situação.

Vá, então? Não, não, que ideia! Não senhor, não parece mal. Até se não me engano há uma lei qualquer sobre o regresso dos saneados, não há? Supondo, coisa de que não estou certo, que Miguel de Araújo foi saneado.

NO REINO DA CONFUSÃO

Quanto à vida nacional, uma coisa é certa: a campanha eleitoral já começou. Estamos numa situação muito semelhante àquela que precedeu as eleições para a Constituinte: fomos, durante meses, massacrados com a imagem dos responsáveis socialistas, particularmente o dr. Mário Soares. Só que, presentemente, o leque se alargou: não se passa um único dia em que, sob a capa governamental, não nos entrem pela casa dentro os mais variados pregoeiros daquele Partido, na forma de depoimentos, entrevistas, referências.

TEATRO DE BRECHT CORRE O ALENTEJO

«O proprietário Puntilla e o seu criado Matti», de Bertold Brecht, já apresentado pela Companhia do Centro Cultural de Évora no Teatro Garcia de Resende, foi levado à cena em Elvas e Portalegre estando prevista a sua apresentação noutras cidades e vilas alentejanas.

Para este mês a Companhia conta apresentar o espectáculo em Montemor-o-Novo, Avis, Viana do Alentejo e Estremoz.

Está prevista também a deslocação do espectáculo a outras localidades em Janeiro.

Ontem: referência a Mário Soares e à sua acção relevante sobre não sei quê do petróleo na Venezuela, entrevista com Lopes Cardoso, depoimento de Jorge Campinos.

Este ultimo mostra uma terrível sofreguidão pelo video. Quando não fala, já o conteúdo aparecer atrás de Mário Soares quando este é entrevistado.

No que respeita ao problema angolano, o tratamento que lhe dão os serviços informativos do *Telejornal* de ontem é extremamente curioso e significativo...

Aponta-se, por exemplo, que «dos 46 membros da U. A. apenas 39 reconheceram o Governo do M. P. L. A.». *Apenas...* Ah, a «ingenuidade» das palavras simples... A propósito: quantos estados reconheceram o Poder das quadrilhas da F. N. L. A. e da U. N. I. T. A.?

Por outro lado, organizações clandestinas recrutam militares cubanos exilados em Miami para combater ao lado das forças anticomunistas. Claro, digo eu, as forças comunistas são as do M. P. L. A....

Acontece que, segundo as palavras também do *Telejornal*, esse recrutamento se faz em contrapartida dos numerosos cubanos no seio das forças do M. P. L. A. Aos serviços informativos da Televisão Portuguesa nada lhes repugna embarcar em tamanhas manobras. Parece que o fazem até muito alegre.

Mais ainda: o *Telejornal*

mostra-nos imagens de mercenários cubanos capturados ao M. P. L. A....

Assim, para um órgão responsável como é o *Telejornal* na educação política do nosso povo não há diferença nenhuma entre os cubanos que auxiliam o M. P. L. A. a salvar a sua Pátria das garras do capitalismo internacional, e os americanos que vendem a sua força de trabalho mortífero à F. N. L. A. e à U. N. I. T. A. não há nenhuma diferença entre os interesses do povo angolano e os interesses do imperialismo. Para o *Telejornal*, são todos mercenários...

Tenham vergonha, ó gentes de um Portugal que sonhámos anti-imperialista!

Vais uma nota, e mudando de assunto.

Afirmou o dr. Jorge Campinos que, com os acordos em trânsito, mostrava a União Soviética a sua vontade de ajudar o /! Governo

o doutor! será isso mesmo ou será o senhor a querer puxar a brasa soviética à sua sardinha socialista? A mim quer-me parecer que a União Soviética mostra o maior empenho, isso sim, em ajudar o nosso povo no seu desejo de evitar o regresso aos ominosos tempos do fascismo. Meter ao barulho o /! Governo parece-me, doutor, parecem-me...abusivo. Desculpe, mas é muito feio a um político usar estes truques. É preciso não ter classe nenhuma. Percebe?

Hoje



«Lucien Leuwen»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e Era uma Vez... Três «Os 3 Cachimbos» e «O Professor Baltasar»
- 19.25 Desenhos Animados
- 19.45 Caçadores de Altamira um documentário sobre a história da descoberta das Grutas de Altamira.
- 20.15 Vamos Jogar no Totobola os prognósticos para o próximo concurso
- 20.30 Telejornal 2.ª edição
- 21.05 «Lucien Leuwen» 4.º episódio 2.ª parte com Bruno Garcia e Nicole Jamet. Realização de Claude Autant-Lara
- 21.30 A Gente que Nos Somos Alvernoa um programa apresentado pelo Departamento de Programas Político-Sociais.
- 22.25 Cinema Ano II actualidades cinematográficas. Programa apresentado e realizado por Alfredo Tropa.
- 22.55 Telejornal 3.ª edição
- 23.15 Fecho

II PROGRAMA

- 20.30 Abertura e Desenhos Animados
- 20.55 «Os Robinsons Suíços» série filmada.
- 21.20 Recital de Canto por José Oliveira Lopes.
- 21.45 «Callan» série de espionagem com alto teor de realismo, e na qual Callan é o espião dos bons sentimentos. O actor Edward Woodward o protagonista.
- 22.40 Telejornal em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
- 23.15 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

- 1.º Período 12.45: Abertura e Da Saúde e da Vida. 13.00: Vivendo o Futuro locução de Gina Esteves. 13.15: Telejornal 1.ª edição. 13.30: «O Golfinho Branco» série filmada. 14.00: Logo à Noite cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto. 14.10: Ciclo Preparatório TV 14.10: Língua Portuguesa (1.º ano). 14.35: Matemática (2.º ano). 15.00: Francês (1.º ano). 15.25: Ciências da Natureza (2.º ano). 15.50: Educação Visual (1.º ano). 17.10: Matemática (1.º ano). 17.35: Língua Portuguesa (2.º ano). 18.00: Trabalhos Manuais (1.º ano). 18.25: Francês (2.º ano). 2.º Período 19.00: Programa produzido pelo Departamento de programas juvenis e infantis. 19.30: Momento Desportivo. 20.00: Escrever e Lutar. 20.30: Telejornal 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro. 21.00: «Les Tibault» 1.º episódio. 22.00: Temas e Problemas rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Político-Sociais. 23.00: Telejornal 3.ª edição. 23.15: Fecho

II PROGRAMA

- 20.30: Abertura e Da Saúde e da Vida. 20.45: Vivendo o Futuro. 21.00: «Serviço Especial» série filmada com George Sewell e Patrick Moore. ultimo episódio. 21.50: Impacto. 22.45: Telejornal. 23.15: Fecho.

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 • tel. 82 02 21/83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) • tel. 70 60 74/5

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) • tel. 84 88 64/5

AULAS DE MANHÃ — TARDE — NOITE

C. PREPARATÓRIO
LICEAL-GERAL E COMPLEMENTAR
C. G. ADM. E COMÉRCIO

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

O Centro Hospitalar de Coimbra aceita inscrições para o lugar de especialista contratado de Neurocirurgia. Os interessados, que deverão ter como habilitações mínimas o respectivo internato de especialidade, poderão requerê-lo, dirigindo-se à Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra, Rua Cabido, 5-2, em Coimbra, até ao próximo dia 15 de Janeiro de 1976.

Centro Hospitalar de Coimbra, 31 de Dezembro de 1975.

O Presidente da Comissão Instaladora
Carlos Alberto Raposo de Santana Maia

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocar ao e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

I FESTIVAL AMADOR DE CANTO LIVRE

O 1.º Festival Amador de Canto Livre está a ser organizado pela U. J. C., com o objectivo de revelar ao povo de Lisboa jovens valores da canção amadora.

O certame, marcado para o próximo dia 10, inclui apresentação de canções seleccionadas por um júri constituído por composições será feita no sacro-córticos.

A apresentação final das competições será feita no salão da Sociedade «Voz do Operário», no dia 10, pelas 21 horas.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infantina 16, 55-C — LISBOA

Desporto

Stankovic: um pé na tábua e pouca fé em Deus

A situação do futebol português (uma montanha de dinheiro a saltar-se, dia a dia, em troca de posição subalterna no campeonato mais apetecido) constitui o tema-base de muitas conversas na capital nortenha, mormente (como se entende) entre os adeptos da colectividade das Antas, que esta temporada reforçou notavelmente o seu já muito valioso «plantel» (desde Octávio aos ex-sportingistas Dinis e Alinho, três internacionais pagos a peso de ouro, passando por Ademir e companhia) e cada vez mais se afunda na tabela pontual do chuto dito altamente profissionalizado.

Numa atitude muito controversa, a directiva do F.C. Porto fez finca-pé, perante a negativa do Sindicato dos Treinadores de Futebol, em manter a contratação (particular) do jugoslavo Stankovic, enquanto cá por Portugal muitos treinadores de prestígio e valor continuam desempregados, entregues a outras actividades por falta de contratos ao nível do seu «palmarés». O caso de José Augusto é flagrante e serve de padrão para vários outros exemplos que poderiam aqui ficar vinculados.

Ora a verdade manda que se diga: o F.C. Porto não con-

seguir qualquer êxito categorico em todo o período de tempo que tem estado sob o comando futebolístico de Stankovic. As divisões vão fugindo para o bolso do professor jugoslavo, os ordenados continuam a ser integralmente pagos aos jogadores (com o peruano Cubillas mesmo à boca do cofre), os resultados desastrosos acumulam-se, em avalanche, quase fazendo uma tremenda concorrência aos incidentes que marcam as actuações no parque das Antas da descontrolada, confusa e desmembrada turma de futebol de primeira categoria. Isto tudo enquanto, a meia dúzia de passos, um vizinho brenha de os demais concorrentes, subindo a escada com uma facilidade impressionante: e, sem gastar com todo o seu conjunto de magníficos jogadores de polé, sofrendo na pele e muito amiúde a ira de certa falange de «apoio» ...)

Assim, depois da eliminação do F.C. Porto pelo Hamburgo (Taça UEFA) mais se avolumou o mal-estar entre os adeptos do clube de Oliveira e Rui, expresso (mesmo) em ataques físicos a certos jogadores (Gomes e Tibi têm andado em tratamentos de polé, sofrendo na pele e muito amiúde a ira de certa falange de «apoio» ...) ao mes-

mo tempo que até o veículo particular do dirigente Alfredo Borges já recolheu a mãos de mecânicos para emenda de acidente...

Depois da derrota sofrida perante o Benfica (mais uma perante os espectadores azuis-brancos, já muito aborrecidos com a desfeita prodigalizada pelos «leões», mesmo com uma arbitragem favorável à casa...) o F.C. Porto pensou, seriamente, em rescindir com Stankovic o compromisso (não oficializado pelas entidades legalizadoras, dado que não pode ser homologado pelo Ministério do Trabalho dada a nega implantada pelo Sindicato dos Treinadores). Mas, para cumprir a sua palavra (já aqui o dissémos) o Porto teria de fazer limpeza geral aos cofres: uma centenas de contos não são coisa que ande por aí aos pulos, nestes tempos que correm. E mestre Stankovic saiu imune da reunião directiva que se processou até altas horas de ontem, depois de muito se ter viajado sobre os prós e contras da sua continuidade como «responsável absoluto» do futebol portista. Porém, os jogadores (que vêem abalados, hora a hora, o seu nome e a sua popularidade, já para não citar as quebras na bolsa que os

sucessivos insucessos provocam) reuniram-se ontem, num plenário que durou 45 minutos e não teve testemunhas estranhas. Hoje, um porta-voz dos atletas abordará Stankovic, antes do treino habitual, para lhe dar conta do parecer decisivo dos jogadores em relação à estadia do jugoslavo nas Antas.

Uma situação muito delicada, que oscila entre dois pólos: ou um prosseguimento (com a confiança dos futebolistas) no treinador, ou o irreversível adeus ao jugoslavo, perante uma posição abalada de alto a baixo e já no ponto de mira de uma massa associativa efervescente. De qualquer modo, um caso que pode servir para acto de contrição de muito boa gente: exactamente aquela que teima em pernicioso snobismo, aceitando como bom tudo o que vem da estranha e recusando mérito aos portugueses tão (ou mais) capazes de exercerem actividade profissional a plano que frequentemente lhes proporciona convites para emigrarem, a darem contas para outras plateias dos seus talentos e da sua sabedoria. Nos mais variados misteres, acrescente-se...

NEVES DE SOUSA



Faltavam ainda alguns minutos para o F.C. do Porto-Benfica terminar: Mário Wilson faz sair Moinhos. O resultado era de 3-2. O jogador substituído, de mãos postas, parece rezar para que o triunfo não fuja à sua equipa. Bruno Neves (o nosso camarada fotógrafo da redacção no Porto) estava atento e disparou a máquina. O «boneco» aqui fica: com o seu toque de raridade na atitude do jogador...

Proibida a TV no Bessa: Boavista-Benfica só lá

É praticamente impossível a Federação Portuguesa de Futebol autorizar a transmissão directa do Boavista-Benfica, do próximo sábado, garantindo-nos, esta manhã, um credenciado funcionário federativo, comentando (ou desmentindo) a notícia (ou a circular (rotula de definitivamente assente) sobre a possível presença das câmaras de televisão no campo do Bessa. E explicou: É praticamente impossível porque, à mesma hora, se realizam outros jogos com entradas pagas: o Sporting-Leixões, o Sanjoanense-P. Ferreira (da 2.ª divisão) e o União de Coimbra-Lousanense (da 3.ª divisão), bem como o Cuf-V. Setúbal e o Farense-Sporting em juniores. Mesmo que hoje nos chegasse o res-

pectivo pedido, o seu deferimento ficaria dependente das respostas dos clubes que, no sábado, são visitados. Se eles não se importassem dessa concorrência, então a transmissão seria autorizada. Ora isso é quase impossível que aconteça.

Ponto final no assunto: a TV está «proibida» de entrar no sábado, no Bessa, para a transmissão directa.

Já que falamos de actividades futebolísticas para sábado, está também programado um encontro entre as Associações e a Federação, onde (talvez) seja discutida a orgânica da próxima época oficial. Ou por outra: talvez se fique a saber quantos clubes descem de divisão, se há ou não «liguinhas», etc., etc., etc.

IMPRENSA DESPORTIVA

Continua a verificar-se grande movimentação na Imprensa Desportiva, em parte derivada do próximo aparecimento de um trisemanário que sairá para a rua exactamente nos mesmos dias em que é editada «A Bola»: 2.ª, 5.ª e sábados.

Esse trisemanário, a que estão ligados nomes do dirigismo desportivo de dois clubes muito populares (Sporting e Benfica), através de João Rocha e os drs. Nunes dos Santos, Martins Canaverde e Silva Resende, já possui instalações e maquinaria próprias, apenas o sinal de arrancada esteja dependente da escolha definitiva do director da publicação. No grupo de redactores, encontram-se figuras conhecidas do público leitor, na quase totalidade ainda em serviço noutros órgãos informativos. Como colaboradores, desde José Maria Pedrote até Matos Moura, está previsto o recrutamento de técnicos, para a formação dos leitores em bases de conhecimento dos problemas técnicos-tácticos das várias modalidades desportivas.

Em «O Sporting», semanário pertencente ao clube de Alvalade, o director actual (dr. José Manuel Salema) vai ceder o posto ao dr. João Xara Brasil, vice-presidente em exercício na colectividade leonina, durante largos anos redactor da revista «Flama».

Mudança, igualmente, em «Mundo Desportivo»: com a

passagem de Mário Zambujal para a chefia da Redacção do «Diário de Notícias» e dada a impossibilidade de poder associar essa tarefa com a direcção do trisemanário desportivo editado pela Empresa Nacional de Publicidade, o cargo de director do «Mundo Desportivo» deve ir a pertencer a Carlos Carvalho, antigo dirigente benfiquista que possui larga experiência da gerência de organismos desportivos, sobretudo cimentada pela sua passagem na A. F. L. e na Federação de Futebol. Autor de muitas crónicas sobre problemas do futebol, vindas a lume no jornal do Benfica e em «A Bola»; Carlos Carvalho conta já com a colaboração futura de alguns jornalistas que militam em outros sectores da Imprensa Desportiva.

Por seu turno, em «Record» houve larga movimentação, derivada da posição tomada por alguns elementos da Redacção, que resolveram formar um bloco e não continuar naquele jornal enquanto estivessem no elenco redactorial uma maioria de colaboradores que desampnam o lugar em «part time», devido a outros afazeres profissionais. É o caso (por exemplo) de Nelson Veiga, José Leite Pereira e Carneiro Jacinto, que passaram a ficar anexos à Redacção do «Diário Popular», embora ainda não compreendidos na ficha do «corpo redactorial em exercício».

Portugal

Na linha adoptada em outras latitudes, a Coelma deixou de praticar o ciclismo.

Leixões sem massagista para o seu «team» de futebolistas profissionais: Mano, que até aqui exercia essas funções, acaba de abandonar a colectividade, devido a afazeres pessoais.

Tiro ao arco: Torneio de Ano Novo, promovido pelo Lisboa Ginásio Clube, a partir das 13 horas do próximo dia 11 do corrente. Colaboram seis representações: Associação de Deficientes Motores, Ginásio Clube Português, Desportivo Lima-Maver, Desportivo do C. N. N., Sporting de Tomar e o próprio Lisboa Ginásio.

Basquetebol: para a Taça de Portugal jogam, amanhã, C. D. U. L. e Cruz Quebradense.

A Associação de Ténis de Mesa do Porto efectua, com início a 10 do corrente, um torneio de iniciados dotado com o Troféu Mundo Desportivo e jogos no salão dos Bombeiros Voluntários do Porto (R. Rodrigues Sampaio, 145, Porto).

Continua a disputar-se hoje o Campeonato Nacional de Voleibol da 1.ª Divisão (seniores masculinos) com os embates C. D. U. P.-Académica de

Coimbra, Escola de Peniche-Nacional de Ginástica e Técnico-Benfica.

Encontros de andebol inscritos na 9.ª jornada do «Nacional» de andebol de sete, prevista para o próximo sábado: Vitória de Setúbal-Beira-Mar, C. A. C. O.-Sporting, Belenenses-Boa Hora, Passos-Manuel-Almada, Benfica-Técnico e F. C. Porto-S. Mamede.

A integração do sector de arbitragem do hóquei patinado, até aqui dentro da orgânica da DGD, deve transitar para a orientação da Federação, em face de uma solicitação nesse sentido, tomada em plenário pelos árbitros. Ainda esta modalidade, para interpretação e aplicação das regras do jogo, foi constituído um Grupo de Formação (integrado por Vitor Manuel Ferreira, Carlos José da Silva, Fernando de Jesus Rodrigues, José Ferreira Trindade, Joaquim Montemor Candeias, Carlos Artur Bica e Manuel Dias Soares); no curso para árbitros foram aprovados 21 candidatos. João Ferreira de Freitas, Jorge Manuel Pais Miranda, José dos Anjos Sebastião, José Arnaldo Santos Lima, José Fernando Ribeiro, José Joel Alfalo de Sousa, José Manuel O.S. Bica, José Rocha Araújo, Justino J. Costa Vaz, Luciano Abreu Marques, Manuel da Cruz Abreu, António Gomes Antão, António Maria Marques, Carlos A. Soares de Oliveira.

Carlos Manuel M. Loureiro, Carlos Nelson S. Almeida, Clímério Baeta Ferreira, Daniel F. Contente, Eduardo José Coito Ferreira, Hilário Tavares Mendes Barata e João António P. Faria, para esta noite, na Casa do F.C. Porto em Lisboa, esta convocada uma reunião arbitral para dissecação de problemas do hóquei.

Sob a égide do F. C. Porto teve lugar o «I. Critério Norte de Patinagem Artística», para patinadores de idade compreendida entre os 11 e os 18 anos. Salientaram-se os praticantes que indicamos: Maria de Fátima Batista, Ricardo Nuno, Maria Antonieta dos Santos, Fernando Andrade, Maria João Freire, João Carlos Catalão e Isabel Brito.

Em Faro, nos dias 31 do corrente e 1.º de Fevereiro, efectua-se um curso distrital de informação de minitrapismo, levado a efeito pela Federação de Ginástica.

Herminio Barreto e Jorge Araújo são os novos responsáveis pela selecção nacional de basquetebol.

Na terceira ronda dos campeonatos lisboetas de ténis de mesa (seniores), os resultados verificados no tocante à 1.ª Divisão foram os seguintes: Casa Pia-Belenenses, 3-6; Benfica-Palmiras, 0-9; Sporting-Académica da Amadora, 5-4; Académica-Operário, 1-8; S. L. Aguias-C. Católico, 1-0. II Divisão: S. L. Amoreiras-Alhandrense, 8-1; Paço de Arcos-GIPA, 9-0; E. Amadora-Sp. Alenquer, 7-2; e Desp. Graca-F. C. Lisboa, 6-3. III Divisão: Mocidade Cristóvão (Campolide), 6-3; e Olivais Sul-Ramiro Jose, 1-8. IV Divisão: Alto Pina-Carcavelos, 3-6; Clube Operário-Rio de Janeiro, 9-0; Musical União-Cor-

vense, 9-0; e E. Alvalade-Alunos de Apoio, 5-4.

Os interessados na pratica do judo podem acorrer ao convite formulado pela Académica da Amadora.

Os juniores basquetebolistas do Ilhabet (Aveiro) são campeões distritais, após baterem, na última jornada do torneio, a turma do Sangalhos (por 24-18). Formam os titulares: Eurico, Geraldo, C. Jorge, Melo, Rui, Quim, C. Augusto, Grego, Chico e E. Julio.

Silverio Jones prossegue como presidente do Vitória de Setúbal.

Hermenegildo Fernandes (Estrela da Amadora) e o novo campeão lisboeta em ténis de mesa (4.ª categoria)

O «mestre internacional» Comando Silva assumiu novamente o comando isolado do campeonato nacional absoluto de xadrez, desta feita de forma que se afigura decisiva, já que resta apenas uma ronda para concluir o torneio. Resultados da 10.ª jornada, ontem disputada: António Tapadinhas, Vitor Simões, 1-0; José Bastos, Horacio Freitas, 1-0; Helder Sardinha, Silvino Santos, 0-1; Joaquim Durão, Michael Diamond, 1-0; Luis Santos, Fernando Silva, 0-1 e Joaquim Anibal, João Andersen, 1-0. A partida adiada da 9.ª jornada, entre Fernando Silva e Joaquim Durão, foi ganha pelo primeiro, em 58 lances. Classificação: F. Silva, 8-5 pontos; Durão, 8. L. Santos, 7. S. Santos, 6.5; Sardinha, M. Diamond, 6. Anibal, 5.5; Bastos, 5; Andersen, 4; Freitas, 2.5; Tapadinha 1 e Simões, 0.

INACREDITÁVEL!

INVASÃO DE CAMPO NUM JOGO DE JUVENIS

A febre da clubite como o «amor» exagerado de alguns pelo clube da sua simpatia leva alguns adeptos do futebol a atitudes que em nada dignificam a prática do desporto. Se uma invasão de campo é sempre reprovável, o que dizer se essa mesma atitude colectiva é tomada num jogo de juvenis, onde os atletas são jovens no início de uma carreira?

Pois, o inacreditável aconteceu: foi no domingo passado, no jogo Rio Ave-Varzim, a contar para a segunda fase do distrital de juvenis da Associação de Futebol do Porto.

Talvez que o encontro fosse apenas mais um, sem história alguma para contar a não ser a narrativa certa do maior poder da equipa visitante. Porém,

a indisciplina (ou a clubite) dos adeptos da turma da «casa» transformaram o acontecimento num triste espectáculo, quando a 20 minutos do seu termo, resolveram (pura e simplesmente) invadir o campo já o marcador acusava o resultado de 3-0, a favor do Varzim.

É claro que a atitude impensada de alguns, secundada por uma maioria, em nada veio beneficiar a turma da «casa»: que terá sofrido o vexame de ver (assim) o nome do seu clube negativamente nas páginas dos jornais. Sem falarmos já do traumatismo sofrido pelos jovens atletas, que ficarão pela vida fora a lembrar-se constantemente desta «aventura» dos seus conterrâneos.

Onde está a liberdade?

Telegrama da France Presse, enviado de Lucerna, informa:

«Dois internacionais do futebol húngaro, Josef Horvath, de 27 anos, e Laszlo Harsanyi, de 25, «escolheram a liberdade» encontrando-se actualmente na Suíça Central, sabe-se nos meios desportivos helvéticos.

«Os dois futebolistas solicitaram asilo político tendo a sua diligência sido hoje confirmada pelo Departamento (Ministério) Federal de Justiça e Política.

«Horvath e Harsanyi jogavam no Vjpesti-Dosza, actual campeão húngaro. Em 1 de Outubro último deslocaram-se com a equipa a Zurique, para disputarem com o F. C. Zurique um encontro correspondente

aos 1/16 de final da Taça dos Clubes Campeões Europeus. Regressaram nessa altura a Budapeste, mas voltaram à Suíça, por volta de 10 de Dezembro, acompanhados dos respectivos familiares.

«Por razões de segurança não foi revelado o local onde os refugiados húngaros se encontram instalados.

«Nos círculos ligados ao futebol helvético julga-se que Horvath e Harsanyi não terão dificuldade em firmar contratos, dada a sua alta craveira técnica. Admite-se, no entanto, que a Federação Húngara intervenha junto da F. I. F. A. no sentido de os dois jogadores serem impedidos de dar a sua colaboração a qualquer clube.»

Desporto

Ginástica: planificação e desenvolvimento

A Federação Portuguesa de Ginástica vai apresentar, às entidades superiores, um projecto para a formação de quadros para ensino e arbitragem, bem como melhoramento de praticantes.

Este projecto foi elaborado depois de uma série de reuniões entre os responsáveis pela Federação e figuras de relevo nos departamentos de formação e desenvolvimento da direcção-geral dos Desportos, e prevê a presença de candidatos a monitores (com idade mínima de 18 anos) e a treinadores. Os cursos terão 48 e 80 horas, respectivamente, estando perfeitamente balizadas as condições académicas que dão acesso a qualquer um deles.

O projecto, no entanto, não prevê apenas a realização destes cursos: no plano que foi agora distribuído à imprensa, pode ler-se que a Federação pensa (igualmente) na efectivação de cursos de informação, na concretização de estágios para ginastas e em convívios, bem como em cur-

sos de formação para a ginástica rítmica desportiva, que será também beneficiada com cursos especiais de monitores e treinadores.

De igual modo o plano contempla as especialidades de minitrampolim e cama elástica, mais a arbitragem. Trata-se (enfim) de um projecto que, a ser aprovado e cumprido, poderá dar bons frutos para a ginástica portuguesa, a todos os níveis.

CALENDÁRIO

Entretanto, foi já divulgado o calendário de provas para o corrente ano civil: ainda em Janeiro, vamos ter, na Amadora (dia 25) o «Torneio do Ano Novo», de Ginástica Desportiva e no dia 31, em Lisboa, o «Torneio do Ano Novo», para a Ginástica Rítmica Desportiva. Em Fevereiro, será disputado o Troféu «Almirante Gago Coutinho» (Ginástica Desportiva), organizado pelo Ginásio Clube Português.

Estas, as provas mais importantes para os dois primeiros meses deste 1976.



ALVALADE POVOADA SEM REI, NEM ROQUE

O membro mais credenciado da Câmara Municipal de Lisboa já prometeu ao Sporting a resolução do caso das «casas» clandestinas, que foram levantadas em terrenos do clube leonino. No entanto, as obras continuam, conforme se pode verificar nos documentos que publicamos: estas fotografias foram tiradas no ante-penúltimo dia do ano passado, já muito depois da promessa feita a João Rocha e demais representantes dos direitos leoninos. Todavia, as obras continuam. Ainda hoje. Até quando?

Judo no bom rumo

A recente realização, em Cascais, de uma jornada totalmente dedicada aos jovens judocas e, mais do que isso, a esplêndida resposta dada pelas quase duas centenas de novos praticantes, veio dizer-nos que a modalidade tem plena aceitação entre nós, que em muito poderá vir a contribuir para o alicerçar de uma camaradagem sã. Na verdade, o judo revelou-se como uma prática desportiva que favorece no jovem (e não só) a saída tonificante da sua carga agressiva, ganha através da própria essência humana ou tão apenas mercê da dureza dos deveres familiares ou escolares. Com o judo, o jovem aprende a utilizar a energia de modo vantajoso para a sua economia psíquica, dentro daqueles limites e daquelas regras que garantem também o exercício e observância dos direitos dos outros. Por outras palavras: o judo transformou-se numa autêntica escola de vontade, de disciplina de autocontrolo, de coragem.

Talvez porque a juventude já descobriu no judo toda esta verdade, a Associação Distrital

de Lisboa vai organizar, nos próximos dias 10 e 11, em local ainda por designar, o campeonato distrital de graduações, ao qual poderão concorrer todos os clubes, sendo necessário indicar, no respectivo boletim de inscrição, a nomeação dos atletas que os representam, número da respectiva licença federativa, graduação e data de nascimento. O prazo de inscrição termina no próximo dia 9 (6.ª feita), às 21 horas.

A competição irá desenvolver-se no sistema de eliminatórias (com repescagens) durante os combates 6 minutos (nas eliminatórias e repescagens), 8 minutos (nas meifinais) e 10 minutos (nas finais). No primeiro dia de provas realizar-se-ão as competições referentes às graduações de «cinco negros» (4.º e 5.º Kyus) e no dia 11 as provas referentes aos 1.º, 2.º e 3.º Kyus.

O judo está (pois) na ordem do dia: assim o quiseram os jovens, que o consideram como uma modalidade desapassionada e toda voltada para a camaradagem.

Lá fora

FIGURA APAGADA

O xadrezista junior António Pereira dos Santos (de Portugal), foi 23.º classificado, entre 32 participantes no campeonato europeu da categoria, ontem concluído na cidade holandesa de Groningen.

A prova foi ganha pelo estudante soviético (de 19 anos) Alexander Kochiev, que obteve o mesmo número de pontos do búlgaro Inkiov e do espanhol Pablo, mas foi proclamado campeão com base nos resultados dos jogos disputados na fase preliminar do torneio.

Classificação final dos dez primeiros: Kochiev, Inkiov, Pablo, 6 pontos; Trollidalen (Noruega), 5; Van Der Sterren (Holanda) e Olafsson (Islândia), 4,5; Littlewood (Grã-Bretanha) e Popovic (Jugoslávia), 3,5; Seelman (Grã-Bretanha) e Bernstein (Israel), 3.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56946, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Salvador, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 30 kV com 569 m do poste n.º 13 da linha para Alagoceira ao Posto de Transformação de Mancosa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do prazo prazos.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1976.

Dr. António Augusto da Silva
Dr. João de Deus

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA MARINHA MERCANTE AERONAVEGAÇÃO E PESCA

MOÇÃO

Considerando que se assiste actualmente a uma escalada de repressão, como ficou demonstrado no passado dia 1 de Janeiro (Dia Mundial de Paz), em Custóias onde a fúria assassina causou 4 mortos e dezenas de feridos e em Caxias onde a «nova polícia de choque» dispersou manifestantes a tiro e à coronhada.

Considerando que esta escalada visa intimidar os trabalhadores portugueses com vista a criar uma «nova ordem» social igual ou pior à que existia antes de 25 de Abril de 1974.

Propõe-se a aprovação da seguinte moção:

«Trabalhadores do Sindicato dos Administrativos da Marinha Mercante Aeronavegação e Pesca, reunidos em Assembleia em 5-1-76, repudiam, firmemente, a agressão de que foram vítimas os camaradas que se manifestaram em Caxias e Custóias, manifestando-se solidários com os militares e trabalhadores revolucionários presos»

Lisboa, 5 de Janeiro de 1976.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa

SEDE: Praça D. Luís, 17, 1.º-Dt.º — Telefs. 661102/3 LISBOA - 2

CONVOCATÓRIA

CAMARADA:

A Reunião de Delegados Sindicais deste ano, efectua-se na próxima QUINTA-FEIRA, DIA 8, pelas 20 horas, na Rua do Alcázar n.º 46-1.º em Lisboa.

Os assuntos muito importantes a discutir. NAO FALTES.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1976

A DIRECÇÃO

Geral

Nova suspensão na J.N.P.P.
(por determinação verbal)

A dr.^a Elizabete Pereira França Galamba, secretária da presidência da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, recebeu, através do Serviço de Pessoal, em 31 de Dezembro findo, uma carta (muito breve) com os seguintes dizeres:

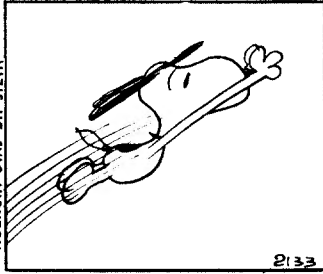
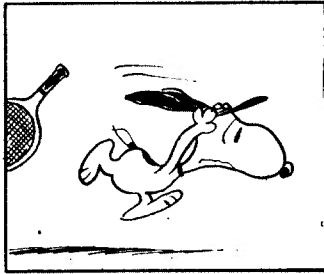
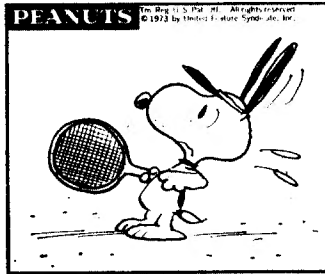
«No cumprimento do despacho de Sua Excelência o secretário de Abastecimentos e Preços comunico a V. Excelência que foi determinado que lhe seja instaurado um processo de inquérito e suspensão a partir desta data.»

Elizabete Galamba inquiriu dos motivos que levavam ao processo de inquérito e à sua suspensão — e, então, no dia

2 do corrente, recebeu a seguinte comunicação por escrito através do Serviço de Pessoal:

«Em aditamento ao ofício nº 2402/AF 1 de 31/Dez./75 e a seu pedido, informa-se que a suspensão que lhe foi comunicada por aquele ofício se fundamenta em determinação verbal de S. Ex.^a o secretário de Estado do Abastecimento e Preços.»

Nota final: a direcção da J. N. P. C., como oportunamente notificámos, fora suspensa há já alguns dias, tendo a Comissão de Trabalhadores considerado tal atitude como um saneamento à esquerda.



DEZ ANOS DE BAILADO

Para comemorar dez anos de actividade da Fundação Gulbenkian no sector do «ballet», encontra-se patente ao público uma exposição constituída por fotografias de bailado, guarda-roupa, maquetes de cenários e figurinos, e projecção de «slides».

O.U.A. — A ÁFRICA TEM QUE SE UNIR

Continuação da pág. 12

se, «o interesse nacional não seria bem».

A China tem-se juntado a este coro, merecendo os aplausos da orquestra: em 12 de Novembro, Amin felicitou Ford, Wilson e Mao tsé-Tung «pela sua atitude correcta na questão angolana». Holden Roberto não tem pejo em confessar que:

«Todos os meus soldados foram treinados por chineses. Sou um grande admirador dos chineses e do que eles já conseguiram, pois os chineses ajudam-me incondicionalmente.»

A CIMEIRA: QUE SAÍDA?

A próxima cimeira terá um papel relevante na definição da unidade africana. Especificamos. Conforme acentua Samora Machel, e já referimos, «o destino da revolução africana joga-se em Angola». Quando se fala em unidade africana, urge levantar a questão: **unidade entre quem, com que forças e com que finalidade?**

Para os dirigentes progressistas (e o conceito de progressista não pode ser entendido em África da mesma forma que o é utilizado na Europa, uma vez que as condições históricas são diferentes), a unidade não é uma fase abstracta, mas: «a condição sine qua non para um desenvolvimento completo e rápido não apenas na totalidade do continente, mas também de cada país.»

Mas ela, por si só, «Não resolverá os problemas. Ajudá-los-á a resolver!»

Unidade dinâmica, correspondente às mutações sociais e políticas próprias da época que atravessamos, capaz de dar uma resposta firme às provocações do imperialismo e vindo ao encontro das aspirações mais profundas dos povos africanos. **Como tal, terá de ter um conteúdo eminentemente anti-imperialista.**

Existem condições favoráveis para que o projecto da unidade avance em termos reais, não ainda pela «União dos Estados Africanos» proposta por N'krumah, mas através de acções concretas, como seja a solidariedade que neste momento se impõe à luta do povo angolano — os elementos de que dispomos levam-nos a encarar com um certo optimismo a próxima cimeira.

A intervenção descarada da África do Sul obrigará dirigentes ainda hesitantes a juntarem-se à frente anti-imperialista.

ta, que certamente irá apreciar o vergonhoso comportamento de Amin: «depois do reconhecimento da República Popular de Angola pela maioria dos estados membros da O. U. A., temos de exigir a demissão de Amin, presidente em exercício da O. U. A., pela sua traição à África. Não podemos tolerar nenhum compromisso com a política de Idi Dada. A conjuntura africana foi clarificada pela clivagem entre os Estados independentes e sinceros com a descolonização africana, agrupados à volta do M. P. L. A., e os Estados submetidos ao imperialismo, agrupados em torno de Amin, em plena e flagrante traição à carta da O. U. A. e convertido em porta-voz dos interesses imperialistas em África».

Os imperialistas preparam entretanto a sua cartada. Uma intensa campanha diplomática está a ser conduzida directamente por Kissinger, no sentido de levar Estados africanos a colocar no mesmo saco a agressão imperialista e a solidariedade dos países progressistas. Mas, como afirmou Ali Yata (16), «é da máxima importância para o povo trabalhador africano distinguir os amigos dos inimigos». E, na verdade, seria um erro tremendo se algum dirigente fosse influenciado pela propaganda abominável: como muito bem afirmou Mao tsé-Tung, «renunciar à ajuda da U. R. S. S. é votar a revolução à derrota. Não será que as lições da campanha anti-soviética o demonstram de forma inequívoca?»

As revoluções não se exportam; são produto de situações revolucionárias concretas, da mobilização popular. Mas, tal como a burguesia é solidária entre si, não conhecendo fronteiras, as forças progressistas também o são, pois os laços que as unem radicam-se na coincidência objectiva de interesses. Para o socialismo mundial, o apoio à luta de libertação tem a sua essência nos próprios fundamentos da teoria do socialismo científico. Como tal, é uma ajuda concreta «que visa permitir aos povos encetar a luta contra o neocolonialismo e o imperialismo nas melhores condições».

Conforme acentua o presidente da R. P. A., «o facto de a U. R. S. S. nos ajudar entregando-nos armas, não nos converte em satélites».

80 por cento do apoio ao povo vietnamita durante a guerra de libertação foi fornecido pela U. R. S. S. e será necessário ser-se «pró-soviético» para afirmar que o Vietname, Cuba, Guiné-Bissau ou Moçambique não são «satélites» da União Soviética?

UMA NOVA DEFINIÇÃO

As ideias panafricanistas, que estão na origem da constituição da O. U. A. não podem continuar a ser atraídas! A próxima cimeira servirá, sem dúvida, de impulso para uma redefinição dos princípios aprovados e tantas vezes espezinhados. Quando a Carta foi aprovada, em 1963, as delegações declararam estar:

«conscientes da responsabilidade em fornecer recursos humanos e materiais do continente para o avanço total dos nossos povos, em todos os campos, e determinados a defender e consolidar a independência, bem como a soberania e integridade territorial dos novos Estados, e na luta contra o neocolonialismo em todas as suas formas.»

As vanguardas anti-imperialistas em África, engrossadas com os novos países outrora sob a dominação colonial portuguesa, têm força suficiente, estamos confiantes, para fazer cumprir este princípio, contribuindo deste modo para a libertação do povo angolano e da África em geral. **A ÁFRICA TEM DE SE UNIR!**

- (1) «L'Afrique doit s'unir», Éditions Payot, Paris, p. 214
- (2) «Aspectos do Colonialismo Português», Seara Nova, 1974
- (3) Peter Enahoro, «África», Março de 1973
- (4) «Diário de Lisboa», 25-11-75
- (5) «Diário Popular», 30-12-75
- (6) «Diário de Lisboa», 12-12-75
- (7) in «Verwoerd», de A. Haple, Penguin, Londres
- (8) Relatório secreto sobre a C. I. A., divulgado pelo «New York Times», p. 97
- (9) Spínola, «No Caminho do Futuro», p. 97
- (10) Acta do Encontro Soares-Cunha, «Diário de Lisboa» p. 5
- (11) «Le Monde», 6-6-75
- (12) N'Krumah, obra citada
- (13) Julius Nyerere, Março de 1965
- (14) Sekou Touré, na mensagem a Nyerere e Kaunda
- (15) Secretário-geral do Partido do Progresso e Socialismo de Marrocos
- (16) Extracto do artigo «Sobre a Democracia Nova», Janeiro de 1940
- (17) Yves Fuchs, «A Cooperação, ajuda ou neocolonialismo?», Estampa
- (18) Entrevista a «Le Monde», «D.P.», 26-12-75

BARES • BOTES



NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364036/364197. Tina, Strip-tease

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264526/264527/264546

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA: PRAIA DA ROCHA 17,3°
MÍNIMA: P. DA SAÚDE 02,6°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 12,4°
Atmosfera 8,5°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 5°
COIMBRA 8°
PORTALEGRE 13°
LISBOA 14°
FARO 8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR 7.44 3,8 m
BAIXA-MAR 0.55 1,3 m
20.10 3,5 m 13.25 1,3 m

Dia 8

8.24 3,6 m 1.39 1,5 m
20.54 3,3 m 14.10 1,5 m

Dia 9

9.12 3,4 m 2.29 1,7 m
21.49 3,2 m 15.04 1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo; vento fraco; formação de geada nalguns locais do interior a Norte do Tejo.

AMANHÃ

NAScer AS 8.55
OCASO AS 18.31

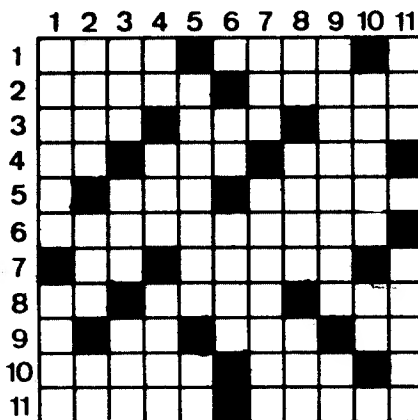
DIA 9 DIA 17 DIA 24 DIA 31

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11263

HORIZONTAIS:

- 1 Em mais alto grau. Carta geográfica.
- 2 Venero. Mariola.
- 3 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Ninho. Medida de superfície.
- 4 Preposição e artigo definido. Povoação do concelho de Condeixa. Ave perneta.
- 5 Rio de Portugal. Espécie de barro.
- 6 Separaria.
- 7 Artigo indefinido. Fazer horas, matar o tempo.
- 8 Li. Pequeno vaso de vidro geralmente para beber. Espádua.
- 9 Pronome pessoal. Base aérea portuguesa. Brisa.
- 10 Ligara. Medida de superfície.
- 11 Vagueias. Peneira.



VERTICAIS:

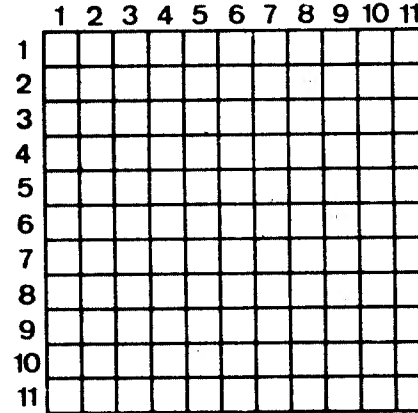
- 1 Ludibriada. O mesmo que vali.
- 2 Nome de homem. Nome de homem. Caminhar.
- 3 Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Armaria. Oceano.
- 4 Senhor. Nome de mulher. Cerume.
- 5 Nora. Carta de jogar.
- 6 Seguia. Vaso, em forma de copo, dentro do qual se agitam os dados antes de se lançarem.
- 7 Estimo. Crianças.
- 8 Utensílio doméstico. Vagueia. Arara.
- 9 Aquele que trabalha em arame. Pertences.
- 10 Lavrada. Ruim.
- 11 Pronome relativo. Impulso.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7423

HORIZONTAIS:

- 1 Argila. Extraem.
- 2 Impio. Gato bravo de Madagáscar.
- 3 Figura que simboliza o povo americano. Coragem. Língua negro-africana, falada na margem esquerda do alto Baler-el-Gebel.
- 4 Levantara. Rezara.
- 5 Oportunidades. Dou marra-das.
- 6 Amofina. Guarnecei de asas.
- 8 Sacrifício do sangue e corpo de Cristo, celebrado no altar pelo sacerdote. Virgulas dobradas.
- 9 Cólera. Monarca. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- 10 Galinha de Java. Amofinai.
- 11 Praia. Formais as abas a.



VERTICAIS:

- 1 Tecido de algodão. Ameba.
- 2 Carregar. Encolerizar.
- 3 Movera os remos. Remedeia.
- 4 Estrépido de desmoronamento. Ordinário. Basta.
- 5 Morada. Terra nova e arro-teada de fresco.
- 6 Nome de Buda, na China.
- 7 Cidade de Itália. Encoleriza.
- 8 Artigo definido. Planos. Prefixo que designa afastamento.
- 9 Guardara segredo. Cidade da Jugoslávia.
- 10 Acudi. Pequeno lâminure de Madagáscar do tamanho de um gato muito manso e preguiçoso.
- 11 Serra de Portugal. Empre-gais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11262

HORIZONTAIS:

- 1 É. SEMPRE. Em.
- 2 Maia. Sónsa.
- 3 Bois. Napo.
- 4 Oro. Lu. Sés.
- 5 Matas. Lo.
- 6 Deus. Voar.
- 7 Aa. Raiva. Re.
- 8 Pó. Mera.
- 9 Apartar. Mat.
- 10 Marão. Aceno.
- 11 Aro. Sa. Anãs.

VERTICAIS:

- 1 BOM. Aramá.
- 2 Morada. Par.
- 3 Saiote. Paro.
- 4 Eis. Aurora.
- 5 Ms. Assa. Tos.
- 6 Cr. Imá.
- 7 Js. UL Vera.
- 8 Eon. Ovar. Ca.
- 9 Naa. Amen.
- 10 ESPERAR. Ana.
- 11 Mãos. Restos.

Provérbo: É SEMPRE BOM ESPERAR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7422

HORIZONTAIS:

- 1 Calim. Lemos
- 2 Aromara.
- 3 Rs. Árabe. ML.
- 4 Roa. Tui. Pia.
- 5 Arpos. Ocio.
- 6 Aru. An.
- 7 Neo. Aar.
- 8 Damão. Cacto.
- 9 Alão. Sues.
- 10 Mar. Cós. Lia.
- 11 Asais. Atoai.

VERTICAIS:

- 1 Corra. Adama.
- 2 Sora. Alas.
- 3 La. Aprumara.
- 4 Ira. Ou. Ao.
- 5 Morta. Nô. Cs.
- 6 Mau. Pô. Bo.
- 7 Lábio. Oc. Sa.
- 8 Eré. As. As.
- 9 Ms. Pináculo.
- 10 Mio. Ateia.
- 11 Sola. Proai.

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO M-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 712682)

AMOREIRAS
D. João V. R. D. João V. 16 (T. 682772)

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653)

AREIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 727721)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, P. Duque Saldanha, 14 (T. 41845)

BELEM
Remisio, R. dos Jeronimos, 14-C (T. 631699)

BENFICA
Benfica, E. de Benfica, 678-E (T. 702532)

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304)

OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (T. 31109)

PENA
Americana, C. de Santana, 3 (T. 863984)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728395)

S. BENTO
Confiança, P. das Flores, 59 (T. 690401)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (junta da Escola Técnica do Bairro Azul) (T. 44000)

SETE RIOS
Laranjeira, R. Filipe da Mata, 160 (T. 761035)

TURNO M-2

TODA A NOITE

ALCANTARA
Correia de Azevedo, R. Luis de Camões, 42-B (T. 538625)

ALVALADE
Avis, Av. de Roma, 56-B (T. 715370)

AREIRO
S. Jorge, L. do Leão, 3-B (T. 534027)

BAIRRO ALTO
Azevedo Irmão e Veiga, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, P. Norte, 11-A (T. 31216)

BENFICA
Vitez, E. de Benfica, 373-B (T. 780548)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807)

CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10 (T. 771661)

CONDE REDONDO
Davi, R. Conde Redondo, 68 (T. 54342)

GRACA

Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)

LAPA

Paiva da Costa, R. da Lapa, 105 (T. 664414)

LUMIAR

Central, R. do Lumiar, 77 (T. 790480)

S. VICENTE

Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (T. 864351)

XABREGAS

Grilo, R. do Grilo, 25 (T. 385204)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C. G. Guerra, 64 (T. 2112070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Toda a noite

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas

NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. S. Boia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas

PARADE
Aisur, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (T. 2472948). Toda a noite

ESTORIL
Amoreira, Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Suica, Cruzeiro (T. 260087). Toda a noite

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 22 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149); Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Venda Nova

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, Vila (T. 2930155)

COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Silva Junior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º piso E (T. 2768030)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (T. 2073443)

COVA DA PIEDADE
Corqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (T. 239029)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 223028)

SETUBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (T. 22488); Louro, R. Frei Antonio Chagas, 24-A (T. 24491)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 26

ATÉ ÀS 22 HORAS

Vilarinha, Rua da Vilarinha, 161; Bonfim, Rua do Bonfim, 73; Guerra, Rua de Costa Cabral, 43; Guimarães, Rua de Francisco, 37; Lemos e Filhos, Praça de Carlos Alberto, 31; Liga das Ass. Soc. Mútuas, Rua do Bonjardim, 286; Castro Carneiro, Rua do Padre Cruz, 146; Henriques, Praça da Batalha, 64-A; Moreno Ld., Largo de S. Domingos 44; Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645; Vasques, Rua dos Condomínios, 794

A PARTIR DAS 22 HORAS

Moreno, Ld., Largo de S. Domingos, 44; Bonfim, 73; Guimarães, Rua de Francisco, 37 e Vasques, Rua dos Condomínios, 794.

COIMBRA

Baptista, P. da Republica, 9 (T. 23747); Estádio, R. do Graal, 349 (T. 24410); Miranda, P. do Comercio, 41 (T. 23261)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Schwerk na II Guerra Mundial»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Família até Certo Ponto»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zel»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.45 (13 anos)
«O Soldado e o General»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Trapos e Rendas»

COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

ADOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«Os Inseparáveis»

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«A volta ca te espero»

EUROPA
21.30 (18 anos)
«Decameron Proibido»

CINE-BOLSO
21.30 (13 anos)
«O Vale»

PARIS
21.15 (13 anos)
«Uma Mulher é uma Mulher»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Partillon»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Os Contos de Canterbury»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Sua Excelência Gostava de»

IDEAL

21.15 (14 anos)
«O Jovem Leão»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Frankenstein Junior»

Oxford
21.15 (18 anos)
«O Rally das Zonas»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
«Emmanuel»

Carlos Manuel
21.15 (14 anos)
«Gigante do Mar»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Acto de Vingança»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Mais Bela Vingança»

PORTO/Teatros

CIRCO
21.15 (6 anos)
Mundial Circus

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aina»

ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia»

S. JOÃO
21.15 (6 anos)
«Uma Ilha no Tecto do Mundo»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
Adolescente Perversa.

JULIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Terrível vingança»

BATALHA
21.15 (6 anos)
«Os Malucos vão à Guerra»

ESTUDIO FOCO
21.15 (6 anos)
«isto é Espectáculo»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Vingança de Monte Cristo»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Caminhos do Prazer»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«O ultimo beijo»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Onde e que Doi?»

TRINDADE
21.15 (13 anos)
«0077 Agente Indecente»

AGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«4 Cavaleiros do Kung Fu»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (6 anos)
«Herbie... um Carochado Diabólico»

S. TEOTÔNIO
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Adolescente Perversa»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O Vigilante»

cinemas

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Muitissimo atrevido

METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO!

Antonio Cantafora, Mellinda Pillon

CALEIDOSCOPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos M/6 anos

Walt Disney productions

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura para além da imaginação

5.ª Semana

UNIVERSAL

T. 774402 15.00, 19.00 e 22.00

Não acons. a menores de 13 anos

ERICA MINOR

17.00 e 20.30

CAMARADAS

de Marin Karmitz

EDEN

T. 320769 Hoje estreia as 21.15

Int. a men. 18 anos

O CAMPEÃO DOS BOXERS

de Tiang Perng e Jang Chiang

as 14, 16.30 e 19 h.

O JUSTICEIRO DA NOITE

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

A mais louca comédia do ano

o grande espectáculo das férias

A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ

c/ Pierre Richard - Jane Birkin

IMPERIO

T. 555134 15.15 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Lando Buzzanca e Rossana Palestra em

4.ª Semana

Colorido

CASAMENTO DO PADRE

Hoje as 18.30

Não acons. m. 18 anos

O CONFORMISTA

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

7.ª semana de êxito total (colorido)

A comédia de sexo e de pecado à solta

COMO CAÇAR UM MARIDO

Contem cenas eventualmente chocantes

Um festival malandrines «secretas»

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Charles Bronson

O JUSTICEIRO DA NOITE

Um filme de Michael Winner

Em 3.ª Semana

ROYAL

T. 865037 21.30

Não acons. m. 18 anos

NOS ASMULHERESSOMOSASSIM

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO

Col. 2.ª semana

O «SEXO» ANDA EM ESCAPE LIVRE

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. men. 18 anos

O grande filme das festas!

YUPPI DU

5.ª Semana

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Para todos M/6 anos

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

Com Les Charlots

APOLLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A história de Fernão Capelo Gavota

2.ª semana

A AVENTURA, A PERFEIÇÃO, A LIBERDADE

Hoje as 24 h (Grupo D. M. 18 anos)

A AMANTE DE NELSON

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BREVE ENCONTRO

Com Sophia Loren, Richard Burton

Colorido

3.ª semana

CASINO ESTORIL

T. 26 4621 17.00, 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

FRANKENSTEIN JÚNIOR

ROXY

T. 48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Richard Chamberlain, Trevor Howard

A VINGANÇA DE MONTE CRISTO

A figura heroica de uma história de gerações

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JEREMY, O PRIMEIRO AMOR

Palma de Prata no Festival de Cannes 3.ª semana

RESTELO

T. 610375 21.00

Int. a men. 18 anos

A LOJA DO SEXO

AVIS

T. 47,63 15.30, 18.30, 21.15

Para todos maiores de 6 anos

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

4.ª Semana

Com Les Charlots

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Sylvia Kristel, Jean Luis Trintignant

BRINCANDO COM O FOGO

4.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

Interdito a menores 18 anos

J RALLYE DAS GOZONAS

Este filme contém cenas event. chocantes

2.ª semana

PATHE

T. 821933 Estreia as 21.15

Não acons. men. 18 anos

uma oferta que não pode recusar

A OUTRA FACE DO PADRINHO

um filme de Franco Prosperi

MUNDIAL

T. 538743 Noite de estreia 21.30

(Não acons. m. 18 anos)

SUA EXA, GOSTAVA DE SAIAS

As 15.15-18.15 Maiores 18 anos

YUPPI DU



REASSERÇÃO GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
 RUA CASTILHO, 105, 1.º, 2.º
 TEL. 64631/2/3/4
REASSERÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS
 E PUBLICIDADE
 RUA LUZ SOBRADO, 44
 TEL. 321154/5, 32621/2/3
 RUA DA ROSA, 75
 END. TEL. DÍGUA TEL. 12363
 LISBOA-PORTUGAL

Horário de trabalho a nível nacional no Conselho de Ministros

Com um ponto prévio sobre os recentes aumentos de preços e consequente reacção do público consumidor, começou esta tarde no Palácio de S. Bento mais uma reunião do Conselho de Ministros.

O VI Governo reúne com uma agenda sobrecarregada. Dos inúmeros pontos deve destacar-se aquele que respeita ao horário de trabalho a nível nacional, por ser o de maior interesse para a generalidade da população portuguesa.

Outros pontos que a agenda inclui são, por exemplo, a na-

cionalização das empresas distribuidoras de cervejas e a reintegração de alguns saneamentos no âmbito do M.E.I.C.

Devem ser igualmente abordados a criação de um organismo de cooperação económica sugerido pelo ministro da Cooperação, Vítor Crespo, e a indemnização ao iate «Apollo» pelos danos que lhe foram causados, como então se noticiou, no porto do Funchal, em destruições pretextadas pela suspeita de se tratar de uma organização dependente da C.I.A.

Negociações com a C.E.E.

Parte amanhã para Bruxelas a delegação portuguesa à primeira reunião da Comissão Paritária Mista Portugal-C. E. E., presidida pelo dr. Vasco Vieira de Almeida, embaixador itinerante do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A delegação portuguesa, que engloba técnicos de vários departamentos governamentais ligados às questões económicas, irá coordenar, com os delegados do Mercado Comum, a preparação de projec-

tos a serem apresentados por Portugal ao Banco Europeu de Investimentos, no quadro da ajuda excepcional de urgência já decidida pela C. E. E. e cujo montante ascende a cerca de 5 milhões de contos.

Os projectos concretos para investimento a apresentar pela delegação portuguesa referem-se a olefinas (Sines), aromáticos (Porto-Sacor), apoio a pequenas e médias empresas e ainda transportes públicos.

Timor Enviado da O.N.U. vem a Lisboa

O representante especial do secretário-geral da O.N.U. na disputa em Timor-Leste, Vittorio Winspeare Guicciardi, parte hoje de Nova Iorque para Lisboa, onde é esperado amanhã. Na capital portuguesa travará conversações com membros do Governo, seguindo depois para Timor, via Austrália, onde deverá chegar nos primeiros dias da próxima semana.

Vittorio Guicciardi avisou-se ontem, na sede das

Nações Unidas, com os representantes da Indonésia e de Portugal naquele órgão internacional.

A missão do representante especial de Kurt Waldheim relaciona-se com o cumprimento de uma resolução do Conselho de Segurança de 22 de Dezembro último a qual recomendou um estudo profundo da situação antes de qualquer decisão definitiva sobre Timor-Leste.

Ameaça do Governo espanhol

Continuação da pág. 1

greve anterior, em 1969, sujeitaria os grevistas a serem julgados por tribunais militares por desobediência, se não se apresentassem ao serviço.

Observadores notaram que o Governo, formado no mês passado e que é o primeiro do reinado de Juan Carlos I, após o falecimento do Caudillo, adoptou uma atitude intransigente acerca da disputa, que afecta cerca de 1 500 000 passageiros que utilizam diariamente os comboios do Metro.

O Município pôs, entretanto, nas ruas mais autocarros para servirem o público e o alcaide de Madrid lançou um apelo à cooperação de todos os trabalhadores.

MANIFESTAÇÃO PRO-AMNISTIA

ELCHE (ESPANHA), 7 — (Anop) — Convocadas pelas organizações ilegais — Esquerda Democrática e Conselho Democrático de Elche, várias centenas de pessoas manifestaram-se ontem à noite na praça do Generalíssimo, de Elche, clamando por uma amnistia política.

Nove dos manifestantes tentaram sem êxito entregar ao alcaide de Elche, que por ser dia de festa não se encontrava no Município, um manifesto em 1169 assinaturas solicitando aquela medida.

CAMACHO DIZ «NÃO» À GUERRA CIVIL

PARIS, 7 — (Anop) — O dirigente sindicalista espanhol Marcelino Camacho declarou ontem que deve ser evitada a todo o custo uma nova guerra civil em Espanha, na sequência da luta para o restabelecimento das liberdades democráticas no país.

O presidente das Comissões de Trabalhadores Espanhóis venceu numa conferência de imprensa «a sua determinação de seguir uma via pacífica para a liberdade».

«No que nos diz respeito, a insurreição e a guerra civil não são um desporto, pelo que temos de evitar a todo o custo a morte de espanhóis».

«Procuraremos obter as mudanças democráticas por intermédio das massas e não pela guerra civil» — salientou Marcelino Camacho.

Vitórias do M.P.L.A. dão força à África progressista

A 24 horas do início da sessão do Conselho de Ministros da Organização da Unidade Africana (O.U.A.) em Adis Abeba, que precede a «Cimeira» marcada para o próximo dia 10 (ver pág. 12), as recentes vitórias obtidas pelo M.P.L.A. na frente norte reforçam a posição das nações africanas que já reconheceram a República Popular de Angola. Tentando consolidar ainda mais esta situação, as F.A.P.L.A. lançaram também uma poderosa ofensiva na frente sul, ao longo da linha Porto Amboim, Gabela, Quibala onde se concentram importantes efectivos das forças invasoras sul-africanas.

Numa tentativa para neutralizar os êxitos do M.P.L.A. no campo militar, as forças agressoras, formadas essencialmente por elementos do Exército regular da África do Sul, lançaram, por sua vez, uma poderosa investida contra a estratégica cidade de Malanje, enquanto, no campo diplomático, os Estados Unidos, a Inglaterra e a República Federal Alemã se envolvem em movimentações de última hora, tentando recrutar para o seu campo o maior número possível de nações africanas.

No que se refere à situação no terreno de batalha, tanto a norte como a sul de Angola, parece muito pouco provável, se não de todo impossível, que qualquer acção das forças invasoras possa ofuscar as vitórias obtidas pelas F.A.P.L.A. nos últimos dias. Todos os observadores parecem unânimes em reconhecer que o potencial ofensivo e o moral das F.A.P.L.A. são incomparavelmente superiores aos do inimigo pelo que não só poderão resistir

a qualquer ofensiva de maior vulto, como será mesmo de prever que os combates, que actualmente travam, se desenvolverão a seu favor. A F.N.L.A. encontra-se derrotada no seu próprio campo — o norte — e a U.N.I.T.A., forçada a uma dispersão de forças a leste, centro e sudoeste, não parece estar em condições de resistir muito tempo, sobretudo se se vir privada do auxílio do seu principal aliado, a África do Sul. Quanto a esta, as suas tropas regulares, obrigadas a despende o maior esforço da guerra, dada a desmoralização e a indisciplina do Exército de Savimbi, têm sofrido duros reveses os quais, desde o passado dia cinco, se saldaram em mais seis mortos, entre os quais um brigadeiro e dois capitães, que perderam a vida quando o avião em que seguiam foi abatido. Finalmente, o comando mercenário formado por elementos do E.L.P., e centralizado em torno da figura do ex-tenente-coronel Santos e Castro, face aos desaires ultimamente sofridos, encontra-se desprestigiado e há informações de que aumenta a resistência à obediência às suas ordens, especialmente por parte das tropas zairenses concentradas no norte do país.

No campo político, as pressões que estão a ser exercidas por países ocidentais, liderados pelos Estados Unidos, no sentido de demover diversas nações africanas da sua intenção de apoiar o M.P.L.A., não têm surtido o efeito desejado, e são mesmo repudiadas vivamente, como no caso da Nigéria que, a uma «sugestão» de Washington para que condenasse o auxílio soviético ao

M.P.L.A., respondeu classificando-a de «fútil tentativa da administração de Ford para insultar a inteligência das nações africanas e zombar da dignidade do Homem negro». E acrescentou: «Caso a administração de Ford não se recorde, a U.R.S.S. e Cuba tornaram a causa angolana a sua própria desde os primeiros dias de luta de libertação». Idêntica atitude tem sido assumida por outras nações, como a Tanzânia, Somália e Etiópia, países que lideram, ao lado das ex-colónias portuguesas, toda uma campanha de sinal contrário, a qual levou já 21 Estados africanos a reconhecerem a República Popular de Angola, o último dos quais foi a Líbia. As pontas de lança pró-ocidentais serão representantes, nas reuniões da O.U.A., pelo Zaire, patrono da F.N.L.A. e pela Zâmbia, que vem alinhando com a U.N.I.T.A.

Nas vésperas da importante reunião da O.U.A., apresentam-se igualmente como balda dos os esforços dos Estados Unidos para levarem a União Soviética a retirar o auxílio ao movimento do dr. Agostinho Neto. Com efeito, um porta-voz da Casa Branca acaba de tornar público que «nenhuma solução do problema angolano» se registou no encontro havido ontem entre Henry Kissinger e o embaixador da U.R.S.S. em Washington Dobrynine.

Como último elemento de pressão sobre os Estados membros da O.U.A., assinale-se uma tomada de posição pública do secretário-geral da O.N.U., Kurt Waldheim, condenando toda a intervenção estrangeira no problema angolano e manifestando esperança de que igual posição seja assumida em Adis Abeba.

Destruida no Porto a Cooperativa Árvore

Continuação da pág. 1

tragos causados indica que o engenho explosivo terá sido colocado no interior do edifício na sua parte central diante da porta de entrada dado que é nesse local que se registam os maiores danos. O edifício, casa apalaçada de estilo antigo, com mais de um século de existência, ficou praticamente destruído. O telhado parece ter sido quase todo levantado pela explosão e as divisórias interiores sofreram profundas destruições. Centenas de vidros das casas fronteiras, incluindo o Palácio da Justiça do Porto, ficaram partidos, numa extensão de cerca de 100 metros ao longo do Passeio das Virtudes. As paredes do edifício da Cooperativa, apesar de grossas, ficaram fundidas nas zonas das janelas.

Pouco depois da explosão que provocou enorme pânico em toda a vizinhança, algumas pessoas vieram para a rua e, segundo nos disseram esta manhã alguns dos moradores o estrondo parecia ter sido como o de um trovão. Outros declararam-nos que as pessoas ficavam na rua a olhar para os lados à procura do local onde a explosão se teria registado perguntando «onde é que será, temos que ir ver». Isto aconteceu, nomeadamente, segundo nos disseram, com pessoas que se encontravam numa «boite» do Passeio das Virtudes e que foram igualmente surpreendidas pela força da explosão. Também esta manhã se registou grande afluência de pessoas que comentavam o sucedido gerando-se, por vezes, fortes discussões.

Na sede desta cooperativa funcionava actualmente o local de reunião da Comissão Antifascista de Apoio aos Revolucionários Presos (CAARP), onde se têm realizado diversas reuniões entre familiares dos militares e civis detidos em Custóias com a comissão de advogados que apoiam e se propõem defender esses mesmos detidos. Foi também na «Árvore» que se realizou recentemente a conferência de imprensa dada por dois elementos do Comité Russell para Portugal.

Em contacto esta manhã com o dr. Arnaldo Saraiva, professor da Faculdade de Letras do Porto, e actual dirigente da Cooperativa «Árvore» foi-nos dito «que isto mais do que um acto terrorista é um acto fascista que nos inquieta na medida em que outros idênticos têm sido praticados impunemente».

O dr. Arnaldo Saraiva acrescentou ainda que «dado o passado desta cooperativa e o valor das suas actividades no plano da cultura, este acto é absurdo mesmo se se tiver em conta a lógica obscurantista».

Pouco provável a transferência de militares

LISBOA, 7 — (ANOP-«DL») — «Nenhum preso de Custóias veio para aqui nem temos notícias de que alguém venha a ser transferido», afirmou à ANOP um elemento da Prisão Hospital da Guarda.

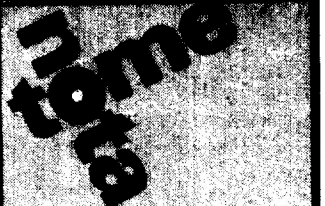
Aquele elemento afirmou ainda que há cerca de um mês tinham estado naquela prisão três elementos do Conselho da Revolução, tendo chegado à conclusão que «não havia condições, nem sanitárias nem de segurança».

«Também a nosso ver, não existem condições principalmente sanitárias, pelo que não se prevê nenhuma transfe-

rência para aqui», concluiu aquele elemento da Prisão Hospital da Guarda.

«Expresso» volta a ser semanário

«Expresso-Extra» suspendeu hoje a sua publicação. Por duas razões — pode ler-se na última edição do «Expresso» às quartas-feiras: a agora menor «ansiedade política» que justificou o aparecimento do «Extra» em Outubro passado, e a preocupação de preterir a quantidade à qualidade.



SPÍNOLA

O ex-general Spínola teve honras de página e meia na edição de sábado de «O Comércio do Porto». Na longa entrevista, da responsabilidade de Fernando Barradas e Silva Tavares, o homem que autorizou a invasão da Guiné-Conakry, refere-se aos acontecimentos do 25 de Novembro, do seguinte modo:

«O 25 de Novembro marca uma fase importantíssima no processo de democratização do País, ao conterem-se as forças anti-democráticas que comprometeram o processo de democratização que o 25 de Abril visava instaurar, consolidar e desenvolver. Os oficiais patriotas e democratas que conseguiram conter o golpe de Estado comunista iniciaram um processo que visa a criação das tais condições técnicas mínimas para o funcionamento de democracia que o MDLP luta».

Ainda Spínola: «quanto ao brigadeiro Pires Veloso considero que vem tomando atitudes de patriota e democrata».

SOUSA E CASTRO

O capitão Sousa e Castro, membro do Conselho da Revolução, afirmou entretanto, em entrevista ao nosso colega «A Capital»:

«A tônica dominante do pós-25 de Novembro é, aliás, o aproveitamento que algumas forças políticas de direita dele querem fazer. Que, assinala-se, na minha perspectiva o papel que foi jogado pelas forças políticas, no decurso e após o 25 de Novembro, carecerá ainda de uma análise profunda».

«APRENSÕES»

O «Expresso», que vem por sua vez, fazendo uma hábil campanha contra Costa Gomes, Melo Antunes e todos os militares ainda interessados no socialismo, faz-se eco, no seu último número, das «aprensões» dos militares operacionais «que planearam a contenção do golpe».

O articulista, Augusto de Carvalho, depois de, veladamente criticar os conciliadores, e o legalismo da Polícia Judiciária Militar (que parece ter constatado a inexistência de qualquer golpe no 25 de Novembro) diz acerca dessas «aprensões»:

«Estes militares, que se estavam a preparar para levar até ao fundo a descoberta dos fautores dos golpes e contragolpes, para os quais preparavam uma resposta militar, já se encontram perante novos factos e factos consumados que classificam segundo as suas próprias expressões, de filhos do golpismo: os acontecimentos em Caxias e em Custóias, preparando-se já para assistir à instrumentalização dos mortos e feridos».

